



**ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE SANTARÉM**  
**MESTRADO EM EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR**

# **INVESTIGAÇÃO NA PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA**

**“Brincar ao sabor do vento: potencialidades do brincar  
livre ao ar livre”**

Eliana A. Dias dos Santos Henriques

Orientadora

Professora Doutora Helena Luís

**Santarém**

**2019**

## Resumo

Apresenta-se um exercício investigativo sobre a prática, concretizada através das observações e experiências que ocorreram durante o percurso de estágio no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar em contexto de jardim-de-infância.

Do ponto de vista metodológico, o trabalho enquadra-se numa abordagem qualitativa, sendo, ainda, baseado na metodologia investigação-ação, onde o principal objetivo é a conceção e desenvolvimento de um projeto curricular sustentado na investigação sobre o brincar livre ao ar livre em jardim-de-infância.

Nos dias de hoje, é frequente a prática pedagógica em contextos de educação-de-infância focalizar-se, sobretudo, no que acontece dentro da sala de atividades, ignorando-se as potencialidades do espaço exterior da instituição para o bem-estar e desenvolvimento infantil.

Este estudo visa indagar as virtualidades destes espaços para as aprendizagens das crianças, valorizando-se o brincar livre, o contacto com a natureza e as experiências de desafio, como elementos potenciadores de um crescimento saudável, despertando, deste modo, a consciência dos educadores para a necessidade de mudanças na organização dos espaços exteriores, suscetíveis de serem transformados em espaços mais ricos e impulsionadores de brincadeiras diversas e de atividades desafiadoras.

**Palavras-chave:** Brincar; Desenvolvimento; Educador de infância; Espaço exterior; Jardim-de-infância.

## Abstract

An investigative exercise is presented about the practice carried out through the observations and experiences that took place during the traineeship course within the scope of the Master's Degree in Pre-School Education in a pre-school context.

From the methodological point of view, the work fits in a qualitative approach, being based on the research-action methodology, where the main objective is the design and development of a curricular project based on the research on the outdoor free play.

Today, the pedagogical practice in childhood education contexts is mainly focused on what happens inside the classroom, ignoring the potential of the institution's outdoor space for child welfare and development.

This study aims to investigate the possibilities of outdoor spaces in children development and learning, valuing free play, the contact with nature and the experiences of challenge, as enhancers of healthy growth, thus raising educators' awareness to the need for change in the performance and organization of outdoor spaces. These can be transformed into richer spaces that encourage diverse games and challenging activities.

**Keywords:** Play; Outdoor education; Early childhood education, Child development and Learning; Preschool.

## Dedicatória

Aos meus pais, sogros, namorado, restante Família e aos grandes Amigos, por todos os dias me darem uma enorme força para continuar...

Ao meu avô, colecionador de vitórias, mas que a esta não pôde assistir...

À minha orientadora, Doutora Helena Maria Ferreira Moreno Luís,  
pela sua orientação competente e imprescindível...

A todo(a)s o(a)s educadores(a)s proporcionadore(a)s de oportunidades de as crianças  
brincarem em espaços exteriores desafiadores, estimulantes e repletos de magia...

## Índice

Resumo .....	i
Abstract .....	i
Índice de Figuras .....	vi
Índice de Quadros .....	vi
Lista de Anexos .....	vi
Lista de Abreviaturas .....	vi
Introdução.....	1
PARTE I – COMPONENTE PRÁTICA .....	4
1. Contextualização da Prática do Ensino Supervisionada .....	4
1.1. Caracterização do contexto institucional – Valência de creche.....	4
1.1.1. <i>Instituição</i> .....	4
1.1.2. <i>Grupo de crianças</i> .....	5
1.1.3. <i>Ambiente educativo</i> .....	6
1.1.3.1. <i>Organização dos grupos</i> .....	6
1.1.3.2. <i>Organização dos espaços</i> .....	6
1.1.3.3. <i>Organização do tempo</i> .....	7
1.1.4. <i>Projetos pedagógicos</i> .....	8
1.1.4.1. <i>Projeto da Instituição</i> .....	8
1.1.4.2. <i>Projeto de turma</i> .....	8
1.1.5. <i>Princípios da prática pedagógica da educadora cooperante</i> .....	9
1.1.6. <i>Projeto de Intervenção: “Crescer e Brincar a Partilhar”</i> .....	9
1.2. Caracterização do contexto institucional – Valência de Jardim-de-Infância .....	12
1.2.1. <i>Instituição</i> .....	12
1.2.2. <i>Grupo de crianças</i> .....	13
1.2.3. <i>Ambiente educativo</i> .....	14
1.2.3.1. <i>Organização dos grupos</i> .....	14
1.2.3.2. <i>Organização dos espaços</i> .....	14
1.2.3.3. <i>Organização do tempo</i> .....	15
1.2.4. <i>Projetos pedagógicos</i> .....	15
1.2.4.1. <i>Projeto de turma</i> .....	15
1.2.5. <i>Princípios da prática pedagógica da educadora cooperante</i> .....	15
1.2.6. <i>Projeto de intervenção: “Brincar ao Sabor do Vento”</i> .....	16
1.3. Caracterização do contexto institucional – Valência de Jardim-de-Infância – Especialização .....	19
1.3.1. <i>Grupo de crianças</i> .....	19
2. Projeto de Intervenção: “Fantasiar e Brincar – Possibilidades de Criar, Crescer e Amadurecer” .....	21

3. Percurso de Desenvolvimento Profissional .....	24
3.1. <i>Prática de ensino em contexto de Creche</i> .....	24
3.2. <i>Prática de ensino em contexto de Jardim-de-Infância</i> .....	27
PARTE II – PRÁTICA INVESTIGATIVA.....	34
1. Âmbito e Objetivo da Pesquisa .....	34
2. Enquadramento Teórico .....	35
2.1. Brincar em educação de infância .....	35
2.1.1 <i>Conceito de brincar</i> .....	35
2.1.2. <i>Perspetivas teóricas sobre o brincar</i> .....	37
2.1.3. <i>Brincar livre e brincar orientado</i> .....	37
2.1.4. <i>Importância do brincar no exterior para a aprendizagem e desenvolvimento</i> .....	39
2.1.5. <i>O papel do educador promotor do brincar no espaço exterior</i> .....	41
2.1.6. <i>Segurança no espaço exterior e o risco da segurança</i> .....	42
3. Metodologia .....	44
3.1. Objetivo e questões orientadoras do estudo.....	44
3.2. Opções metodológicas .....	44
3.3. Participantes do estudo .....	46
3.4. Instrumentos de recolha de dados.....	46
3.4.1. <i>Portefólio de estágio</i> .....	47
3.4.1.1. <i>Observação participante</i> .....	47
3.4.1.2. <i>Documentação pedagógica</i> .....	47
3.4.1.3. <i>Registos fotográficos</i> .....	47
3.4.1.4. <i>Reflexões</i> .....	48
3.4.1.5. <i>Planificações semanais</i> .....	48
3.5. Recolha e análise de dados .....	48
4. Apresentação e Discussão dos Resultados .....	58
4.1. Relação do brincar ao ar livre e aprendizagem.....	58
4.2. Papel do educador .....	61
4.3. Segurança e gestão de riscos .....	63
5. Considerações Finais .....	65
Referências Bibliográficas .....	68
Legislação .....	70
Outros Documentos .....	70
ANEXOS.....	71

## **Índice de Figuras**

Figura 1. Atividade de percursos .....	10
Figura 2. Fantoques.....	10
Figura 3. Recolha de elementos .....	18
Figura 4. Agrupamento de folhas por cores .....	18
Figura 5. Brincadeira na “cozinha de serradura” .....	19
Figura 6. Brincadeira na “cozinha de serradura” .....	19
Figura 7. Apanhar folhas.....	23
Figura 8. Colher azeitonas .....	23
Figura 9. Explorar a bolota.....	23
Figura 10. Brincar com a flor.....	23

## **Índice de Quadros**

Quadro 1. Atividades realizadas no exterior no 1º Estágio de JI .....	49
Quadro 2. Atividades realizadas no exterior no 2º Estágio de JI .....	52

## **Lista de Anexos**

- A – História “O Tigre que não gostava de partilhar”
- B – Planificações de Creche
- C – Documentação pedagógica atividade: “Arca tesouros da natureza”
- D – Documentação pedagógica atividade: “Cozinha de serradura”
- E – Planificações 1º Estágio em JI
- F – Planificações 2º Estágio em JI
- G – Avaliações semanais

## **Lista de Abreviaturas**

- EC – Educadora Cooperante
- ESES – Escola Superior de Educação de Santarém
- IPSS – Instituição Particular de Solidariedade Social
- JI – Jardim-de-infância
- NEE – Necessidades Educativas Especiais
- NP – Norma Portuguesa
- OCEPE – Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar
- PEI – Programa Educativo Individual

## Introdução

O presente Relatório do Projeto de Investigação emerge na sequência de um processo de formação académica, advinda do Mestrado em Educação Pré-Escolar. Este provém, assim, da articulação dos dois estágios enquanto participante-observadora através das Unidades Curriculares de prática de ensino supervisionada em contextos formais de Creche e Jardim-de-Infância (JI).

Este Relatório tem como objetivo o aprofundamento e desenvolvimento das proficiências de observação, questionamento e interpretação de situações vivenciadas, que visa possibilitar um entendimento da prática educativa suportada por pesquisas de autores de referência.

A observação atenta da realidade e a sua análise fornecem-nos competências, atitudes, e valores necessários ao exercício da nossa ação educativa e, também, a capacidade de reconhecermos o nosso papel na melhoria da qualidade do ambiente educativo.

Entendendo o brincar como uma “atividade espontânea da criança, que corresponde a um interesse intrínseco e se caracteriza pelo prazer, liberdade de ação, imaginação e exploração” (Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, 2016, p. 105), e com o intuito de definir as prioridades de intervenção, as estagiárias reuniram-se de forma a definirem algumas propostas, tendo em conta o contexto onde se inseriram. Desta forma, após a observação dos recursos da instituição, concluímos que a nossa intervenção deveria passar pela dinamização do espaço exterior, tornando-o num espaço e tempo educativos e respeitando os interesses das crianças, onde o Brincar assume, assim, um papel primordial.

Não deve, ainda, ser esquecido que brincar é um direito da criança, consignado no princípio 7.º dos Direitos da Criança – “Toda a criança tem direito a receber educação primária gratuita, e também de qualidade, para que possa ter oportunidades iguais para desenvolver as suas habilidades. E como brincar também é uma boa maneira de aprender, as crianças também têm todo o direito de brincar e de se divertir!”.

“Brincar ao sabor do vento: Potencialidades do brincar livre ao ar livre” pretende ser um “hino” à brincadeira, sendo esta um ato inerente e imprescindível à infância. Brincar reúne as condições essenciais à saúde física, emocional e intelectual da criança. Através da brincadeira, a criança desenvolve-se como um todo, preparando-se para ser um cidadão capaz de enfrentar desafios, que são cada vez maiores e mais complexos na sociedade de hoje.

A escolha e o desenvolvimento do tema incidem, então, nas potencialidades do brincar, num espaço que, por vezes, é “esquecido” ou pouco valorizado pelos adultos – o espaço exterior. Esta preferência surge do contacto direto com as crianças, atendendo às suas brincadeiras, no que respeita à ida das crianças ao espaço exterior da instituição. Comecei por observar a alegria quando estas iam brincar para a “rua” e o desânimo que, por



vezes, demonstravam por voltar à sala. Além do mais, reparei no modo como elas interagem e comunicam umas com as outras, a importância que atribuem ao brincar, o modo como se envolvem nas brincadeiras e as aprendizagens que fazem. Observei, ainda, que a ação educativa das educadoras dos dois contextos de estágio era diferente relativamente a este tópico, pois, enquanto em creche o grupo apenas foi ao exterior duas vezes e a educadora assumia um papel de vigiar as crianças, em JI o grupo brincava no exterior todos os dias, assumindo a educadora um papel de vigilância participativa, associando-se às brincadeiras quando entendia ser oportuno. Tudo isto me despertou motivação para aprofundar esta temática e dar resposta aos meus questionamentos.

Como afirma Bento (2015), pensar no brincar nos espaços exteriores, enquanto temática contemporânea no domínio da educação, afigura-se um desafio que exige uma reflexão articulada em torno de diferentes fatores que envolvem crianças, famílias, escolas e comunidades. Em Portugal, a presença e influência dos espaços exteriores no quotidiano dos mais novos tem vindo a diminuir de forma significativa (Neto, 1997, cit. por Bento, 2015), trazendo mudanças nos domínios da educação, saúde e ambiente.

De acordo com a autora (Neto, 1997, cit. por Bento, 2015), um dos grandes desafios das atuais sociedades desenvolvidas e globalizadas é o de encontrar um equilíbrio entre uma sociedade cada vez mais atarefada com compromissos de várias ordens e a preservação de experiências de bem-estar e de ligação ao mundo que garantam o retorno às infâncias plenas, e em que brincar nos espaços exteriores é assumido como uma prioridade por pais, educadores e decisores políticos.

O objetivo da investigação é o procurar respostas sobre esta temática do brincar livre e espontâneo no espaço exterior, focando o contributo desta atividade para o desenvolvimento e a formação dos mais novos, e na forma como se podem proporcionar e organizar situações que resultem em aprendizagens significativas para eles.

Desta forma, e tendo em consideração que o educador é o gestor do ambiente educativo, tendo, assim, o papel preponderante de influenciar as vivências e aprendizagens das crianças, considerou-se, igualmente, que seria pertinente dar relevo a esta dimensão.

A estrutura do presente projeto encontra-se dividida em duas partes, sendo a primeira parte referente à parte prática de ensino supervisionada e a segunda parte referente à parte investigativa. A parte prática de ensino supervisionada aborda a caracterização do contexto institucional de estágio, visando perceber a organização do mesmo através da análise de diferentes documentos institucionais. Aqui, pudemos caracterizar a instituição, o grupo de crianças e o ambiente educativo. Ainda nesta primeira parte é apresentado o percurso de desenvolvimento profissional na valência da creche e do JI, onde se evidenciou, de forma sucinta, a minha prática pedagógica bem como as minhas propostas de intervenção. Por sua vez, a parte investigativa aborda o objetivo de pesquisa, enquadramento teórico, metodologia, apresentação e discussão dos resultados.

Por último, são sintetizadas as principais conclusões sobre o meu desenvolvimento pessoal e profissional ao longo deste ano letivo e os fatores que influenciaram e contribuíram para esse crescimento.

## **PARTE I – COMPONENTE PRÁTICA**

### **1. Contextualização da Prática do Ensino Supervisionada**

#### **1.1. Caracterização do contexto institucional – Valência de creche**

##### **1.1.1. Instituição**

A instituição que me acolheu para o estágio no âmbito de creche é uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), que iniciou as suas atividades com a valência de Lar de Idosos em 1974, dando-se, posteriormente, a abertura do JI – Casa da Criança.

No ano de 1992/93, a Instituição estabeleceu um acordo com a Segurança Social para a valência de Creche Familiar, que, depois do seu alargamento, subiu de 12 para 16 amas. Esta instituição dispõe, também, de Centro de Atividades de Tempos Livres (CATL), dando resposta ao tempo livre de jovens entre os seis e os 10 anos de idade.

Em 2012, teve lugar a construção de novas instalações, onde a instituição implementou uma nova resposta social para a 1.<sup>a</sup> infância, a Creche Tradicional. Esta é, portanto, uma instituição bastante recente, moderna, bem equipada, com todo o tipo de infraestruturas e materiais necessários, de modo a proporcionar aprendizagens, a satisfação e o bem-estar às crianças que nela acumulam vivências diariamente. A creche é uma das várias valências desta instituição situada numa zona de fácil acesso, perto de um jardim público e onde predomina a calma. Esta valência funciona para crianças dos três aos 36 meses, sendo que a sua lotação máxima se encontrava, à data, nos 66 utentes.

Esta valência localiza-se ao nível do rés-do-chão, compreende seis salas de atividades; dois berçários equipados com copa, duas salas de um ano e outras duas salas dos 24 aos 36 meses. Esta sala destina-se ao desenvolvimento de atividades lúdicas e pedagógicas e tem como material de apoio um lavatório, um móvel com gavetas para guardar material e um móvel alto com prateleiras e portas. Este espaço está equipado com material lúdico adaptado a esta faixa etária. Estas salas partilham as mesmas instalações sanitárias, sendo que, neste espaço, existem sete sanitas e dois polibans elevados. Possui uma cozinha, um refeitório, um gabinete de coordenação e um *hall* de entrada. O refeitório é a zona de alimentação das crianças dos dois aos três anos, assim como das crianças do pré-escolar e do CATL. Para além disto, este espaço funciona como zona de acolhimento e saída das crianças. Dentro do edifício, julgo ser importante salientar a sala polivalente/ginásio. Esta zona polivalente permite, também, a dinamização de atividades socioeducativas (expressão motora e festividades, entre outras), bem como atividades de componente social, servindo, igualmente, de recreio interior. Todo o espaço interior que tem vindo a referir-se encontra-se devidamente climatizado, permitindo suportar as diferentes condições climatéricas.

Fora do edifício, na área do recreio, existem dois espaços exteriores distintos, amplos e agradáveis: um espaço é destinado à creche e outro, com maiores dimensões, é destinado ao JI, com materiais estimulantes e perfeitamente adaptados às diferentes faixas etárias.

A equipa pedagógica da instituição é constituída pela diretora técnica, quatro educadoras de infância (sendo que uma delas acumula a função de coordenadora pedagógica da creche), uma educadora de intervenção precoce, que apoia as crianças com necessidades educativas especiais (NEE), e nove assistentes operacionais.

O horário de funcionamento da creche rege-se pelas necessidades dos encarregados de educação, iniciando-se às 7h30 e terminando às 19h30.

### **1.1.2. Grupo de crianças**

Há diferentes fatores que influenciam o modo próprio de funcionamento de um grupo, tais como as características individuais das crianças que o compõe, o maior ou menor número de crianças de cada sexo, a diversidade de idades das crianças, a dimensão do grupo (Ministério da Educação, 2016, p. 26).

Torna-se importante realizar a caracterização do grupo para, posteriormente, ser possível comparar a sua evolução nas diferentes áreas de desenvolvimento. A caracterização que agora se apresenta baseia-se nos dados recolhidos em conversas informais com a educadora cooperante, no Projeto Educativo da Instituição e no Projeto Pedagógico de Sala e, também, recorrendo a observações diretas.

A sala era frequentada por 15 crianças, a sua lotação máxima. Este grupo era composto por crianças com idades compreendidas entre os 24 e os 36 meses, nove das quais do género feminino e seis do género masculino. A maior parte destas crianças transitou da sala dos 12-24 meses, tendo sido apenas recebidas cinco crianças do exterior, sendo que uma delas transitou de outra instituição e quatro nunca tinham frequentaram qualquer instituição.

Em relação à faixa etária, tratava-se de um grupo homogéneo, dado que, até dezembro, todos já tinham completado dois anos de idade. Estas crianças demonstraram uma boa adaptação, aceitando bem o contacto com a equipa pedagógica e com os seus pares, embora fosse a primeira vez que se encontravam numa creche.

Pode considerar-se que, embora sejam notórias algumas diferenças em termos de competências adquiridas, as crianças, no seu global, enquadravam-se num perfil de desenvolvimento adequado ao seu escalão etário e com bastante potencial para evoluírem.

A maior parte das crianças já conseguia expressar-se, verbalizando as suas necessidades ao nível da linguagem oral. Contudo, um dos pontos fracos do grupo foi a área do desenvolvimento pessoal e social, pois era um grupo conflituoso. A fase do egocentrismo era, ainda, muito notória em cada uma das crianças, o que provocava situações de conflito e algumas brigas em momentos que deveriam ser de partilha de

objetos e/ou brinquedos. O grupo apresentava, então, dificuldades, nomeadamente ao nível da interação com pares, gestão de conflitos e resolução de problemas, aspetos que mereceram ser mais trabalhados.

Ao nível das aprendizagens, este era um grupo muito interessado nas atividades propostas, adorando explorar todo o ambiente em seu redor. Era um grupo que apreciava bastante a área das expressões plásticas. Estas crianças demonstraram, também, a necessidade de brincar nas diferentes áreas, o que me levou a realizar uma ponte entre o brincar e o aprender.

No global, trata-se de um grupo que se tem revelado bastante ativo, mostrando o seu interesse e atenção em relação ao que se passa em seu redor. São crianças bastante exploradoras e curiosas, tanto ao nível do espaço como ao nível do material.

Por tudo isto, os grupos de crianças com quem trabalhei encontram-se no Estádio Pré-Operatório. Esta denominação sustenta-se nos estudos de Piaget, que “denominou o período pré-escolar como Estádio Pré-Operatório” (Papalia, Olds, & Feldman, 2001, p. 312).

Concluo que todas as crianças são diferentes, demonstrando um nível de desenvolvimento e competências igualmente distinto. Deste modo, cada criança tem de ser vista, respeitada e tratada como o ser único que é.

### **1.1.3. Ambiente educativo**

#### **1.1.3.1. Organização dos grupos**

Este grupo de crianças está organizado por faixa etária, correspondendo a crianças que completam dois anos de idade até dezembro. Nas duas salas de Creche (Sala A e Sala B) são realizadas atividades de grande grupo, com é o caso da reunião da manhã e de algumas atividades orientadas. Para além disso, são realizadas atividades que permitem o seu funcionamento em pares e em grupos, para além de todos os momentos livres de brincadeira que surgem ao longo do dia.

#### **1.1.3.2. Organização dos espaços**

Os espaços [...] podem ser diversos, mas o tipo de equipamento, os materiais existentes e a forma como estão dispostos condicionam, em grande medida, o que as crianças podem fazer e aprender. A organização e a utilização do espaço são expressão das intenções educativas e da dinâmica de grupo, sendo indispensável que o educador se interrogue sobre a função e finalidades educativas dos materiais de modo a planear e fundamentar as razões dessa organização (Lopes da Silva & Sá, 1997, p. 37).

O espaço educativo deve ser acessível e estar organizado de forma a proporcionar momentos de brincadeira livre e orientada, oferecendo oportunidades de realização de escolhas e de tomada de decisões. Este espaço deverá permitir à criança: autonomia; conforto e segurança; desafios, explorações e estímulos; ordem e flexibilidade; e interações entre crianças e adultos.

O espaço da sala está dividido em algumas áreas, designadamente a área de acolhimento (manta), a área da casinha, a área de jogos e carros, uma área com livros e duas mesas de trabalho. Contudo, estas áreas não estão, ainda, claramente definidas porque o grupo ainda não tomou consciência destas divisões espaciais e as crianças desorientam-se muito nas suas brincadeiras, sendo necessária a intervenção do adulto para as orientar, para que, aos poucos, percebam que existem diferentes espaços para diferentes tipos de atividades.

Antes do momento da sesta, os catres são distribuídos pela sala. Após terminar o repouso e os catres serem arrumados, a sala volta a funcionar como sala de atividades.

Cada uma das áreas propicia o trabalho de alguns objetivos. Deste modo, na área da casinha as crianças desenvolvem a sua socialização, comunicação, linguagem e autonomia, brincam ao faz-de-conta, através da simulação e representação de diferentes papéis que observam no seu quotidiano. Na área dos jogos, estão disponíveis peças de *lego*, carros e material de construção. Com estes brinquedos, as crianças trabalham noções de espaço, tempo, velocidade, sequências, quantidades e, ainda, a imaginação.

No espaço dedicado à leitura, as crianças têm a possibilidade de aprender a manusear corretamente os livros, explorando-os. Na área de acolhimento (manta), está em foco a comunicação; este é um espaço onde as crianças contam as novidades ou os pequenos episódios vividos, marcam as presenças, cantam “os bons dias” e conversa-se sobre a atividade do dia.

#### *1.1.3.3. Organização do tempo*

A organização do tempo em creche é essencial, pois é muito importante que as crianças possuam uma rotina diária consistente. A rotina diária deve promover trocas afetivas, respeitar o ritmo de cada criança, respondendo efetivamente às necessidades individuais de cada uma, e proporcionar experiências significativas, fazendo com que as crianças se sintam mais seguras e confiantes.

Quanto mais pequena é a criança, mais necessidade tem de tempos referenciais, daí a importância de valorizar os momentos de rotina (o acolhimento, a higiene, a alimentação e a sesta) como momentos privilegiados de comunicação e estabelecimento de relações.

O Acolhimento é um momento muito importante, pois trata-se da troca de informações necessárias para o bem-estar da criança na creche. O adulto de referência tem, aqui, um papel muito importante, pois a adaptação da criança será mais fácil se este transmitir à criança tranquilidade e segurança no momento da separação. Este tempo exige que a equipa pedagógica também transmita segurança, tanto à criança como aos pais.

A Higiene engloba vários momentos: as mudas diárias, lavar e secar as mãos e pentear-se. Pretende-se, igualmente, que a criança faça o controlo dos esfíncteres, quando se sentir preparada para tal. As situações de higiene em que se está em contacto com a

criança contribuem para o conhecimento das suas características individuais e são, também, uma oportunidade para avaliar as suas capacidades motoras. Por este motivo, os momentos dedicados à higiene não devem ser apenas uma rotina que se executa rapidamente, sem dar atenção à criança.

Relativamente às Refeições, o ato de alimentar-se constitui uma das necessidades básicas, interferindo no equilíbrio físico, psíquico e afetivo quando não realizado de maneira adequada.

No que se refere à Sesta, a creche deve proporcionar as melhores condições físicas e ambientais para que as crianças possam repousar, sendo o número de horas de sono adaptado a cada criança, depois de observado o seu ritmo espontâneo.

#### **1.1.4. Projetos pedagógicos**

##### **1.1.4.1. Projeto da Instituição**

O projeto “Crescer com o coração”, que caracteriza a instituição, perspetiva a criança como um ser em progressivo desenvolvimento, alguém singular e merecedor de todo o respeito e afeto. As suas prioridades visam respeitar a criança e fornecer-lhe formas de favorecer a sua formação e desenvolvimento equilibrados, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário.

Não deve esquecer-se a importância de continuar a promover o bem-estar de cada criança, proporcionando aprendizagens e experiências diversificadas e procurando o seu desenvolvimento global, tendo a criança como sujeito e não objeto do processo educativo e onde esta desempenha um papel ativo na construção do seu próprio desenvolvimento.

##### **1.1.4.2. Projeto de turma**

O projeto pedagógico da sala destina-se ao grupo de crianças anteriormente apresentadas. A criação do mesmo teve como base a observação e, numa fase posterior, a análise dos interesses e necessidades das crianças.

Neste sentido, o projeto da sala tem a intencionalidade de promover, através de estímulos adequados, oportunidades para que as crianças interajam entre si e com os adultos, e explorem atividades e momentos ricos utilizando todos os seus sentidos.

Saliento alguns objetivos:

- ✓ Desenvolvimento motor (desenvolvimento da motricidade fina e grossa).
- ✓ Desenvolvimento cognitivo (áreas relacionadas com o desenvolvimento da linguagem oral e escrita, pensamento lógico-matemático e científico).
- ✓ Desenvolvimento pessoal e social.
- ✓ Pensamento criativo (expressão do movimento, da música, da arte e das atividades visuo-espaciais).

### **1.1.5. Princípios da prática pedagógica da educadora cooperante**

Na sua prática pedagógica, a educadora cooperante (EC) utiliza o elogio e o encorajamento/reforço positivo regularmente. Tem uma relação harmoniosa com as crianças, responde às necessidades básicas individuais de cada criança e aos seus interesses. Valoriza bastante a autonomia, começando a incentivar a independência, e permite que as crianças brinquem livremente na sala durante longos períodos do dia.

### **1.1.6. Projeto de Intervenção: “Crescer e Brincar a Partilhar”**

O projeto do educador é um projeto educativo/pedagógico que diz respeito ao grupo e contempla as opções e intenções educativas do educador e as formas como prevê orientar as oportunidades de desenvolvimento e aprendizagem de um grupo. Este projeto adapta-se às características de cada grupo, enquadra as iniciativas das crianças, os seus projetos individuais, de pequeno grupo de todo o grupo (Ministério da Educação, 1997, p. 44).

O projeto “Crescer e Brincar a Partilhar” surgiu a partir do momento em que foi possível verificar que valores como o afeto, a partilha e o trabalho em grupo não tinham, ainda, sido trabalhados, o que se afigurou como uma área a trabalhar, pois estes valores podem conduzir ao estabelecimento de laços de confiança e amizade, bem como à criação e fortalecimento de relações com os pares e com os adultos. Este projeto foi elaborado com base nos conhecimentos prévios que possuímos acerca das idades das crianças da Sala B, na observação realizada ao longo dos primeiros três dias de observação em estágio e, também, nas conversas informais com a EC acerca das necessidades das crianças.

No que respeita ao Projeto da Escola e ao Projeto Curricular de Turma, as prioridades relacionam-se com o respeitar a criança e fornecer-lhe formas de favorecer a sua formação e desenvolvimento equilibrados, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário. Não deve ser esquecida a importância de continuar a promover o bem-estar de cada criança, proporcionando aprendizagens e experiências diversificadas, procurando o seu desenvolvimento global, tendo a criança como sujeito e não como objeto do processo educativo, e onde esta desempenha um papel ativo na construção do seu próprio desenvolvimento. Procurámos ir ao encontro do Projeto da Escola e do Projeto Curricular de Turma, que pretendem ensinar as crianças a “Crescer com o coração”, proporcionando momentos em que se fale da questão da partilha e em que medida este conceito é importante no aspeto das relações socioafetivas.

Como foi anteriormente mencionado, a maior parte das crianças já conseguia expressar-se, verbalizando as suas necessidades, ao nível da linguagem oral. Contudo, apesar disso, um dos pontos fracos do grupo situava-se ao nível da área do desenvolvimento pessoal e social, pois era um grupo conflituoso, sendo, muitas vezes, necessária a intervenção do adulto. Observava-se muito latente a fase do egocentrismo/individualismo em cada uma das crianças, o que provocava situações de

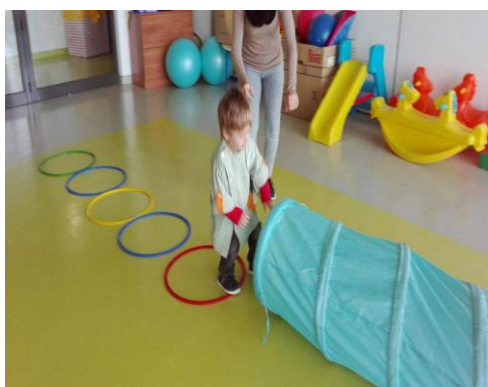


conflito e algumas brigas em momentos que deveriam ser de partilha de objetos e/ou brinquedos, aspetos que mereceram ser trabalhados com maior profundidade.

No geral, as crianças apreciavam bastante a área das expressões plásticas. Demonstraram, também, a necessidade e o interesse em brincar livremente nas diferentes áreas, com particular interesse pela área da casinha, motivo esse que nos levou a realizar uma ponte entre o brincar e o aprender.

O projeto “Crescer e Brincar a Partilhar” foi implementado através de diferentes estratégias/atividades, tais como: assegurar disponibilidade, calma e afeto; cantar/dançar; conversas na mantinha; partilhar materiais/objetos; realizar pequenas tarefas; jogos de movimento; roda; jogos do esconde-esconde; histórias alusivas aos temas; resolução de problemas; reforço de comportamentos positivos e emprego das normas de cortesia (obrigado, se faz favor, desculpa).

De forma a promover todos os objetivos acima descritos, foram elaboradas diversas atividades, sendo uma das que mais se destacaram a “**Caça ao Tesouro**”. Neste dia, foi planificada uma caça ao tesouro no ginásio, em que as crianças tiveram de procurar as personagens da história “O Tigre que não gostava de partilhar”. Adicionalmente, tiveram, ainda, como desafio **percorrer os percursos** elaborados pela estagiária com arcos e túneis.



**Figura 1. Atividade de percursos**



**Figura 2. Fantoches**

A história foi contada através de um teatro de fantoches. Ao verem o flanelógrafo (gentilmente cedido pela educadora) e os fantoches, as crianças ficaram de imediato empolgadas e curiosas, sendo que, no decorrer da história, se mantiveram atentas e interessadas.

No fim do teatro de fantoches, foram colocadas algumas questões sobre a história, de modo a consolidar alguns aspetos trabalhados na história, nomeadamente a questão da partilha e da amizade. Foram, ainda, distribuídas algumas nozes (fruto seco referido na história) pelas crianças, com o objetivo de cada uma delas as partilhar com a criança que estava sentada ao seu lado, para que percebessem melhor a temática da história (ver Anexo 1).

As crianças tiveram alguma dificuldade em explicar o que significava o termo “partilhar”, mas, através das perguntas que lhes foram feitas e de todo o resumo da história, que foi elaborado em diálogo com as crianças, estas acabaram por compreender do que se tratava. Este exercício permitiu-lhes concluir que deviam “emprestar” os seus brinquedos aos amigos, pois um dia também poderiam querer brincar com um dos brinquedos dos seus amigos e, assim, eles também lhes emprestariam.

Inicialmente, tínhamos pensado realizar estas atividades com grupos de cinco crianças, mas a EC aconselhou-nos a realizar as atividades com todo o grupo ao mesmo tempo (um fantoche de cada vez), pelo motivo de que algumas crianças poderiam não se sentir tão confiantes e, com a ajuda de algumas mais curiosas e ativas, talvez fosse mais fácil despertar o seu interesse e incentivar a sua participação. Em relação ao espaço, acabámos por realizar esta atividade no ginásio devido às condições climatéricas. Constatámos que a EC tinha razão, pois, durante a atividade, algumas crianças ficavam mais tímidas e sem saber o que deveriam fazer, pelo que a existência de algumas crianças mais ativas neste grupo constituiu uma grande ajuda no desenrolar da atividade, pois houve um trabalho de equipa do grupo na procura pelas personagens da história.

Na atividade seguinte – percursos com arcos e túneis – foram trabalhados alguns conceitos matemáticos, procurando uma transversalidade entre a expressão motora e a matemática. Foram trabalhados conceitos como “dentro de”, “fora de”, “em cima de”, “em baixo de”. Esta foi a tarefa em que o grupo manifestou mais dificuldades e alguns receios, dado o desafio que lhes era proposto. Contudo, de uma forma geral, o grupo demonstrou compreender as regras do jogo e de como domina o espaço envolvente, de tal forma que as crianças rapidamente encontraram os três animais espalhados e escondidos no ginásio.

O método de avaliação deste projeto foi assente no trabalho de equipa e na interatividade. As estagiárias registaram a atividade das crianças periodicamente. Esta documentação estimulou a autorreflexão, o que levou, por vezes, à discussão entre elementos da equipa pedagógica. Com base nesta informação, foi possível analisar e planear, tendo em vista o desenvolvimento integral da criança, promovendo uma relação autêntica e continuada entre a creche e a família. A este propósito, acrescente-se que a família é o principal agente educativo, pelo que deve estar informada e participar ativamente no decurso do processo educativo dos seus educandos.

A partir de todos os registos e da documentação gerada, é possível analisar o crescimento da criança e o desenvolvimento profissional dos educadores (Bassedas, Huguet, & Solé, 1999). Deste modo, os métodos utilizados e os aspetos a ter em consideração para a avaliação deste projeto foram:

- Observação direta dos comportamentos das crianças;
- Envolvimento, participação e entusiasmo das crianças nas atividades;
- Interesse pelas aprendizagens;

- Registos escritos e fotográficos.

## **1.2. Caracterização do contexto institucional – Valência de Jardim-de-Infância**

### **1.2.1. Instituição**

O JI fica situado numa pequena vila na planície ribatejana com tradições rurais particularmente ligadas à cultura da vinha, do olival e dos cereais. Atualmente, a vinicultura e a olivicultura continuam a ter relevância na economia local, mas foram surgindo outras culturas determinantes, bem como a criação de gado.

A vila constitui, para a maioria dos seus naturais, não só o espaço de residência, como, também, de sociabilidade. Este facto poderá estar na base da existência de associações que desenvolvem atividades que promovem o convívio e a solidariedade entre a população, e que têm a preocupação de preservar e divulgar determinadas tradições.

Em relação aos aspetos demográficos, é importante referir que, de acordo com dados cedidos pela Junta de Freguesia da localidade onde se insere a IPSS em estudo, embora se tenha registado algum envelhecimento populacional, também tem havido um número significativo de nascimentos, o que indica uma inversão das tendências das duas últimas décadas. A inversão agora registada resulta, também, da crescente fixação na vila, quer da população natural, quer de algumas pessoas provenientes de outros locais do país e do estrangeiro.

Este estabelecimento de ensino é de rés-do-chão, funciona desde 1988 e foi construído de raiz para os fins a que se destina. É um JI constituído por duas salas de atividades, dois *halls*, cinco casas de banho (quatro para crianças e uma para adultos), um refeitório, duas arrecadações, uma sala de apoio e um espaço exterior.

O espaço exterior é amplo e está organizado para que as crianças tenham vários ambientes que lhes permitem realizar inúmeras atividades lúdicas e educativas. Desta forma, esta área tem uma zona ajardinada, caixa de areia e zona cimentada. Cada uma dessas zonas está equipada com diferentes materiais, como, por exemplo, baloiços, escorrega, triciclos, túnel, duas casas de plástico, pás, ancinhos, baldes e carros de mãos, entre outros.

Ambas as salas de atividades são de grande dimensão e têm uma boa luminosidade natural e artificial. O facto de as salas serem amplas e grandes permite às crianças uma grande liberdade de movimentos e a exploração, contribuindo para que as mesmas desenvolvam mais facilmente a sua autonomia.

As salas são acolhedoras, estão divididas por áreas de atividades e estão apetrechadas com mobiliário, materiais e brinquedos adequados à faixa etária das crianças.

### **1.2.2. Grupo de crianças**

A sala está a ser frequentada, no presente momento do ano letivo, por 20 crianças. Este grupo tem crianças com idades compreendidas entre os três e os seis anos, das quais nove são do género feminino e 11 do género masculino. Cinco crianças de três anos frequentam o JI pela primeira vez, três são rapazes e duas são raparigas; com quatro anos há três rapazes e três raparigas, num total de seis crianças, que frequentam o JI pela segunda vez; na faixa etária dos cinco anos, uma criança frequenta o JI pela segunda vez e quatro crianças pela terceira vez, três são rapazes e duas são raparigas. Existem, ainda, quatro crianças, dois rapazes e duas raparigas, de seis anos (de inscrição condicional), que frequentam pela quarta vez este estabelecimento de ensino.

Trata-se, portanto, de um grupo muito abrangente quanto às faixas etárias das crianças que o constituem. Deste grupo faz parte uma criança com NEE, um rapaz quatro anos, que, segundo o relatório médico, é portador de um *“Atraso global de desenvolvimento com incidência nas áreas da linguagem/expressão oral com algumas particularidades a nível de contacto/relacionamento social”*. Esta criança conta com o apoio de uma Terapeuta da Fala e de uma Terapeuta Ocupacional, uma vez por semana, no Hospital de Santarém.

De um modo geral, este é um grupo participativo e interessado relativamente às diferentes propostas educativas que lhe vão sendo apresentadas. Vive-se um clima geral de bem-estar, segurança e interajuda. Em virtude de haver um número significativo de crianças mais velhas, já foi possível implementar dinâmicas colaborativas com os mais novos, incluindo a criança com NEE.

A maioria das crianças é autónoma nas rotinas diárias e na utilização de materiais. O grupo revela características diversificadas, manifestando estádios de desenvolvimento, necessidades e interesses muito diferenciados.

Algumas das crianças que revelam dificuldades nas competências linguísticas, nomeadamente na articulação de palavras e na expressão verbal, estão a ser acompanhadas, particularmente, por uma Terapeuta da Fala.

Dado o grupo de crianças ser heterogéneo no que diz respeito às idades, é natural que sejam notórias algumas diferenças em termos de competências adquiridas. As crianças, no seu global, enquadram-se num perfil de desenvolvimento adequado ao seu escalão etário.

A nível de aprendizagens, é um grupo muito interessado nas atividades propostas e as crianças que o compõem adoram explorar todo o ambiente ao seu redor, nomeadamente o interesse pela descoberta da Natureza e os animais, também devido ao facto de o JI se localizar no meio rural e ser essa a sua realidade. É um grupo que aprecia bastante o Domínio da Educação Artística, o qual congrega as Artes Visuais, a Dramatização, a Música e a Dança. Ainda acerca destes subdomínios, constatámos que o grupo de crianças

manifesta vontade própria e iniciativa, especialmente em realizar pequenos teatros de fantoches, bem como pinturas ou desenhos livres.

As maiores necessidades encontradas estão relacionadas com a Área de Formação Pessoal e Social, nomeadamente a gestão de conflitos entre os pares. É necessário desenvolver atividades e proporcionar momentos ao grupo que permitam fortalecer as relações emocionais afetivas, pois estas são as bases primárias mais importantes para o seu desenvolvimento intelectual e social (Brazelton & Greenspan, 2002).

### **1.2.3. Ambiente educativo**

#### *1.2.3.1. Organização dos grupos*

O grupo de crianças está dividido por duas salas em grupos heterogéneos (três, quatro, cinco e seis anos). Como é referido nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE), esta composição etária dos grupos favorece a interação entre crianças em momentos diferentes de desenvolvimento e é um fator que promove o seu desenvolvimento/aprendizagem.

Por opção das educadoras, as duas salas funcionam “em aberto”, havendo, no entanto, momentos específicos de cada sala. A rotina diária contempla momentos de planeamento/execução/avaliação. Fomenta-se o trabalho individual, entre pares e em pequenos grupos, existindo, ainda, momentos de grande grupo para confronto de saberes e ideias.

No início da manhã, as crianças têm liberdade de escolha relativamente às áreas da sala que querem frequentar ou ao material que querem utilizar. Diariamente são criadas situações de trabalho nas mesas, seja este individual ou de grupo; contudo, as crianças também podem realizar jogos nas mesas.

#### *1.2.3.2. Organização dos espaços*

O espaço educativo deve ser acessível e estar organizado de forma a proporcionar momentos de brincadeira livre e orientada, oferecendo oportunidades para a realização de escolha e a tomada de decisões. Este espaço deverá permitir à criança: autonomia; conforto e segurança; desafios, explorações e estímulos; ordem e flexibilidade; e interações entre crianças e adultos.

As salas do JI em estudo estão organizadas por diversas áreas de atividades, englobando o exterior. O material é diversificado e acessível a todos. Nas paredes são expostos os trabalhos das crianças e os mapas de registo que apoiam a planificação, a gestão e a avaliação da atividade educativa participada por elas. O JI possui, de igual modo, um espaço exterior muito rico, tanto a nível de materiais, como de experiências que pode proporcionar às crianças.

### **1.2.3.3. Organização do tempo**

No JI, o tempo deve ser organizado estabelecendo uma rotina diária que respeite os ritmos das crianças, tendo em conta o seu bem-estar e as aprendizagens. Como afirmam Formosinho e Gambôa (2011), “*Ao tempo pedagógico pede-se que inclua uma polifonia de ritmos: o da criança individual, o dos pequenos grupos, o do grupo todo*” (p. 30).

No JI, num primeiro momento do dia, as crianças distribuem-se pelas diferentes áreas de atividades, tendo a oportunidade de realizar atividades livres, podendo, simultaneamente, estar a decorrer atividades orientadas com um pequeno grupo. Segue-se um momento de grande grupo (acolhimento) para planeamento, discussão/lançamento de temas, preenchimento de quadros reguladores, conversas ou canções.

Após o lanche da manhã, as crianças dispõem de um momento de atividades livres no exterior. De seguida, decorrem paralelamente, na sala e/ou no exterior, atividades livres e atividades orientadas. Antes do almoço, o grande grupo encontra-se novamente na área do acolhimento para o momento do conto e/ou avaliação do trabalho desenvolvido.

Por fim, no período da tarde privilegiam-se momentos de apoio mais individualizado.

### **1.2.4. Projetos pedagógicos**

#### **1.2.4.1. Projeto de turma**

O Projeto Pedagógico da sala destina-se ao grupo de crianças anteriormente referido, na sua caracterização. Na sua conceção, a educadora teve como base a observação diária e as necessidades das crianças, construindo, assim, este instrumento de trabalho em prol do seu desenvolvimento.

A educadora procura proporcionar às crianças experiências que abranjam todas as áreas curriculares de forma significativa, diversificada e transversal. Estas atividades têm em consideração a idade, o desenvolvimento e os interesses de cada criança, num processo dinâmico de planear ↔ implementar ↔ observar ↔ registar ↔ avaliar, utilizando as orientações curriculares como instrumento de fundamentação e de suporte.

Dadas as características dos grupos, verifica-se que existe a necessidade de enriquecimento do contexto, nomeadamente: desenvolver medidas que estimulem as competências de expressão verbal; dar oportunidade para a construção de interações sociais; incrementar atividades de aprendizagem cooperativa; oferecer atividades para fortalecer as capacidades de controlar os impulsos e ajudar algumas crianças a diminuir as atitudes agressivas.

### **1.2.5. Princípios da prática pedagógica da educadora cooperante**

As orientações pedagógicas da EC não se baseavam num único modelo curricular. Assim, recolhia de cada uma das metodologias aquelas que considerava mais relevantes e

com as quais têm obtido melhores resultados ao longo da sua carreira docente. Era apoiada, sobretudo, em modelos sócio construtivistas e participativos, que têm como princípio fundamental a criança em ação – ativa e cooperante – e onde a ação docente acontece através do recurso à metodologia de trabalho de projeto.

É importante salientar que o modelo da escola moderna portuguesa exerce uma influência importante, pois o JI é perspectivado como um espaço de iniciação às práticas de cooperação e solidariedade de uma vida democrática. Destaca-se, ainda, o modelo *High Scope*, que defende a existência de uma construção progressiva de conhecimento na educação pré-escolar, através da ação e da reflexão sobre a mesma ao nível da criança e do educador.

A ação educativa da EC centralizava-se nas motivações e interesses de cada criança e do grupo, tendo em conta os seus pontos fortes e necessidades, concedendo à criança um papel ativo no seu processo de aprendizagem.

Em relação às atividades em particular, foi possível constatar que a EC tinha em conta a opinião do grupo e dava liberdade às crianças, no sentido de que estas pudessem dar asas à sua imaginação. Posso salientar que a EC é vista como um adulto de referência para o grupo. Escuta as opiniões das crianças e preocupa-se com as questões de segurança e bem-estar, numa dinâmica significativa, promovendo formas de ação refletidas e cada vez mais complexas e respeitando a cultura e os saberes das crianças, onde o Brincar assume um papel preponderante.

#### **1.2.6. Projeto de intervenção: “Brincar ao Sabor do Vento”**

O conjunto de orientações curriculares para a educação pré-escolar reconhece o Brincar como meio privilegiado de aprendizagem que leva ao desenvolvimento de competências transversais a todas as áreas do desenvolvimento e aprendizagem (Ministério da Educação, 2016). Este é um projeto atento à forma como as crianças se relacionam consigo próprias e umas com as outras, implicando o desenvolvimento de atitudes (Ministério da Educação, 2016).

O projeto de intervenção “Brincar ao Sabor do Vento” pretende abarcar a importância do Brincar no exterior e o reconhecimento da criança como sujeito e agente do processo educativo, “[...] o que significa partir das suas experiências e valorizar os seus saberes e competências únicas, de modo a que possa desenvolver todas as suas potencialidades” (Ministério da Educação, 2016, p. 11). Este projeto permite, ainda, à criança “Ter oportunidade de escolher como, com quem e com quem brincar, na creche ou no jardim-de-infância, permite à criança desenvolver os seus interesses, tomar decisões, resolver problemas, correr riscos e tornar-se mais independente. Ao brincar, a criança exprime a sua personalidade e singularidade, desenvolve curiosidade e criatividade, estabelece relações

entre aprendizagens, melhora as suas capacidades relacionais e de iniciativa e assume responsabilidades”. (Ministério da Educação, 2016, p. 12).

Porque acreditamos nas virtualidades que brincar no espaço exterior acarreta para o desenvolvimento das crianças, planeámos o máximo de atividades que pudessem ser realizadas no exterior, utilizando este espaço como extensão da sala. Com efeito, se o espaço interior é importante e deve ser pensado e planeado em função do grupo, a questão do espaço exterior não é menos relevante, já que ele é o prolongamento do espaço interior, na medida em que promove a continuidade da ação educativa. Sendo este um tema muito abrangente, podemos trabalhar as diversas áreas de conteúdos e domínios referidos nas OCEPE.

É um projeto que pretendeu favorecer as inter-relações, dando oportunidade à criança para ir “aprendendo a atribuir valor a comportamentos e atitudes seus e dos outros, conhecendo, reconhecendo e diferenciando modos de interagir” (Ministério da Educação, 2016, p. 52).

O contexto de JI é, ainda, um lugar propício para as crianças desenvolverem hábitos de valorização e respeito pela natureza. Numa época em que a problemática da proteção da natureza e defesa do meio ambiente assume uma cada vez maior importância, cabe ao educador sensibilizar as crianças para esta questão, educando para a valorização da natureza. Este é, sem dúvida, um fator decisivo na construção da mudança.

Descrevo de seguida alguns dos Objetivos Gerais do projeto:

- ✓ Formar cidadãos autónomos, livres e solidários;
- ✓ Educar para a tolerância e respeito pelos outros e por si próprio;
- ✓ Preservar valores básicos para a vida em sociedade e no mundo;
- ✓ Formar indivíduos criativos, com espírito crítico e iniciativa;
- ✓ Fomentar o sentido estético e o gosto pelo belo;
- ✓ Sensibilizar para a aquisição de hábitos e atitudes de vida saudáveis;
- ✓ Potenciar atitudes de respeito e valorização da natureza.

As atividades desenvolvidas que mais se destacaram relativamente a este projeto foram: A Arca “**Tesouros da Natureza**” e “**Cozinha de Serradura**”.

No recreio, reunimo-nos com o grupo e explorámos o conceito de “coleção”. Após uma reflexão conjunta, explicámos que iríamos começar uma coleção de elementos da natureza (pedras, folhas, pauzinhos, sementes). Ao mesmo tempo, mostrámos ao grupo a arca em madeira pintada por nós (outra atividade que poderíamos ter feito era a de a caixa ser pintada pelas crianças) e incentivámos o grupo na recolha de elementos da natureza para os guardarmos na arca. Explicámos, ainda, que o objetivo desta arca era o de ficar guardada na sala de atividades, sempre disponível para qualquer outra atividade educativa que daqui pudesse surgir. Além do mais, foi-lhes dito que poderiam adicionar elementos a



esta coleção a qualquer altura ou, até, trazer elementos que encontrassem fora da escola, com características semelhantes (Figura 3).

Imediatamente a seguir à recolha dos elementos pelo jardim, questionámos o grupo acerca dos diferentes tipos de elementos encontrados e de que forma os poderiam agrupar. Aproveitando esta atividade para abordar o domínio da matemática e utilizando estes elementos como recurso pedagógico, resolvemos agrupá-los pelo seguinte critério: pedras, pauzinhos, folhas e sementes. Após esta tarefa, foram, ainda, discutidos outros critérios de seleção dentro de cada grupo: a cor, o tamanho, a forma, o recorte, as nervuras, a textura. Desta forma, as pedras, por exemplo, puderam ser reagrupadas consoante as suas diferentes apresentações (Figura 4).



**Figura 3. Recolha de elementos**



**Figura 4. Agrupamento de folhas por cores**

A “Cozinha de Serradura” foi uma atividade realizada no exterior e apenas para as crianças que nela quiseram participar. No espaço do JI, já existia uma área especialmente concebida como área da “casinha”, tal como existia em contexto de sala. Esta área criada no exterior teve como finalidade potenciar este espaço e pôr em evidência as potencialidades que brincar ao ar livre acarreta e que a sala de atividades não fornece, como, por exemplo, o contacto e manipulação de elementos da natureza nas brincadeiras das crianças. A EC, percebendo o meu interesse de observar essa prática, explicou-me que, por uma questão de higiene, as crianças não tinham sempre acesso à água para fazer a lama, brincavam com terra e outras coisas, pois, para que as crianças pudessem manusear a lama, o adulto teria de ter constantemente um papel participativo nessas brincadeiras. Escolhi a serradura por ser um material mais “limpo” e para que as crianças pudessem explorar outro material nesta situação.

Comecei a atividade deixando em cima da mesa da cozinha uma caixa de plástico com uma mistura de serradura e água (de modo a obter uma consistência que fosse facilmente maleável para as crianças). As crianças encontravam-se entretidas nas suas brincadeiras e apenas três ou quatro ficaram curiosas para saber o que eu levava nas mãos. Com o intuito de observar como elas reagiam, “saí de cena”, mas mantive-me perto. Essas crianças aproximaram-se para “espreitar” e uma delas perguntou: “O que é isto que está aqui dentro?” As crianças mantiveram-se a olhar sem tocar em nada, até que respondi

dizendo que era serradura, aparas de madeira, madeira muito miudinha e que era para eles brincarem. Foi aí

que cada um foi buscar utensílios de cozinha para dividirem a serradura entre eles, e começaram a explorar com colheres. No início, não tocaram com as mãos, disseram que cheirava mal, mas, de repente, mais crianças aproximaram-se para brincar. Deixei as crianças explorarem a serradura livremente, incentivando e mostrando exemplos do que podiam fazer com ela. Só depois de eu começar a mexer e a fazer bolinhas “croquetes” é que elas mexeram também com as mãos (Figuras 5 e 6). As crianças adoraram descobrir este espaço agora com serradura e outros objetos novos que levei, como forminhas para bolinhos e outros utensílios (ver Anexos 3 e 4).



Figura 5. Brincadeira na “cozinha de serradura”



Figura 6. Brincadeira na “cozinha de serradura”

### 1.3. Caracterização do contexto institucional – Valência de Jardim-de-Infância – Especialização

#### 1.3.1. Grupo de crianças

A sala é frequentada por 18 crianças com idades compreendidas entre os três e os seis anos, das quais 12 são do género masculino e seis são do género feminino.

Das cinco crianças com a idade de três anos, três frequentam o JI pela primeira vez, sendo todos rapazes e entre os quais os gémeos, um rapaz e uma rapariga frequentam o JI pela segunda vez; na faixa etária dos quatro anos, cinco crianças frequentam o JI pela segunda vez, sendo três rapazes e duas raparigas; com cinco anos, há três rapazes e três raparigas, num total de seis crianças que frequentam o JI pela terceira vez, à exceção de uma que ingressou no corrente ano. Em termos de ação social escolar, foi atribuído a cinco crianças o escalão A, a uma o escalão B e 12 não usufruem de qualquer apoio social.

Trata-se, portanto, de um grupo muito abrangente quanto às faixas etárias das crianças que acolhe. Deste grupo faz parte uma criança de cinco anos com NEE que,

segundo o relatório médico, é portadora de um *“Atraso global de desenvolvimento com incidência nas áreas da linguagem/expressão oral com algumas particularidades a nível de contacto/ relacionamento social”*. Este ano letivo beneficia de apoio da Equipa de Ensino Especial duas manhãs por semana. Após avaliação da professora de apoio em questão, confirmou-se a necessidade de uma intervenção especializada de Educação Especial, passando esta criança a ser abrangida pelo Decreto-Lei n.º 3, de 2008, de 7 de janeiro. A docente de apoio elaborou um Relatório Técnico Pedagógico e um Programa Educativo Individual (PEI), uma vez que a criança apresenta Perturbação do Espectro do Autismo, cuja medida educativa é a seguinte: a) Apoio pedagógico personalizado, de acordo com o n.º 2, do Art.º 16.º, do Decreto-Lei n.º 3/2008, de 7 de janeiro.

De um modo geral, trata-se de um grupo participativo e interessado relativamente às diferentes propostas educativas que lhe vão sendo apresentadas. Vive-se um clima geral de bem-estar, segurança e interajuda. Em virtude de haver um número significativo de crianças mais velhas, já foi possível implementar dinâmicas colaborativas com os mais novos, incluindo a criança com NEE.

A adaptação das crianças que ingressaram este ano pela primeira vez e que ainda não completaram os três anos está a acontecer, o que obriga a equipa a um esforço acrescido. Deste grupo de crianças que ingressaram pela primeira vez, destaca-se os gémeos que ainda usavam fralda e é agora, com a entrada no JI, que essa transição tem vindo a acontecer. A outra criança revela, ainda, algum mal-estar, especialmente na hora da despedida, e não lancha nem participa na rotina habitual do JI.

A maioria das crianças é autónoma nas rotinas diárias e na utilização de materiais; no entanto, com as crianças que ingressaram de novo, é necessário criar mais oportunidades de iniciativa e de autonomia. O grupo revela características diversificadas, manifestando estádios de desenvolvimento, necessidades e interesses muito diferenciados.

Algumas das crianças que revelam dificuldades nas competências linguísticas, nomeadamente na articulação de palavras e na expressão verbal, estão a ser acompanhadas, particularmente, por uma Terapeuta da Fala.

Dado o grupo de crianças ser heterogéneo no que diz respeito às idades, é natural que sejam notórias algumas diferenças em termos de competências adquiridas.

A nível de aprendizagens, as crianças que compõem o grupo revelam muito interesse nas atividades propostas e adoram explorar todo o ambiente ao seu redor, nomeadamente o interesse pela descoberta da natureza e pelos animais, também devido ao facto de o JI se localizar no meio rural e ser essa a sua realidade.

É um grupo que aprecia bastante o Domínio da Educação Artística, o qual congrega as Artes Visuais, a Dramatização, a Música e a Dança. Ainda acerca destes subdomínios, constatámos que o grupo de crianças manifesta vontade própria e iniciativa, especialmente em realizar pequenos teatros, disfarçar-se com diferentes roupas e acessórios, imitando

algumas personagens do seu imaginário, bem como em elaborar pinturas ou desenhos livres.

As maiores necessidades encontradas estão relacionadas com a Área de Formação Pessoal e Social, nomeadamente a gestão de conflitos entre os pares. É necessário desenvolver atividades que estimulem as competências de expressão verbal; proporcionar momentos ao grupo que permitam fortalecer as relações emocionais afetivas; incrementar atividades de aprendizagem cooperativa; e oferecer atividades para fortalecer as capacidades de controlar os impulsos e ajudar algumas crianças a diminuir as atitudes agressivas, pois estas são as bases primárias mais importantes para o seu desenvolvimento intelectual e social (Brazelton & Greenspan, 2002).

## **2. Projeto de Intervenção: “Fantasiar e Brincar – Possibilidades de Criar, Crescer e Amadurecer”**

Antes de mais, é importante referir que o local de estágio em JI foi o mesmo nas duas últimas práticas de ensino supervisionadas. Como tal, enquanto estagiárias, esta circunstância permitiu-nos poupar algum tempo. Por outro lado, o tempo de observação e recolha de informação a nível da instituição e do grupo facilitou-nos, também, as relações interpessoais. Além do mais, este tempo permitiu um maior conhecimento acerca de cada criança, os seus gostos e interesses, o que favoreceu uma continuidade no planeamento e intenções educativas. Assim sendo, constatámos que, em relação ao ambiente educativo, bem como às práticas pedagógicas, estes se mantiveram, ressaltando apenas algumas diferenças a nível da constituição do grupo de crianças.

Este projeto adveio de um processo em tudo semelhante ao do anterior, por manifestarmos o desejo de dar uma continuidade no planeamento e intenções educativas, de onde se reconheceu o Brincar e o Fantasiar como meios privilegiados de aprendizagem que levam ao desenvolvimento de competências transversais a todas as áreas do desenvolvimento e aprendizagem.

A ideia para este projeto surgiu a partir da observação de vários momentos espontâneos de brincadeira. Ao longo das duas primeiras semanas de estágio, observámos que as crianças brincavam muito ao “mundo da fantasia”, às fadas e às princesas no exterior, e também utilizavam roupas para se disfarçarem de reis, montados no seu cavalo com a sua espada. Percebemos, também, que tinham um fascínio por histórias misteriosas e “assustadoras”; deste modo, realizámos algumas atividades sobre fadas e bruxas. Pretendemos, assim, dar intencionalidade ao processo educativo, partindo da observação das brincadeiras das crianças e recorrendo à Área da Expressão e Comunicação, a qual “[...] é a única em que se distinguem diferentes domínios, que se incluem na mesma área por terem uma íntima relação entre si, por constituírem formas de linguagem indispensáveis para a crianças interagir com os outros, exprimir os seus pensamentos e emoções de forma

própria e criativa, dar sentido e representar o mundo que a rodeia” (Ministério da Educação, 2016, p. 43).

De igual modo, pretendeu-se abarcar, na importância do Brincar, o reconhecimento da criança como sujeito e agente do processo educativo, ao mesmo tempo que nos remete para um Mundo Mágico de Fadas, Bruxas, Reis e Rainhas. O brincar é um campo de criação e utilização de regras e significados que é um contributo essencial para o faz-de-conta que a criança tanto usa, tal como Ferland (2006) refere, em que “basta um pano de louça sobre os seus ombros para que a criança se torne num super-homem” (p. 86, cit. por Mandjavo, 2015, p.15).

Para além de todo o encantamento inerente a estas personagens, o projeto tem, também, como objetivo proporcionar diferentes experiências e aprendizagens ao grupo de crianças dentro das várias áreas de conteúdo da Educação Pré-Escolar e, ainda, dar enfoque ao espaço exterior como possibilitador dessas novas aprendizagens.

Relativamente à brincadeira no espaço exterior, a mesma poderá ser livre ou orientada, desde que colmate as necessidades de cada criança e que traga o benefício que se pretende obter, optando por atividades que não se limitem à sala de aula, mas que permitam que as crianças sejam criativas, usem a imaginação e os cinco sentidos do corpo, e explorem novas brincadeiras (Brock, Dodds, Jarvis, & Olusoga, 2011).

Elegemos duas atividades que ilustram o trabalho desenvolvido, a atividade de “passeio ao campo” e o registo plástico da visita.

Por sugestão do grupo, decidimos fazer um passeio ao campo (perto da instituição), onde visualizámos a natureza ao nosso redor, tirámos algumas fotografias, recolhemos vários elementos naturais e conversámos sobre a estação do ano em que nos encontrávamos. Trouxemos as nossas galochas para podermos andar na terra enlameada.

Vimos e falámos sobre muitas coisas, entre elas, algumas oliveiras das quais apanhámos azeitonas, marmelos para fazermos marmelada, cheirámos flores e plantas e também trepámos alguns ramos de árvores. Até vimos um cogumelo gigante, mas já sabemos que alguns são venenosos e, por isso, não pudemos apanhá-lo. Recolhemos alguns pauzinhos, flores e até encontrámos algumas bolotas (Figuras 7 a 10).

O M. encontrou uma fogueira, o chão estava “queimado”, devem ter sido os “senhores agricultores” que fizeram uma fogueira para aquecerem o almoço.

Quando chegámos ao JI fomos almoçar, mas a seguir, cheios de vontade de “brincar com a terra”, fomos logo buscar os nossos carrinhos de mão e os ancinhos, metemos mãos à obra e limpámos o nosso recreio, recolhendo as folhas com as cores do outono que tinham caído das árvores.

A partir da recolha de elementos naturais, foi proposto às crianças que elaborassem um registo sobre o passeio ao campo utilizando os mesmos. Deste registo plástico resultaram lindas paisagens com árvores e flores.



**Figura 7. Apanhar folhas**



**Figura 8. Colher azeitonas**



**Figura 9. Explorar a bolota**



**Figura 10. Brincar com a flor**

A nível da Avaliação, no JI, o método de avaliação é assente no trabalho de equipa e na interação criança ↔ educador. Registámos, regularmente, a atividade das crianças. Esta documentação estimula a autorreflexão e provoca a discussão e o debate entre a equipa pedagógica. Com base nesta informação, é possível analisar e planejar, tendo em vista o desenvolvimento integral da criança, de forma a promover uma relação autêntica e continuada entre o JI e a família.

Deste modo, os métodos utilizados e os aspetos a ter em consideração para a avaliação deste projeto serão: (i) Observação direta das crianças (bem-estar; envolvimento; participação; entusiasmo); e (ii) Documentação pedagógica (registos fotográficos, registos escritos, desenhos, trabalhos e portfólios das crianças).

Neste processo, não deverá esquecer-se que a criança é protagonista da sua aprendizagem, sendo fundamental envolvê-la na avaliação, “[...] descrevendo o que fez, como e com quem, como poderia continuar, melhorar ou fazer de outro modo, tomando, assim, consciência dos seus progressos e de como vai ultrapassando as suas dificuldades” (Ministério da Educação, 2016, p. 18).

No que respeita à avaliação do projeto, comparámos o que as crianças sabiam inicialmente com o que sabem agora, de forma a realçar os progressos e aprendizagens que realizaram, bem como a forma como o grupo se relacionou e cooperou. Para tal, utilizámos registos de várias atividades, bem como o registo fotográfico. De igual forma, refletimos sobre a receptividade das crianças face às atividades que lhes foram proporcionadas.



### **3. Percurso de Desenvolvimento Profissional**

A Prática de Ensino Supervisionada é determinante no processo de evolução e formação de qualquer aluno(a) estagiário(a). Marca a passagem do estatuto de aluno(a) ao de educador(a), mas, mais do que isso, dá-lhe a possibilidade de se tornar verdadeiramente profissional na sua área de atuação, de uma forma progressiva e acompanhada.

Desde o meu primeiro estágio, este percurso revelou-se, portanto, extremamente rico em novas experiências e aprendizagens. Posso afirmar que sinto alguma evolução na minha maneira de pensar e atuar como profissional de educação, mas sei que ainda poderei aprender mais.

No início deste meu percurso escolar, pensava que todas as minhas dúvidas e inquietações iriam ser extintas, mas percebo que trabalhar com crianças é tão rico e, ao mesmo tempo, tão complexo que faz com que o nosso processo de aprendizagem seja algo progressivo e contínuo, sendo os anos de “experiência no terreno” os nossos maiores aliados. Para ser boa profissional, não basta, então, possuir esta formação inicial; tenho de continuar a estudar, pesquisar, procurar novas ideias, formas de agir, soluções, refletir, usando sempre do bom senso para resolver situações ou questões com as quais me for confrontando ao longo da minha prática profissional.

#### **3.1. *Prática de ensino em contexto de Creche***

No que respeita à minha ação educativa, desde os primeiros dias de estágio, eu e a minha colega pretendemos integrar-nos ao máximo no grupo de crianças, a fim de conhecermos as suas particularidades enquanto grupo e, ao mesmo tempo, as características individuais de cada criança: os seus gostos, as suas aptidões, bem como aspetos a desenvolver/melhorar, entre outros. Partimos para este percurso com a intenção de conhecermos quais as maiores carências do grupo, e direcionando a nossa ação educativa no sentido de trabalharmos esses aspetos que considerámos mais importantes, expostos no nosso projeto de intervenção.

Procurámos, também, dominar as rotinas diárias do grupo, pois, como afirmam Abramowicz e Wajshop, 1999, “a rotina orienta a ação da criança, assegura a ela o dia-a-dia, possibilitando que perceba e se situe na relação tempo-espço, permitindo modificações sem necessariamente cair na mesmice, no repetir sempre o mesmo. A rotina ajuda a criança a prever ações e a situar-se em relação aos acontecimentos e aos horários da creche” (p. 43)

Ainda relativamente ao ambiente educativo, mais precisamente, à organização da sala, a sala onde estagiei estava, inicialmente, dividida em algumas áreas, como a área de acolhimento (manta), a área da casinha, a área de jogos e carros, uma área com livros e duas mesas de trabalho. Porém, estas áreas não se encontravam bem delimitadas e a sua

disposição era um pouco confusa; consequentemente, as crianças desorientavam-se um pouco nas suas brincadeiras, ou seja, a garagem e os carrinhos estavam misturados com os objetos da casinha, não existia uma área apenas para os *legos*, estava tudo na mesma área (casinha), sendo necessária a intervenção constante do adulto para orientar as crianças nas diferentes áreas e para gerir alguns conflitos entre elas. Segundo Portugal (2012), “o ambiente, a parte do currículo que inclui o arranjo espacial e oportunidades de acontecimentos vários, tal como está organizado, pode promover ou restringir o jogo da criança e as suas interações com os outros, pode facilitar ou não a sua autonomia e as rotinas, os momentos de aconchego, de conforto e de bem-estar estético” (p. 12).

Durante o estágio, a educadora decidiu mudar a disposição das áreas, delimitando claramente as áreas para que estas fossem mais perceptíveis pelas crianças e aproveitando todo o espaço disponível na sala. Posto isto, notou-se que a reorganização da sala influenciou o comportamento das crianças, pelo que estas começaram a manter-se mais tempo concentradas a brincar numa só área, menos irrequietas e barulhentas.

Como já referi, as rotinas e as referências temporais são muito importantes para as crianças destas idades, pois transmitem a previsibilidade que possibilita mantê-las estáveis emocionalmente. Decidimos, então, manter as rotinas propostas pela EC e planificar, principalmente no período da manhã, pois é neste período que as crianças estão mais despertas e concentradas. Optámos, também, por não nos afastarmos do tema do nosso projeto, abordando o tema da partilha no máximo possível de atividades propostas. No mesmo sentido, entendemos necessário criar um fio condutor que interligasse todas as atividades.

Na minha semana, por exemplo, comecei por contar uma história do Natal (contei algumas vezes essa mesma história de diferentes formas e estratégias, para que as crianças a entendessem bem). A atividade seguinte foi, também, alusiva ao Natal, e assim sucessivamente, isto é, utilizando as histórias sobre diferentes temas como ponto de partida para tratar esses mesmos temas. (Anexo E – Planificações). O facto de abordarmos sistematicamente o tema dos animais nas nossas atividades deve-se a este ser um tema que suscita bastante interesse nas crianças. Além do mais, na introdução de novos temas, a sua compreensão é mais fácil a partir de temas que já conhecem.

Senti alguns constrangimentos no que se refere a encontrar estratégias para acalmar as crianças mais irrequietas que gritavam e corriam pela sala, não respeitando as regras da sala e acabando por perturbar, por vezes, o ambiente da sala e as outras crianças, bem como gerir estratégias e modos de agir perante situações frequentes de conflitos entre as crianças. Para acalmar as crianças “indisciplinadas”, era frequente que a educadora as pusesse de castigo, mas nós tentámos não adotar essa estratégia como método e utilizámos algumas outras estratégias, como elaborar atividades curtas e que respeitem sempre uma rotina, valorizámos sempre as conquistas destas crianças, elogiando bastante



quando estas faziam ou se comportavam acertadamente, nas principais atividades tentávamos que eles se sentassem na primeira fila, o mais próximo possível da educadora ou das estagiárias, tentámos em todas as ocasiões manter a calma e não gritar e, por vezes, entre atividades ouvíamos música calma com o grupo.

Relativamente ao desenvolvimento da linguagem, à semelhança dos outros domínios, a equipa não pode esquecer-se de que são modelos para as crianças, e, nesta idade, as crianças reproduzem com exatidão os movimentos e as falas. Posto isto, cabe à equipa ter especial atenção à sua postura e à forma como fala perante as crianças. É importante estabelecermos um diálogo cuidado com os mais novos, para que estes se desenvolvam corretamente a estes níveis. Devemos, portanto, valorizar as opiniões das crianças em pequeno e grande grupo, para que estas se sintam confiantes na comunicação. É no ambiente por nós fomentado que as crianças aumentam o seu vocabulário, construindo frases cada vez mais corretas e complexas, obtendo um maior domínio da expressão e comunicação que lhes permita adotar formas mais elaboradas de representação.

Encontrar estratégias diferenciadas para com uma criança que, praticamente, não falava e tinha dificuldades na aquisição da linguagem constituiu, também, um desafio para nós. Quando lhe fazíamos perguntas para estimular esta criança, ela só respondia através de pequenos fonemas ou vocábulos. De acordo com as diretrizes do Ministério da Educação (1997), a

Aquisição de um maior domínio da linguagem oral é um objectivo fundamental da educação pré-escolar, cabendo ao educador criar as condições para que as crianças aprendam. Entre estas salienta-se a necessidade de: criar um clima de comunicação em que a linguagem do educador, ou seja, a maneira como fala e se exprime, constitua um modelo para a interação das aprendizagens das crianças (p. 66).

De forma a desenvolver a linguagem nas crianças, a equipa tentou apresentar textos nas mais variadas formas (por exemplo, canções, trava-línguas e lengalengas, entre outras), os quais facilitam a clareza da articulação e podem, ainda, constituir meios de obtenção e desenvolvimento de competências metalinguísticas.

Na gestão de grupo, a maioria dos trabalhos propostos foi realizada em grande grupo; apenas alguns trabalhos do domínio da expressão plástica e alguns jogos foram realizados em pequeno grupo. As atividades em pequeno grupo são muito importantes, uma vez que

O tempo de pequeno grupo apoia-se nas capacidades das crianças, introduz-lhes materiais e experiências que elas poderiam de outra forma não manipular nem vivenciar, e proporciona aos adultos, a um ritmo diário, um contexto de observação e aprendizagem sobre cada uma das crianças consideradas individualmente (Hohmann & Weikart, 2011, p. 375).

No que diz respeito à experiência que tive neste contexto de creche sobre a atividade de brincar no espaço exterior, temática da minha investigação, posso afirmar que esta ficou bastante aquém das minhas expectativas. Apreciaria e teria sido interessante ter observado

mais as crianças desta idade nas suas brincadeiras no exterior; todavia, pelo mau tempo que se fazia sentir, as crianças não puderam aproveitar esse espaço, sendo que fomos apenas duas vezes para este espaço. Estes momentos duraram cerca de 35/40 minutos. A EC confessou-nos que não deixava o grupo ir mais vezes ao recreio por achar que os pais reclamariam de estas estarem na rua com condições climatéricas menos favoráveis ou temia pelos acidentes, pondo de parte as vantagens que o exterior traria às crianças.

A instituição “albergava” um espaço exterior agradável, com condições para o grupo brincar livremente, e estava dividido em dois espaços amplos e distintos: um espaço destinado à creche e outro, com maiores dimensões, destinado ao JI, com materiais estimulantes e perfeitamente adaptados às faixas etárias. A maior parte do pavimento era sintético e continha algumas estruturas, como escorrega, triciclos e outros veículos, bem como alguns brinquedos. Para além disso, pareceu-me ser um local que respeita as normas de segurança. Existia, ainda, uma outra área, um pouco mais pequena e descuidada, o chão de terra e ervas, onde, apesar de todo o seu potencial, não era permitido às crianças irem brincar. No meu entender, aquele espaço, que não era utilizado, poderia ser melhor aproveitado e reabilitado sem ser necessário grandes investimentos em termos económicos, em prol de um espaço exterior mais rico em experiências para os mais novos.

Nestas idas ao recreio, constatei a felicidade dos mais pequenos por irem brincar ao ar livre noutro ambiente que não a sala, brincando livremente pelo escorrega e outros apetrechos, enquanto a educadora e a auxiliar iam vigiando, para que as crianças não caíssem, se magoassem, ou se surgisse a necessidade de apoiar em algum conflito.

De um modo geral, constato que o estágio foi uma experiência que me trouxe novas perspetivas de visão, novas aprendizagens. É muito compensador vermos o nosso esforço e dedicação reconhecidos, quando observamos o *feedback* positivo das crianças, mostrando-se interessadas e pedindo por mais histórias e músicas, entre outras coisas.

### **3.2. Prática de ensino em contexto de Jardim-de-Infância**

Relembro que o local de estágio em JI foi o mesmo nos dois semestres. Se, por um lado, este facto nos pode ter privado de conhecer uma realidade de estágio diferente, por outro, penso que, ao longo destes anos de estudos, tivemos muitas outras oportunidades de conhecer diferentes realidades, e tenho a certeza de que foi a melhor opção porque se mostrou ser uma mais-valia, tanto para nós, estagiárias, como para o grupo de crianças e para o corpo docente. Enquanto estagiárias, permitiu-nos poupar tempo, o tempo de observação e recolha de informação a nível da instituição e do grupo, facilitando, também, o estabelecimento de relações interpessoais. Além do mais, permitiu um maior conhecimento acerca de cada criança, os seus gostos e interesses, o que favorece uma continuidade no planeamento e intenções educativas.

Durante o estágio, planeámos atividades cuja temática estava de acordo, não só com o tema do nosso projeto, mas, também, com as temáticas definidas pela EC. Esta interação possibilitou-nos colaborar e, conseqüentemente, aprender com a metodologia adotada pela educadora.

A divisão da sala está feita em diferentes áreas atrativas para as crianças. As mesmas estão organizadas de forma a assegurar a visibilidade dos objetos e materiais que as compõem, bem como a locomoção das crianças entre elas. A organização espacial da sala está, portanto, claramente delimitada, de modo a encorajar diferentes tipos de atividades.

Fora do edifício, o espaço do recreio foi o que, logo à primeira vista, me espantou e surpreendeu pela positiva. Este era um espaço equipado com materiais muito estimulantes e adaptados às faixas etárias. Como afirma Portugal (2012),

[...] ao ar livre, no contacto com areia, terra, água, flores, ervas, plantas, troncos, pedras, entre outros, as crianças encontram, naturalmente, desafios que se situam no prolongamento das suas capacidades e realizam descobertas insuspeitáveis e sempre renovadas, a criança acedendo física e sensorialmente ao mundo do conhecimento. [...] A exploração de materiais naturais [...], por sua vez, pode ser trazida para a sala e ser objeto de outras explorações e utilizações. É ainda um espaço em que as crianças têm oportunidade de desenvolver atividades motoras (correr, saltar, trepar, jogar à bola, fazer diferentes tipos de jogos de regras, etc.), num ambiente ao ar livre, (p. 12).

As OCEPE (Ministério da Educação, 2016) referem que

[...] estas múltiplas funções do espaço exterior exigem que o/a educador/a reflita sobre as suas potencialidades e que a sua organização seja cuidadosamente pensada, nomeadamente no que se refere à introdução de materiais e equipamentos, que apelem à criatividade e imaginação das crianças e atendam a critérios de qualidade, com particular atenção às questões de segurança (p. 29).

Contudo, infelizmente, nem todas as crianças têm a possibilidade de brincar e interagir nestes espaços exteriores, pois, pelo que tenho verificado através das experiências de estágios, muitas instituições não têm um espaço exterior diversificado em materiais, nem equipado de acordo com as necessidades das crianças.

Recuando um pouco até ao estágio de creche e fazendo uma retrospectiva do que verifiquei do espaço exterior daquela instituição, fiquei com a ideia de que este era um espaço rico e com um vasto leque de equipamentos, de onde as crianças retiravam ensinamentos importantes, e, de facto, acredito que sim. Porém, após vivenciar este espaço nos estágios em JI, completamente deslumbrada com o que por lá se passava, depressa percebi que é possível e existe sempre maneira de organizar o espaço e os materiais, bem como implementar estratégias para melhorar e potenciar os mesmos.

A educadora Maria José Vale (2013), na sua reflexão intitulada “Brincadeiras sem teto”, descreveu e analisou uma experiência que decorreu num JI inserido no meio rural, onde foram utilizados materiais e espaços pouco estruturados, reinventados, que abriram novas possibilidades, viabilizaram a construção e reconstrução de cenários, permitiram o

jogo simbólico e facultaram a rememoração de experiências passadas. Foram, inclusivamente, adotadas brincadeiras pelas crianças, como uma corrida de triciclos, com a construção de uma rampa para o efeito, construção de casas, mobiliário e túneis a partir de caixotes de papelão. A autora concluiu que o brinquedo é qualquer objeto que a criança usa no ato de brincar e que estes materiais/objetos não estruturados, utilizados pelas crianças nas suas brincadeiras, ativam elevados níveis de imaginação e criatividade.

Tal como esta educadora, também eu observei no meu local de estágio em JI um espaço exterior rico em aprendizagens e brincadeiras estimulantes que por lá se desenvolviam. Pude constatar que estas brincadeiras eram motivantes, desafiadoras e envolventes. Também aqui os mais novos brincavam à “cozinha de serradura”, onde foram utilizados objetos não estruturados, numa área criada para o efeito, a “área da casinha”, onde foram utilizados eletrodomésticos usados e inativos, como um frigorífico, um fogão e um micro-ondas, bem como vários objetos de cozinha, como panelas e tachos, entre outros. Estes utensílios permitiram às crianças brincar aos cozinheiros, criando refeições, como sopas com folhas de árvores e ervas, bolos de lama e papas, entre outras coisas, pois, para além dos objetos da cozinha postos à sua disposição, as crianças aproveitaram, também, elementos da natureza para enriquecerem as suas brincadeiras, isto é, utilizaram folhas das árvores, pequenos ramos para fazer de talheres, areia para “comida”, pedras e sementes para enfeitar os bolos (Anexo D).

A EC dava importância a este espaço, apostando muito na sua utilização diária, local onde o brincar espontâneo era bastante valorizado e incentivado. Era criteriosa na escolha e organização do espaço e materiais, e realizava imensas atividades orientadas neste espaço.

Este local caracterizava-se por possuir uma extensa área de terra batida e vegetação, árvores e bancos de jardim, onde as crianças apanhavam “bichos” e os estudavam; no lado oposto a esta área, no chão cimentado, um pequeno grupo de rapazes jogava partidas de futebol diariamente. Por vezes, assistia-se aos mais novos também a jogar, puxados por eles, numa troca de ensinamentos táticos de jogo. De todas as vezes que começavam uma “partida”, o grupo reunia-se lado a lado no meio campo, a fim de todos cantarem o hino nacional, do início ao fim, com a mão no peito, tal como veem os seus ídolos fazer na televisão.

Constatei a alegria dos mais pequenos quando se deslocavam ao exterior. Quando a educadora dizia que iam para o exterior, as crianças ficavam ansiosas e, por vezes, empurravam-se para ver quem saía primeiro. O espaço exterior é um local rico em experiências e cheio de oportunidades de exploração para as crianças. Para Post e Hohmann (2011), a utilização do espaço exterior pelas crianças “[...] alarga em muito o reportório das experiências sensório-motoras” (p. 161), sendo, por isso, um espaço que as crianças devem utilizar e experienciar desde muito pequenas.

Alguns equipamentos, como o túnel, a caixa de areia, escorregas, triciclos, jogos e livros, possibilitavam às crianças o escorregar, saltar, correr, trepar e esconder-se, entre outras coisas. Havia, também, bancos e mesas onde era possível ver livros, jogar jogos de encaixe e outras brincadeiras, como brincar às escolas ou aos cabeleireiros.

Este é um grupo de crianças heterogêneo na idade do pré-escolar, que, no geral, estão bem desenvolvidas em relação à sua faixa etária. As OCEPE (Ministério da Educação, 2016) consideram “que a interação entre crianças em momentos diferentes de desenvolvimento e com saberes diversos é facilitadora do desenvolvimento e da aprendizagem”, e, ainda, que “a existência de grupos com crianças de diferentes idades acentua a diversidade e enriquece as interações no grupo, proporcionando múltiplas ocasiões de aprendizagem,p.26. No entanto, pela diversidade de idades, torna-se complicado planificar as atividades e o ambiente educativo; o grande grupo é, por vezes, subdividido em pequenos grupos de trabalho, dada a diferença do seu desenvolvimento em determinadas atividades. Desta forma, é possível trabalhar de acordo com o desenvolvimento de cada grupo e de cada criança, mas, também, fomentar a entreaajuda, o sentido de responsabilidade, a partilha de ideias e de saberes. Através deste tipo de responsabilidade, as crianças mais velhas sentem-se responsáveis e importantes porque ajudam as mais novas nas diferentes tarefas. “Tratando-se de um contexto de idades diferenciadas, a criança mais velha assume o estatuto de mais competente, mais experiente, na medida em que o seu próprio desempenho contribui para o desempenho das demais” (Dias & Bhering, 2005, p. 24). Por outro lado, as crianças mais novas têm como modelo as mais velhas, o que facilita e potencia o desenvolvimento individual, de todo o grupo e de todo o processo de ensino/aprendizagem.

Nesta sala, e no início do ano letivo, a nossa primeira prioridade foi a de inserir as crianças mais pequenas (de dois e três anos) no grupo, bem como a criança com NEE, o que se tinha tornado um grande desafio no ano anterior. Atualmente, observa-se uma evolução, pois esta criança está mais participativa e envolvida com o grupo nas atividades direcionadas. A prática educativa da EC era apoiada nos modelos sócio construtivistas e participativos, que têm como princípio fundamental a criança em ação – ativa e cooperante.

No que se refere à Educação Experiencial, esta é uma atitude pedagógica que identifica as crianças como co-construtoras do currículo, colocando-as no centro das aprendizagens e percebendo-as como capazes e aptas para desenvolverem os seus interesses. Por fim, na Pedagogia de Projeto, a criança aprende a ser, a fazer, a aprender e a viver em comunidade, o que lhe permite o desenvolvimento de valores e competências, como a responsabilidade, a colaboração, o respeito, a tolerância e o espírito crítico. No entanto, quanto à postura da EC perante as crianças, é de salientar que esta é uma referência; estabelece uma relação bastante afetiva, disponibilizando o seu colo quando as crianças necessitam de um pouco mais de carinho e atenção. É, também, uma educadora

que utiliza a escuta ativa e o reforço positivo, dado que ouve o que as crianças têm a dizer, incentiva-as à realização de alguma proposta, elogia-as quando fazem algo corretamente ou quando conquistam algum desafio.

Aproveito para refletir sobre a importância das relações interpessoais (educadora/assistente operacional). Na sala onde estagiei, foi notória a relação de amizade e cooperação entre a educadora e a assistente operacional, o que, a meu ver, é imprescindível, dado ser fundamental a existência de uma relação de entreajuda e trabalho de equipa. Existe uma constante troca de ideias/sugestões, muitas vezes instigada pela própria educadora, o que se configura como um aspeto muito positivo, pois favorece um ambiente educativo harmonioso para as crianças. Apesar destas pequenas diferenças de ação, penso que o cuidar e o educar caminham juntos. Por isso, entendo que deve ser valorizado o trabalho de equipa, designadamente com a assistente operacional.

Segundo as OCEPE (Ministério da Educação, 2016), a relação escola-família é fundamental no desenvolvimento da criança, pois são dois contextos que se complementam na educação desta. O mecanismo utilizado pela EC para comunicar com os pais (visto as crianças ainda não saberem expressar-se corretamente) era uma caderneta de recados. A forte relação entre a própria creche e as famílias é um dos objetivos da EC e da instituição. Se esta relação existir, os pais sentir-se-ão mais seguros ao deixarem as suas crianças na instituição. A educadora, em conversa com os pais, poderá conhecer um pouco melhor as crianças e os seus hábitos e, assim, criar uma rotina que satisfaça cada uma, com o conhecimento de todos.

Além do contacto com as famílias, é de salientar que as atividades realizadas, que contaram com o apoio da comunidade, foram fundamentais para a aprendizagem das crianças, uma vez que lhes proporcionaram novas experiências e o contacto com outra realidade. Entre elas, a visita aos correios e ao banco, locais onde carinhosamente levámos postais de natal e cantámos canções. Destaca-se, ainda, a visita ao colégio Infante Santo, onde as crianças realizaram inúmeras atividades, como fazer bolachinhas, pega-monstros, ouviram histórias e assistiram à dramatização do conto da Branca de Neve, entre outras.

Como já referi, as rotinas e as referências temporais são muito importantes para as crianças de creche e pré-escolar, pois transmitem a previsibilidade que possibilita mantê-las estáveis emocionalmente. Para não comprometermos a estabilidade e respeitarmos a organização do ambiente educativo, decidimos, então, manter as rotinas propostas pela EC e planificar tendo em conta as suas rotinas, mantendo os mesmos costumes de acordo com o horário letivo da sala.

Procurámos saber o que as crianças pensavam sobre um assunto ou tema antes de lhes propormos a atividade, para percebermos o que elas já sabiam e dando-lhes oportunidade de aprenderem mais.

Outra das minhas preocupações é se estaria a dar a devida atenção a todas as crianças. Assim, apoiava ao máximo as crianças mais novas, que me procuravam mais para auxiliá-las nas tarefas mais exigentes, e, de igual modo, procurava não pôr de parte as crianças mais velhas, que não demonstraram tanto que precisavam do adulto, mas que, na verdade, como crianças que são, necessitam, igualmente, de atenção. Todavia, senti dificuldades em relacionar-me com a criança com NEE e senti que devia dar mais atenção e incluí-la em todas as atividades, procurar meios e estratégias diferenciadas para a incentivar. Contudo nem sempre tive êxito, pois era uma criança que se opunha, negando-se, mesmo, a desenvolver muitas das atividades, e tinha grandes dificuldades de socialização, acabando eu, muitas vezes, por deixá-la ir brincar com o que ela queria.

Para registar a nossa prática educativa, no decorrer do estágio, fomos tirando algumas notas, mas sobretudo fotografias de momentos significativos para posterior avaliação. Este procedimento é muito importante porque nos possibilita (crianças e estagiárias) rever a nossa ação educativa e avaliá-la. Todavia, neste campo do registo, tive alguma dificuldade em gerir tudo isso, pelo facto de que, num dia ou, apenas, numa atividade, acontece imensa coisa ao mesmo tempo, sendo, ainda, difícil para mim “agarrar” muitos momentos e escrevê-los para não me esquecer. Por estar focada em observar atentamente todos os aspetos relacionados com as crianças, e como o tempo passou muito rapidamente, tornou-se complicado para mim fazer diário de bordo. Deste modo, dei preferência aos registos fotográficos, pois penso ser muito mais rápido e instantâneo, pelo que andava sempre munida da máquina fotográfica. Esta prática era, também, recorrente da nossa educadora, e ela incentivou-nos, também, nesse aspeto.

Entendo que tomei consciência da complexidade que é a ação educativa: o “antes” da atividade, nomeadamente a planificação, a organização dos materiais, do espaço, o prever de situações, o pensar possíveis questões; o “durante” a atividade, com todas as imprevisibilidades que podem surgir; e o “após” a atividade, ou seja, perceber se aqueles objetivos foram cumpridos, se, de facto, ocorreram aprendizagens significativas, se a atividade ou o conteúdo era adequado, se aquele “caminho” seria o melhor, etc.

No que toca aos aspetos que considero dominar melhor, estes prendem-se com as competências relacionais. Tenho algum à-vontade com crianças destas faixas etárias, o que facilitou a minha adaptação e integração no ambiente escolar e com o grupo de crianças.

Penso ter estabelecido uma relação de carinho/afeto com todas as crianças, buscando encontrar o equilíbrio entre estas e os limites/disciplina/respeito. Na primeira semana de estágio, eu estava mais afetuosa; todavia, nas minhas semanas de intervenção, senti a necessidade de adotar uma postura mais “séria”, o que já esperava que acontecesse, pois, nestas idades, as crianças são muito brincalhonas, curiosas e testam o adulto. Desta forma, notei, por vezes, que o grupo não me levava totalmente “a sério” e, por isso, tentei mostrar um pouco a minha autoridade.

## **Vai já para dentro, menino!**

“Vai já para dentro, menino!  
Vai já para dentro estudar!”  
É sempre esta lengalenga  
Quando o que eu quero é brincar...

Eu sei que aprendo nos livros,  
Eu sei que aprendo no estudo,  
Mas o mundo é variado  
E eu preciso de saber tudo!

Há tempo para conhecer,  
Há tempo para explorar!  
Basta os olhos abrir,  
E com o ouvido escutar.

Aprende-se o tempo todo,  
Dentro, fora, pelo avesso,  
Começando pelo fim  
Ou terminando no começo!

Se eu me fecho lá em casa,  
Numa tarde de calor,  
Como vou ver uma abelha  
A tirar pólen da flor?

Como vou saber o que é chuva,  
Se eu nunca me molhar?  
Como vou sentir o sol,  
Se eu nunca me queimar?

Como vou saber o que é terra,  
Se eu nunca me sujar?  
Como vou saber das gentes,  
Sem aprender a gostar?

Quero ver com os meus olhos,  
Quero a vida até ao fundo,  
Quero ter barros nos pés,  
Eu quero aprender o mundo!

Pedro Bandeira (adaptado)



## **PARTE II – PRÁTICA INVESTIGATIVA**

### **1. Âmbito e Objetivo da Pesquisa**

As oportunidades para brincar nos espaços exteriores parecem estar a desaparecer do quotidiano das crianças, registando-se mudanças significativas no uso do tempo da infância (Neto, 2005, cit. por Bento, 2015).

Na sociedade atual padronizada, tem-se verificado uma alteração significativa da estrutura familiar. Os hábitos de vida e as rotinas das famílias transformaram-se e o mundo é, hoje, um local apressado e onde as crianças não têm tempo para brincar. Apesar de, ao nível do Estado e ao nível internacional, se verificar um aumento de medidas de proteção e bem-estar das crianças, assistimos, paradoxalmente, a um maior confinamento destas a espaços reduzidos controlados por adultos, espaços menos normalizados, menos assépticos e potencialmente perigosos. Ao mesmo tempo, muitas vezes consideram-se as crianças como seres biologicamente imaturos, culturalmente ignorantes, socialmente incompetentes, moralmente irresponsáveis e cognitivamente irracionais (Ferreira & Sarmiento, 2008, cit. por Vale, 2013), privando-as de lidar com espaços menos normalizados ou assépticos. Superprotegemos os mais pequenos sem lhes fornecermos a liberdade e autonomia necessárias ao seu desenvolvimento holístico e bem-estar emocional.

Aquando da integração na instituição, na equipa e no grupo de JI, da perceção da dinâmica, do modo de funcionamento e da rotina levada a cabo, reparei que existia uma dualidade de critérios das educadoras de creche e JI. Enquanto a educadora de creche optava por manter as crianças na sala, numa tentativa de as proteger dos riscos e acidentes e mantendo-as a uma temperatura estável, a educadora de JI dava relevância ao espaço exterior, mesmo em dias mais frios ou de chuva miúda, explorando as potencialidades deste local, onde as crianças tinham possibilidade de brincar livremente, aproveitando os benefícios que advêm do contacto com a natureza e da liberdade de movimentos.

Além disso, notei, ainda, diferenças na própria postura e ação educativa das educadoras do que respeita a esses espaços. Enquanto a primeira assumia um papel maioritariamente de espetadora e de vigilante, a segunda adotava um papel mais ativo, isto é, era vigilante e participativa, intervindo, participando ou, apenas, observando as brincadeiras quando achava pertinente apoiar ou quando solicitada pelo grupo.

Embora, em ambos os contextos, os grupos de crianças manifestassem agrado e disponibilidade em participar nas atividades orientadas, a exploração livre dos diversos materiais existentes nas áreas de atividades e brincadeiras ao ar livre eram, sem dúvida, a atividade que emanava maior alegria e excitação. Para o recreio iam sempre a correr, como que apressados para serem livres.

Foi esta disparidade entre os tempos privilegiados para o brincar livremente e a

constatação do interesse das crianças nesta atividade que despertou em mim a vontade de querer aprofundar os meus conhecimentos e refletir sobre esta temática do brincar livre e espontâneo no espaço exterior, focando o contributo desta atividade para o desenvolvimento e a formação dos mais novos, e na forma como se podem proporcionar e organizar situações que resultem em aprendizagens significativas para eles. Desta forma, e tendo em consideração que o educador é o gestor do ambiente educativo, desempenhando, assim, um poderoso papel de influenciar as vivências e aprendizagens das crianças, considerou-se, igualmente, que seria pertinente dar relevo a esta dimensão.

Para finalizar, este trabalho tem por principal objetivo apresentar uma proposta de um projeto curricular no contexto de JI que valorize especialmente as atividades ao ar livre, não descurando as orientações e finalidades pretendidas para este nível educativo, promovendo, deste modo, o desenvolvimento e aprendizagem da criança.

Combatendo este crescente paternalismo, condicionador da “liberdade” desta criança superprotegida, deixámo-la “brincar ao sabor do vento”!

## **2. Enquadramento Teórico**

Nesta secção do relatório, apresento a revisão da literatura que esteve na base do desenvolvimento do tema do estudo, designadamente no que se refere (1) ao conceito de Brincar; (2) às perspetivas teóricas em torno deste conceito; (3) às problemáticas ligadas ao Brincar livre e ao Brincar orientado; (4) à importância do brincar no exterior para a aprendizagem e desenvolvimento; (5) ao papel do educador promotor do brincar no espaço exterior; e (6) à segurança no espaço exterior e ao risco da segurança.

### **2.1. Brincar em educação de infância**

#### **2.1.1 Conceito de brincar**

De acordo com a Infopédia (Dicionários Porto Editora) (2018), o termo *brincar* é um verbo transitivo e intransitivo e tem os seguintes significados: 1. Divertir-se (com jogos); 2. Entreter-se (com brincadeiras infantis); e 3. Galhofar; gracejar [...].

O conceito de brincar tem sido debatido por diversos autores, devido ao facto de as sociedades modernas europeias terem de lidar com alterações económicas, sociais e ambientais, as quais incidem sobre o conceito de brincar, levando a ponderar sobre a relevância do desenvolvimento das crianças (Whitebread, Basilio, Kuvalja, & Verma, 2012).

O ato de brincar encontra-se presente desde o nascimento das crianças, sendo uma necessidade básica de natureza sensoriomotora (Santos, 1999). Para além de ser uma necessidade básica, o ato de brincar também constitui um direito da criança, pois é a partir deste momento que a criança percebe mais o conhecimento sobre si mesma e sobre o

meio envolvente, definindo as suas relações através das interações com os colegas e adultos, conquistando autoconfiança e compreendendo as suas dificuldades pessoais (Moyle, 2006; Lino, 2013).

Borba (2007) acrescenta que o desenvolvimento das crianças é relevante, uma vez que a infância engloba um período de formação cultural, onde o ato de brincar é encarado como uma forma de participação social e uma atividade que facilita a adaptação, resinificação e reelaboração da cultura pelas crianças.

O período de formação cultural permite que as crianças participem, através de ideias e objetivos, na definição de objetivos comuns, ou seja, ao brincar, as crianças expressam-se, convivem e lidam umas com as outras (Machado, 2003).

Ao brincar, as crianças adquirem conhecimento de si mesmas, realçando os papéis sociais, o envolvimento com os colegas e o prazer do jogo, o que irá beneficiar a adaptação sobre o seu conhecimento e a sua personalidade (Santos, 1999).

Kishimoto e Freyberger (2012) partilham, também, desta ideia, na medida em que advogam que o ato de brincar passa por repetir e recriar ações prazerosas, assim como expressar situações imaginárias e criativas, repartir brincadeiras com os colegas, expressar a sua identidade, explorar a natureza e comunicar com os outros (Ministério da Educação, 2016). Os autores reforçam, ainda, a noção de que, no ato de brincar, as crianças mostram-se envolvidas através de prazer, persistência e empenhamento nos jogos/atividades.

Perante o exposto, pode afirmar-se que o ato de brincar é benéfico para o desenvolvimento das crianças, abrangendo diversos níveis, desde a afetividade, motricidade, sociabilidade, até à criatividade (Pereira, 2011).

A nível da afetividade e sociabilidade, as crianças expressam os seus sentimentos, ao mesmo tempo que se sentem mais livres, menos tensas, com mais prazer e mais divertidas, interiorizando as regras, valores e hábitos da sociedade onde se encontram inseridas (Ferland, 2006; Pereira, 2011). A este respeito, Thomas e Harding (2011) referem que o ato de brincar conduz a estímulos, bem-estar e felicidade e, consequentemente, beneficia o desenvolvimento físico, cognitivo e emocional do indivíduo.

A nível da motricidade e da criatividade, o ato de brincar contribui para o desenvolvimento saudável do cérebro, pois possibilita que as crianças memorizem, organizem, interiorizem a aprendizagem e sejam criativas, através da imaginação, destreza e força física, cognitiva e emocional (Ginsburg, 2007).

Contudo, torna-se crucial ponderar sobre o tempo de brincar, uma vez que se tem verificado a sua diminuição devido ao aumento da urbanização, do *stress* da família e das transformações nos sistemas educacionais (Whitebread *et al.*, 2012). Esta situação pode ser explicada pela imposição dos pais, que querem que os seus filhos sejam multifacetados, pelo que os incentivam/obrigam a praticar diversas atividades extracurriculares, tais como desportos, aulas musicais e aulas de línguas, entre inúmeras outras.

### **2.1.2. Perspetivas teóricas sobre o brincar**

Das perspetivas teóricas sobre o brincar, destacam-se três teorias, segundo Poletto (2005): a sócio-histórica (Lec Vygotsky), a cognitiva (Jean Piaget) e a psicanalítica (Donald Woods Winnicott).

A teoria sócio-histórica, defendida por Vygotsky, expressa que o ato de brincar contribui para o desenvolvimento de zonas proximais, ou seja, a distância entre o nível de desenvolvimento real (capacidade de resolver um problema sem ajuda) e o nível de desenvolvimento potencial (capacidade de resolver um problema sob a orientação de um adulto ou com a ajuda de um colega), as quais servem de transição para níveis mais elevados de desenvolvimento.

O ato de brincar permite que a criança crie uma situação imaginária, a qual se traduz na satisfação das suas necessidades, no envolvimento num mundo ilusório, no aumento da capacidade cognitiva e na transição entre o pensamento e o objeto real (Vygotsky, 1998).

Na teoria cognitiva, defendida por Piaget, o ato de brincar é encarado como uma ação assimiladora e uma expressão de conduta, caracterizada metafórica ou espontaneamente, ou seja, ao brincar, a criança está a assimilar o mundo através da sua perspetiva, não existindo envolvimento com a realidade. Isto significa que a interação com o objeto está relacionada com a função que a criança lhe confere (jogo simbólico), o qual passa de um jogo isolado para um jogo com os colegas (Bomtempo, 2006).

Por sua vez, na teoria psicanalítica, defendida por Winnicott (1975), o ato de brincar está associado ao inconsciente, podendo ser encarado como uma técnica de intervenção clínica com crianças. Este autor refere que, no ato de brincar, as crianças se sentem livres e criativas, criando um espaço imaginário onde mobilizam os recursos da sua personalidade, resultando na revelação do encontro do outro e o encontro consigo mesmo.

### **2.1.3. Brincar livre e brincar orientado**

Antes de diferenciar o conceito de brincar livre do de brincar orientado, importa definir o conceito de brinquedo, que, segundo Kishimoto (2003), consiste num objeto ou suporte de brincadeira, revestido de uma conduta estruturada. Para Magalhães (2003), o brinquedo é um instrumento facilitador da ação e da interação da criança, assim como um meio promotor das suas capacidades imaginativas e criativas.

A este respeito, Papalia *et al.* (2009, p. 291) referem que “Brincar é o trabalho das crianças”, ou seja, cada criança tem o seu estilo, gostos e maneira de se entreter ou de realizar uma atividade.

No que se refere ao brincar livre, Post e Hohmann (2011) defendem que as crianças devem brincar com todo o tipo de materiais para além dos brinquedos, pois os objetos ou brinquedos não possuem apenas uma ação ou objetivo, pelo que devem ser descobertos e

explorados individualmente, consoante o nível de desenvolvimento, imaginação e criatividade de cada criança.

Segundo Ferland (2006), o brincar livre ocorre quando a criança decide, por iniciativa própria, o que deve fazer com os brinquedos/objetos, o que permite o desenvolvimento da sua criatividade, imaginação e fantasia, assim como a negociação de conflitos, resolução de problemas, autocontrolo, colaboração, resiliência e desenvolvimento socioemocional.

A OCEPE, e o Ministério da Educação (2016) acrescentam que o brincar livre permite que a criança tenha iniciativa, faça descobertas, expresse as suas opiniões, resolva problemas, colabore com os colegas e adultos e estimule a criatividade e a aprendizagem. Os mesmos autores referem que a interação com os colegas e com os adultos beneficia o desenvolvimento de competências sociais e comunicacionais, assim como o domínio da expressão oral.

Outros benefícios resultantes do brincar livre incluem o aumento da mobilidade, do movimento e do exercício físico nas crianças, o que diminui o risco de obesidade e outras patologias (American Academy of Pediatrics, 2006).

Na vertente educativa do brincar livre, estimula-se a aprendizagem da criança, ao mesmo tempo que se aumenta o seu conhecimento e capacidades, a perceção do mundo envolvente e a satisfação das necessidades, gostos e cultura (Brock *et al.*, 2011).

Quanto ao brincar orientado, este deve ser encarado como uma atividade lúdica, onde a criança sinta prazer, de modo a que a sua criatividade não seja limitada nem se sinta impedida de explorar os brinquedos/objetos, nem a conhecer novos estilos de aprendizagem. Geralmente, este tipo de brincar segue determinadas regras, materiais, papéis e tempo impostos pelos educadores, sendo estes que organizam e lideram o brincar estruturado (Ferland, 2006). Este autor enumera alguns benefícios do brincar estruturado, dos quais se destacam: desenvolvimento da perceção, memória visual, atenção, discriminação perceptiva, espírito desportivo, trabalho em equipa, jogo cooperativo, definição de estratégias e cumprimento de regras.

Brock *et al.* (2011) afirmam que o brincar livre é uma atividade não planificada, que surge de uma aprendizagem iniciada pela criança, a qual interage com o meio envolvente, consoante a sua vontade e desejo. De acordo com os autores, a diferença entre o brincar livre e o brincar orientado prende-se com o facto de, no brincar livre, existir pouca ou nenhuma intervenção do adulto, enquanto no brincar estruturado existe uma intervenção mais regular por parte do adulto, sendo este que inicia, controla e desenvolve a brincadeira (Brock *et al.*, 2011). De modo a tornar o brincar estruturado mais emocionante e motivante, os educadores e pais devem maximizar o seu potencial, assim como disponibilizar oportunidades de qualidade de jogo livre, quer no ambiente de JI, quer em ambientes semelhantes (Ginsburg, 2007).

#### **2.1.4. Importância do brincar no exterior para a aprendizagem e desenvolvimento**

No contexto do ato de brincar, o espaço exterior tem-se revelado um desafio diário, uma vez que depende de diversos aspectos relacionados com as crianças, famílias, escolas e sociedade. A sua importância pode ser observada através das aprendizagens que influenciam o desenvolvimento e a saúde das crianças (Bilton, 2010; Tovey, 2011). Por esse motivo, o espaço exterior deve ser planeado e organizado para dar sucessão às atividades e brincadeiras realizadas (Lino, 2013).

Para Silva *et al.* (2016, in Ministério da Educação, 2016) o espaço exterior é encarado como um local privilegiado para a ocorrência de atividades das crianças, que, ao brincar, estão a interagir socialmente, exploram materiais naturais (pedras, folhas, areia, plantas, flores, terra e água, entre outros) e praticam exercício físico (correr, saltar e jogar à bola, para mencionar apenas algumas atividades). Os mesmos autores acrescentam que o espaço exterior oferece diversas potencialidades e oportunidades educativas benéficas, quer para as crianças, quer para os educadores.

Segundo Post e Hohmann (2011) e White (2011), os benefícios para as crianças passam pela extensão do ambiente interior de exploração e brincadeira, pela estimulação dos cinco sentidos do corpo humano (ver, sentir, cheirar, apalpar e ouvir) e pela aquisição de novas formas de aprendizagem, interação e comunicação.

Bento (2015) defende que o espaço exterior contribui para o desenvolvimento nas crianças de competências motoras, sociais, cognitivas e emocionais, as quais são básicas para a vida adulta.

**A nível motor**, o espaço exterior torna as crianças mais coordenadas, equilibradas e ágeis, com movimentos mais vastos, céleres e fortes, o que reforça os músculos, coração e pulmões (Thigpen, 2007). Segundo Bilton (2010), o espaço exterior incentiva à prática de exercício físico e ao desenvolvimento de capacidades motoras, tais como o equilíbrio, a coordenação, a motricidade fina e, conseqüentemente, a aprendizagem da leitura e da escrita.

**A nível social**, o espaço exterior permite que a criança participe nas brincadeiras dos seus colegas, seja mais ativa e se integre em outros grupos de crianças, criando um sentimento de pertença e apreciação do espaço (Thomas & Harding, 2011). A apropriação do espaço irá permitir que as crianças adotem comportamentos positivos e proativos em relação ao ambiente e aos hábitos de vida saudáveis (Bilton, 2010).

**A nível emocional**, as crianças tornam-se mais confiantes, com autoestima mais elevada, superam desafios e juntam as suas competências, de modo a avaliarem o risco e gerirem comportamentos (autonomia e autoestima) nas brincadeiras (Sandseter, 2010; Little & Wyver, 2010).

A **nível cognitivo**, as crianças adquirem competências de imaginação e criatividade, consoante a exploração e descoberta dos diversos materiais, sons e movimentos (Thomas & Harding, 2011).

De acordo com Fjørtoft (2001), as crianças que brincam regularmente no exterior tornam-se mais aptas. Ao tentarem superar os desafios encontrados nas brincadeiras no espaço exterior, as crianças reforçam as estratégias de resolução de problemas, passam por novas experiências e desenvolvem a linguagem, o pensamento, a alfabetização e a cultura, entre outros aspetos (Thomas & Harding, 2011). Estes desafios estimulam a cooperação entre colegas, pois só assim as crianças verão os seus desejos e objetivos alcançados. Do mesmo modo, ajudam a diminuir os níveis de *stress* e relaxam, sem existir interferência de objetos ou ruídos da sala de aula (Thomas & Harding, 2011). Os autores acreditam, também, que as crianças ficam menos propensas à obesidade e desenvolvem sistemas imunológicos mais fortes, além de que têm uma imaginação mais ativa, jogando de forma mais criativa, apresentando níveis mais baixos de *stress* e desenvolvendo um maior respeito por si próprias e pelos outros.

Relativamente ao contexto nacional, foram realizados diversos estudos (Neto, 1997; Figueiredo, 2015), de modo a observar a importância do espaço exterior na aprendizagem e desenvolvimento das crianças. O estudo de Neto (1997) evidenciou que a influência do espaço exterior no dia-a-dia das crianças tem vindo a ser cada vez menor, o que se reflete ao nível da educação, saúde e ambiente, pelo que as políticas e práticas educativas deveriam investir neste aspeto, considerando o futuro das crianças. No estudo de Figueiredo (2015), observou-se que o espaço exterior é pouco utilizado, sobretudo nos meses de inverno, sendo utilizado pelas crianças entre 16 a 30 minutos por dia, o que não lhes permite obter todos os benefícios subjacentes à fruição deste espaço.

Apesar dos benefícios obtidos com a utilização do espaço exterior, o mesmo tem sido negligenciado pelos educadores como espaço de desenvolvimento e aprendizagens, sendo substituído por brincadeiras/atividades orientadas em sala de aula. Esta situação pode dificultar o desenvolvimento de competências, pois, ao estarem limitadas à sala de aula, as crianças não se encontram preparadas para superar os desafios existentes no meio envolvente (Vale, 2012).

O espaço exterior é crucial para o desenvolvimento de competências sociais, emocionais, físicas, motoras e cognitivas, as quais enriquecem e munem as crianças de experiências, descobertas e explorações de novos materiais, sons e aprendizagens. Este é, ainda, um espaço que pode fornecer muitas das pistas de que o educador necessita acerca do desenvolvimento das crianças a vários níveis, sendo, portanto, um meio oportuno para os adultos aprenderem mais sobre os mais novos, pois, de facto, é nestes momentos de brincadeiras que podem observar e refletir sobre o modo de atuar mais adequado.

### **2.1.5. O papel do educador promotor do brincar no espaço exterior**

Em virtude de se colocar em evidência a importância do espaço exterior na aprendizagem e desenvolvimento das crianças, torna-se, igualmente, essencial refletir sobre o papel do educador na promoção do brincar no espaço exterior, uma vez que as duas problemáticas estão interligadas, pois cabe ao educador um papel crucial neste sentido.

Segundo Ferreira (2010), o educador assume o papel de observador e de interveniente nas brincadeiras das crianças, pois, ao observar, vai recolhendo informações básicas sobre cada criança, sobretudo a nível pessoal, social, de conhecimento do mundo, comunicação e expressão, intervindo caso seja necessário, sem fazer correções ou imposições, mas, antes, como mais um membro que interage e participa nas brincadeiras.

A este respeito, Gonzalez-Mena e Eyer (2014) referem que a observação é uma técnica valiosa para o educador, na medida em que contribui para a perceção do momento de atividade/brincadeira, possibilitando-lhe a visão global do ambiente e dos objetos, consoante um grupo específico.

Para além da observação, o educador deve anotar os registos diários das atividades/brincadeiras e dos progressos de cada criança, de modo a que, num determinado período, possa comparar o seu desenvolvimento, interesses, capacidades e competências e reconhecer a existência ou ausência de certos padrões nos seus comportamentos. O registo é, também, essencial para a posterior reflexão sobre a prática pedagógica, assim como sobre os pontos fortes e pontos a melhorar enquanto educador (Jablon, Dombro, & Dichtelmiller, 2009).

Quanto à intervenção do educador, a mesma confere experiências úteis e significativas, considerando os interesses e necessidades de cada criança, sendo fundamental a elaboração de uma planificação de atividades que maximizem as potencialidades das crianças e auxiliem na superação das suas dificuldades. A planificação de atividades deverá englobar uma vertente de aprendizagem e uma vertente de brincadeira, para que as crianças se sintam motivadas e divertidas, ao mesmo tempo que adquirem novas aprendizagens (Brock *et al.*, 2011).

Relativamente à brincadeira no espaço exterior, a mesma poderá ser livre ou orientada, desde que colmate as necessidades de cada criança e traga o benefício que se pretende obter, devendo o educador optar por atividades que não se limitem à sala de aula, mas que permitam que as crianças sejam criativas, usem a imaginação e os cinco sentidos do corpo e explorem novas brincadeiras (Brock *et al.*, 2011).

Apesar de a intervenção do educador não ser ativa, o mesmo deve transmitir confiança e segurança às crianças, podendo realizar perguntas durante as brincadeiras, as quais devem resultar em opiniões positivas e motivar as crianças a continuarem com a sua brincadeira (Gaspar, 2010).



O objetivo do papel do educador como promotor do brincar passa pelo facto de as crianças explorarem o espaço exterior, de modo a terem contacto com a realidade do meio envolvente desde os primeiros anos, o que irá contribuir para a criação de uma geração de adultos munidos com capacidades, atitudes e convicções significativas relativamente ao exterior (Lindsay & Pompermaier, 2010).

É, também, da incumbência do educador organizar os espaços e materiais que enriquecem as experiências educativas integradas. De acordo com o Decreto-Lei n.º 241/2001, de 30 de agosto, cabe ao educador de infância: (i) organizar o espaço e os materiais, concebendo-os como recursos para o desenvolvimento curricular, de modo a proporcionar às crianças experiências educativas integradas; (ii) disponibilizar e utilizar materiais estimulantes e diversificados, incluindo os selecionados a partir do contexto e das experiências de cada criança; (iii) proceder a uma organização do tempo de forma flexível e diversificada, proporcionando a apreensão de referências temporais pelas crianças; (iv) mobilizar e gerir os recursos educativos, nomeadamente os ligados às tecnologias da informação e da comunicação; e (v) criar e manter as necessárias condições de segurança, de acompanhamento e de bem-estar das crianças.

Antes de organizar o espaço, o educador deve estar familiarizado com o grupo e conhecer as crianças individualmente, para que a sua ação seja intencional. De acordo com Ministério da Educação, 2016), a intencionalidade do educador, que caracteriza a sua intervenção profissional, exige-lhe que reflita sobre as concepções e valores subjacentes às finalidades da sua prática: papel profissional, imagem de criança, o que valoriza no que as crianças sabem e fazem e no modo como aprendem. Esta intencionalidade permite-lhe atribuir sentido à sua ação, ter um propósito, saber o porquê do que faz e o que pretende alcançar.

Em suma, o papel do educador deve levá-lo a refletir sobre as concepções e valores da sua prática, nomeadamente o seu papel enquanto profissional, a imagem de criança que possui, os aspetos que valoriza nos conhecimentos das crianças e nas suas aprendizagens, ou seja, o educador deve saber responder a certas questões, das quais se destacam “Qual é o propósito do meu papel como educador?”, “Qual o motivo de fazer o que faço?” e “Que pretendo alcançar com o meu papel como educador?” (Ministério da Educação, 2016).

#### **2.1.6. Segurança no espaço exterior e o risco da segurança**

A segurança nas brincadeiras no espaço exterior é crucial para que os educadores possam exercer o seu papel de forma consciente, segura, tranquila, sem percalços e sem limitar as crianças ao espaço da sala de aula. Esta situação pode ser agravada com o aumento de burocratização dos espaços (imposições legais), o que leva à diminuição do desenvolvimento das crianças e à diminuição da diversidade de materiais, atividades e desafios diários implementados pelos educadores (Thigpen, 2007).

Em relação à inspeção, foi promulgada uma norma que regula os equipamentos e superfícies para espaços de jogo e recreio (NP EN 1176-1, 2010). Esta Norma Portuguesa (NP) considera que o risco é relevante nestes espaços, pois permite criar um equilíbrio entre a necessidade de algum risco e a necessidade de proteção das crianças dos perigos graves. Segundo esta NP, os riscos no brincar são encarados como uma necessidade humana básica, devendo esta ser assegurada num ambiente controlado, onde as crianças desenvolvam competências sociais, intelectuais ou físicas.

Brincar é, simultaneamente, um desafio e um risco. Figueiredo (2015) refere que Brincar implica a interação da criança com o espaço e com o tempo e a possibilidade de explorar, de construir e reconstruir o espaço mediante os interesses da criança.

Prott (2010) argumenta, ainda, que um espaço onde nada acontece pode ser prejudicial para as crianças, uma vez que lhes confere escassas possibilidades de aprenderem a ser autónomas. Para isso, também podem contribuir algumas atitudes negativas em relação ao brincar no espaço exterior, tais como: roupa desadequada; espaços desajustados às necessidades das crianças; e construção inacabada ou inspeção deficiente. (cit. por Vale, 2012).

Outros aspetos que contribuem para o abandono das brincadeiras no espaço exterior prendem-se com o receio dos pais e dos educadores de infância no que concerne a situações, tais como: doenças infectocontagiosas; acidentes; quedas; criação de uma cultura de medo; e preocupação em demasia com a segurança das crianças. Para que estas situações não aconteçam, os pais/educadores consideram que a melhor opção passa por implementar atividades estruturadas, limitadas a espaços fechados e orientadas pelos adultos, sem privilegiar as necessidades e desejos das crianças. Para melhor compreender a importância da segurança no espaço exterior, foram realizados estudos por diversos autores (Fjørtoft, 2001; Burke, 2005; Little & Eager, 2010; Tovey, 2011).

O estudo de Fjørtoft (2001) demonstrou que as características dos espaços exteriores estão relacionadas com o tipo de brincadeiras neles realizadas; por exemplo, zonas de arbusto incentivam ao brincar simbólico e construtivo e zonas rochosas incentivam às atividades motoras, como saltar, trepar ou escorregar.

No estudo realizado por Burke (2005), observou-se que as crianças privilegiam espaços naturais, onde exista ambiente de intimidade, em vez de espaços com equipamentos de jogo e, ainda, que as crianças preferem os espaços abertos, amplos e informais, onde possam brincar de forma livre e com elementos da natureza (relva, árvores, folhas ou pedras).

Little e Eager (2010) verificaram que a maioria das crianças opta por espaços com equipamentos que conduzam a desafios, em detrimento dos espaços mais tradicionais. Os autores concluíram, também, que, nos parques infantis, as crianças manifestavam comportamentos de risco reduzido ou de ausência de risco, apesar de a maioria gostar de

desafios, o que leva a uma incongruência entre os seus interesses e as condições disponibilizadas pelos espaços.

Por sua vez, o estudo de Tovey (2011) apurou que os espaços exteriores estimulam a atividade e a participação das crianças devido à existência de elementos da natureza, onde as crianças podem brincar livremente e superar desafios, tais como baloiçar, trepar, derrapar, agir com velocidade, instabilidade e em altura, levando ao aumento do desenvolvimento das suas competências e capacidades nas mais diversas áreas.

De modo a conquistar/manter a autonomia das crianças, devem ser criadas condições nos espaços exteriores que permitam brincadeiras menos orientadas, apesar de vigiadas, onde as crianças se sintam livres e aprendam a superar desafios e perigos existentes no espaço ou nos materiais utilizados (Vale, 2012).

Tovey (2011) acrescenta que as crianças que brincam num espaço natural, com pedras, cordas para trepar às árvores e outro tipo de elementos, têm tendência a estar menos doentes, conseguem melhores níveis de concentração e possuem melhor nível de motricidade global.

De entre os diversos comportamentos que podem ser adotados pelos pais/educadores no que se refere aos espaços exteriores, destacam-se os seguintes: ir a pé para a escola; desenvolver o sentimento de pertença a um espaço; aquisição de competências de orientação espacial; e resolução de problemas (Tovey, 2011).

### **3. Metodologia**

#### **3.1. Objetivo e questões orientadoras do estudo**

Este estudo tem como principal objetivo a conceção e desenvolvimento de um projeto curricular, sustentado na investigação sobre o brincar livre ao ar livre em JI.

No decorrer da minha investigação, e de modo a corresponder a este objetivo, tive como referência algumas questões, sendo elas:

- ✓ O que aprendem as crianças quando brincam livremente no exterior?
- ✓ Como pode o educador organizar o ambiente educativo de forma a potenciar o brincar livre?
- ✓ Como assegurar a harmonia entre a segurança e os riscos neste espaço?

#### **3.2. Opções metodológicas**

Para dar resposta às minhas perguntas de investigação, optei por uma metodologia de investigação qualitativa por estar interessada em saber “o como” e o “porquê” das situações vividas no decorrer do estágio. Este estudo tem, ainda, características de um processo de investigação-ação, uma vez que é um autoestudo que pretende sustentar o

presente projeto curricular em desenvolvimento no contexto de JI, centrado na investigação e ato reflexivo da minha prática educativa, com o intuito de melhorá-la.

A investigação qualitativa centra-se, principalmente,

[na] importância que se atribui a uma compreensão em profundidade de uma situação e dos significados que a envolvem ou lhe estão subjacentes. O interesse incide no processo, mais do que nos resultados, no contexto, mais do que numa variável específica, na descoberta, mais do que na confirmação (Merriam, 1998, cit. por Silva, 2003).

A investigação qualitativa possui cinco características:

1. Na investigação qualitativa, a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal. Os investigadores deslocam-se aos locais, pois necessitam de ter contacto direto com o meio, para perceberem o mesmo. De acordo com Bogdan e Biklen (1994), “os investigadores qualitativos frequentam os locais de estudo porque se preocupam com o contexto. Entendem que as ações podem ser melhor compreendidas quando são observadas no seu ambiente habitual de ocorrência” (p. 48).
2. A investigação qualitativa é descritiva. Os investigadores recolhem dados em forma de imagens ou palavras, sendo que esses dados abrangem transcrições de notas de campo, fotografias e entrevistas, por exemplo. Segundo Bogdan e Biklen (1994), “os investigadores tentam analisar os dados em toda a sua riqueza, respeitando a forma em que estes foram registados ou transcritos [...]. A descrição funciona bem como método de recolha de dados, quando se pretende que nenhum detalhe escape” (pp. 48-49).
3. Os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que, simplesmente, pelos resultados ou produtos. Os investigadores questionam-se bastante, pois pretendem compreender todo o processo, mais do que chegar aos resultados e conclusões.
4. Os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva. Os investigadores têm como finalidade recolher e agrupar dados para construir hipóteses. Conforme Bogdan e Biklen (1994),  
[...] as hipóteses são construídas à medida que os dados particulares que foram recolhidos se vão agrupando [...]. O processo de análise dos dados é como um funil: as coisas estão abertas de início e vão-se tornando mais fechadas e específicas no extremo (p. 49).
5. O significado é de importância vital na abordagem qualitativa. Ainda segundo Bogdan e Biklen (1994), os investigadores “estão interessados no modo como diferentes pessoas dão sentido às suas vidas. [...] Preocupam-se com aquilo que

se designa por perspectiva participante” (p. 50). Os investigadores pretendem confirmar se estão a apreender as diferentes perspetivas adequadamente.

Mais especificamente sobre a investigação-ação, Coutinho *et al.* (2009) referem que esta “pode ser descrita como uma família de metodologias de investigação, que inclui, simultaneamente, ação (ou mudança) e investigação (ou compreensão), com base num processo cíclico que alterna entre ação e reflexão, e em que os métodos, os dados e a sua interpretação vão sendo aperfeiçoados a partir da experiência (conhecimento) obtida no ciclo

anterior”. Para tal, existem, “atualmente, diferentes perspetivas, dependendo sempre da problemática a estudar, sendo o princípio fundamental a exploração reflexiva que o educador faz da sua prática, contribuindo, dessa forma, não só para a resolução de problemas, como, também, para a planificação e introdução de alterações nessa mesma prática” (p. 360).

### **3.3. Participantes do estudo**

O contexto em que foi realizada a pesquisa englobou dois grupos provenientes da sala de JI situado numa pequena vila rural, local que frequentei durante as minhas duas intervenções em contexto pré-escolar. No primeiro estágio o grupo era constituído por 20 crianças de idades compreendidas entre os três e os seis anos, nove eram do género feminino e 11 do género masculino. No segundo grupo a maior parte dos elementos mantiveram-se, saindo apenas as quatro crianças de seis anos, constituído por 16 crianças no total.

Sendo este um estudo no qual também eu me incluo, constitui, portanto, um autoestudo centrado nos meus dois estágios, com o grupo, educadora e meio envolvente que acima refiro.

### **3.4. Instrumentos de recolha de dados**

No processo de recolha de dados, existem várias técnicas próprias desta investigação qualitativa. Nesta investigação, privilegiaram-se, como técnicas de recolha de dados, os meus portefólios de estágio, que incluem as observações participantes, a documentação pedagógica das aprendizagens das crianças, registos fotográficos, reflexões e, por fim, as planificações e avaliações semanais. Foram estas técnicas que nos permitiram compreender os aspetos ligados às práticas no espaço exterior, dando-nos resposta às principais questões. Com efeito, a utilização destes variados recursos constitui uma forma de aquisição de dados de diferentes tipos, os quais proporcionam a possibilidade de cruzamento de informação. (cfr. Araújo *et al.*, 2008).

### **3.4.1. Portefólio de estágio**

#### **3.4.1.1. Observação participante**

A observação do dia-a-dia com as crianças foi fulcral para o desencadeamento e desenrolar do presente projeto de investigação, uma vez que foi a partir da observação que recolhemos informações e detalhes relevantes para o que pretendíamos estudar.

Bogdan e Biklen (1994) argumentam que o investigador é um “observador que tem um envolvimento completo com a instituição [...]. [Deste modo], é necessário calcular a quantidade correta de participação e o modo como se deve participar, tendo em mente o estudo que se propôs elaborar” (p. 125).

Para Bogdan e Biklen (1994), “ser-se investigador significa interiorizar-se o objectivo da investigação, à medida que se recolhem os dados no contexto. Conforme se vai investigando, participa-se com os sujeitos de diversas formas” (p. 128). Ainda segundo os mesmos autores (Bogdan & Biklen, 1994), “a observação participante [...] baseia-se em notas de campo detalhadas, precisas e extensivas” (p. 150). Bogdan e Biklen (2010) referem, ainda, que “nos primeiros dias de observação participante [...] o investigador fica regra geral um pouco de fora, esperando que o observem e aceitem” (p. 48). Prossequindo, os autores acrescentam que, “à medida que as relações se desenvolvem, [o investigador] vai participando mais” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 48).

#### **3.4.1.2. Documentação pedagógica**

Os registos fotográficos, os registos sob a forma de relatos, as produções plásticas das crianças e as transcrições dos comentários das mesmas compõem a documentação pedagógica. Todos estes recursos partiram da nossa observação das crianças como forma de fazer o levantamento e conhecer as suas capacidades, as relações, os modos de agir, a forma como pensavam quando trabalhavam em grupo, os conhecimentos e particularidades que emergiram em algumas.

#### **3.4.1.3. Registos fotográficos**

Esta ferramenta deu-nos dados descritivos, que serviram para “compreender o subjetivo e são frequentemente analisadas indutivamente” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 183). Bogdan e Biklen (1994) afirmam que “a utilização mais comum da câmara fotográfica é talvez em conjugação com a observação participante. [...] a maior parte das vezes é utilizada como meio de lembrar e estudar detalhes que poderiam ser descurados se uma imagem fotográfica não estivesse disponível” (p. 189). As fotografias, quando são tiradas pelos próprios investigadores no local, podem fornecer-nos imagens das quais é possível retirar pistas sobre relações e atividades.

#### **3.4.1.4. Reflexões**

Todas as reflexões foram importantes, no sentido em que nos fazem pensar sobre a nossa intencionalidade educativa, como propomos as atividades, como planificamos, enfim, sobre toda a nossa ação. Por outras palavras, são as reflexões sobre as nossas ações educativas que nos permitem avaliar e tomar decisões de forma consciente, pois fazem com que nos interroguemos sobre uma prática e procuremos respostas.

#### **3.4.1.5. Planificações semanais**

As planificações e avaliações semanais foram e são um instrumento de trabalho que utilizámos ao longo da nossa prática, sendo um instrumento de auxílio na organização das atividades a desenvolver com as crianças, definindo as estratégias e objetivos a adotar, bem como as suas avaliações. Permitiram, ainda, constatar a evolução do trabalho do grupo, bem como atribuir importância aos interesses e necessidades das crianças. As planificações devem ser realizadas de forma adequada ao grupo e à equipa educativa existente. Planifica-se e avalia-se para a equipa, para o grupo, para os pais e para a instituição.

### **3.5. Recolha e análise de dados**

Os quadros seguintes apresentam todas as atividades livres ou orientadas que foram realizadas em estágio no espaço exterior, planeadas pelas estagiárias. Outras atividades neste local ocorreram projetadas, paralelamente, pela educadora, não sendo aqui expostas. Para cada atividade, procuro analisar a minha prática pedagógica, bem como o ambiente educativo envolvente e a evolução das crianças, dando resposta às minhas três questões centrais acerca do que aprendem as crianças, do papel do educador e da questão da segurança no espaço exterior.

O Quadro 1 refere-se às atividades desenvolvidas no primeiro estágio em contexto de JI. Este estágio teve a duração de cinco semanas, e durante o mesmo tive semanas de intervenção intercaladas com a minha colega e par de estágio. Aqui apresento apenas seis atividades, pois, apesar de o meu tema de investigação estar relacionado com o exterior, nem todas as atividades que propus durante este período de estágio foram realizadas neste espaço. Este facto deveu-se, sobretudo, à dificuldade que tivemos em gerir as atividades para a realização do projeto de estágio, que deveria estar de acordo com o meu tema de final de curso, com o tema da minha colega de estágio e que deveria, ao mesmo tempo, abranger o projeto da educadora e as atividades por ela já planeadas, e que tivemos de seguir, dado serem integrantes do currículo e plano de atividades anual.

O Quadro 2 coloca em evidência as atividades desenvolvidas no segundo e último estágio em contexto de JI. Este estágio teve a duração de 11 semanas consecutivas (excluindo a semana do Natal), durante as quais foram planeadas e desenvolvidas nove

atividades no espaço de recreio. No início de cada semana (segundas-feiras) decorriam as sessões presenciais formativas na Escola Superior de Educação de Santarém (ESES). Analisando bem, o estágio teve a duração aproximada de 30 dias não consecutivos. Neste estágio, contámos com uma dificuldade acrescida, que foi o facto de o estágio se realizar no inverno, o que impossibilitou, por diversas vezes, a realização de atividades fora da sala.

No que diz respeito ao tipo de atividades, apresentamos alguns exemplos de atividades “livres” e outras que podemos designar de atividades mais orientadas. Em todas elas foi unânime a compreensão das necessidades e interesses das crianças, numa tentativa de respeitar as suas vontades e orientar para as suas aprendizagens, reconhecendo os pequenos como seres capazes e a “brincadeira” como meio de aprender.

A dramatização da história dos três porquinhos, a cozinha de serradura, a arca dos tesouros da natureza, o passeio ao campo, birutas do vento e outras brincadeiras são exemplos de atividades que, direta ou indiretamente, foram sugeridas pelo grupo e durante as quais demos às crianças maior liberdade para conduzirem elas as atividades.

A espontaneidade era um fator que queríamos, desde logo, atribuir ao nosso leque de atividades, apenas adquirida através de uma não-diretividade. A espontaneidade advém da singularidade de cada criança, é algo natural, sem a influência do adulto, surge da ação por esta levada acabo de acordo com a sua vontade.

**Quadro 1. Atividades realizadas no exterior no primeiro estágio em JI<sup>1</sup>**

<b>Data</b>	<b>Atividade</b>	<b>Descrição da atividade</b>	<b>Aprendizagens e desenvolvimentos</b>	<b>Papel do educador</b>	<b>Segurança e gestão dos riscos</b>
28 de abril	<b>Dramatização : Os três porquinhos</b>	O local escolhido para a apresentação da dramatização dos três porquinhos foi o recreio. As crianças que não quiseram participar assistiram ao teatro.  Primeiro estas crianças foram acomodadas numa manta, seguindo-se o posicionamento das personagens, usando partes integrantes do recreio como cenário; por exemplo, o túnel era a casa do irmão mais	As crianças enriqueceram as aprendizagens, desenvolveram a linguagem oral e corporal, a atividade contribuiu para a socialização (estreitar a relação de afeto e comunicação). Foram capazes de participar nas decisões sobre o seu processo de aprendizagem e crescimento cultural.	O grupo foi bastante autónomo e participativo na construção das fases da dramatização, foram as crianças que escolheram a personagem que queriam representar e foram dando as ideias relativamente às falas, à organização do espaço e aos	

<sup>1</sup> As planificações das atividades podem ser consultadas no Anexo E.



		velho. A estagiária fez de narrador e as crianças os seus diálogos. As crianças já sabiam quase de cor a história e as falas <i>a posteriori</i> , pelo que esta dramatização foi fácil.	Observei que todo o grupo estava bastante animado por se ir mascarar e participativo. Demonstraram grandes capacidades de comunicação oral e expressiva e tudo o que foi dito anteriormente.	adereços. Eu ia apenas mediando e fazendo perguntas e direcionando para o que eu pretendia.	
10 de maio	<b>Cozinha de serradura</b> <b>Materiais</b> – todo o tipo de objetos e materiais da área da casinha, de preferência, objetos recicláveis, e do quotidiano das crianças. Levei uma série de objetos de pastelaria, formas diversas, rolo da massa, etc.	<b>Despertar para um novo “material” – (serradura)</b> – Deixei em cima da mesa da cozinha do exterior uma caixa de plástico com serradura e água (de modo a obter uma consistência que seja facilmente maleável pelas crianças). <b>Explorar e descobrir</b> – As crianças exploraram a serradura livremente.	Desenvolveu o Jogo simbólico, aquisição de habilidades, sociabilidade, motricidade, sentido estético, os sentidos, imaginação, criatividade, contacto com a natureza, organização, através de experiências do quotidiano. Utilizar e recriar o espaço e os objetos, atribuindo-lhes significados múltiplos em atividades de faz-de-conta, situações imaginárias e de recriação de experiências do quotidiano, individualmente e com os outros.	Até certo ponto, o meu papel foi maioritariamente o de observador/vigilante; contudo, observei que as brincadeiras estavam a ser monótonas e adicionei novos materiais e, a pedido das crianças, participei nas brincadeiras, mostrando, também, outras ideias do que se poderia fazer com a serradura, como almôndegas, pudins, sopa com folhas, etc.	Nesta atividade, as crianças puderam ter de lidar com algum risco, nomeadamente no manuseamento de objetos da cozinha mais pesados, ou se algum material estiver danificado, poderá provocar arranhões ou cortes. Estes riscos podem ser evitados com a “inspeção” periódica do educador aos objetos. Quanto aos riscos, mantive um papel de vigilância, mas sempre dando “espaço” às crianças.
12 de maio	<b>Atividade musical: Produzir sons com objetos</b> Produzir som com objetos do quotidiano (objetos da área da casinha).	Pedimos a cada criança que explorasse o recreio e procurasse dois objetos/materiais que produzissem som. Sentámo-nos em roda, mostrámos os materiais aos amigos, exemplificando o som que esse produzia. Perguntámos à criança que tipo de som era (grave, agudo) e se fazia lembrar o som de algum instrumento.	Desenvolveu o sentido rítmico, a exploração das características dos sons pela escuta, reproduziram sons graves, agudos, desenvolveu a sensibilidade musical, contribuiu para ampliar a variedade de	O meu papel foi o de orientar e mediar a atividade, explicando ao grupo o que eu pretendia que eles fossem fazendo no decorrer da mesma e participei tal como eles, de modo a exemplificar e	O mesmo que a atividade anterior.

		<p>Agrupámos as crianças que tinham materiais com sons idênticos: os sons metálicos, de “tambores” e sons das pedras.</p> <p>Pedimos a cada grupo para tocar, fazendo sequências: primeiro o grupo dos metais, depois o das pedras, por último o dos “tambores”, e alterando a sequência.</p> <p>De seguida, marcámos o ritmo com palmas, de seguida o mesmo procedimento, mas as crianças todas em conjunto marcavam o ritmo com os seus instrumentos improvisados.</p>	<p>linguagens de expressão, contribuiu, certamente, para a diversidade de oportunidades, estimulando o equilíbrio, a criatividade, a sensibilidade e a autoestima.</p>	<p>incentivar.</p>	
16 de maio	<b>Arca tesouros da natureza</b>	<p>Começámos por explorar o conceito de “coleção” com o grupo. Após esta reflexão conjunta, explicámos que iríamos começar uma coleção de elementos da natureza (pedras, folhas, pauzinhos, sementes) e propusemos uma primeira recolha de elementos da natureza pelo recreio.</p>	<p>Utilizámos conceitos de orientação espacial, sentimos a harmonia e a sintonia com o meio ambiente e respeitámos e protegemos a natureza ao nosso redor.</p>	<p>Oriei o grupo e expliquei o que pretendia com a atividade e refletimos em conjunto.</p>	
17 de maio	<b>Matemática com a arca dos tesouros da natureza</b>	<p>A atividade foi realizada na área de reunião, no chão.</p> <p>Começámos por questionar as crianças acerca da recolha de elementos da natureza realizada anteriormente e sobre o conceito de “coleção”, na tentativa de percebermos se o grupo estava a compreender o porquê da atividade.</p> <p>De seguida, a estagiária questionou o grupo acerca dos diferentes tipos de elementos da natureza que as crianças recolheram e de que</p>	<p>Compreendemos que os “materiais” da natureza têm atributos mensuráveis que permitem compará-los e ordená-los e agrupá-los consoante características de semelhança</p>	<p>O meu papel foi o de orientar e mediar a atividade, explicando ao grupo o que eu pretendia que eles fossem fazendo no decorrer da mesma.</p>	

		<p>forma os podem agrupar.</p> <p>Foram agrupados segundo o seguinte critério: pedras, paus e folhas.</p> <p>Após estarem agrupados todos os elementos, foram discutidos outros critérios dentro de cada grupo: a cor, o tamanho e a forma.</p> <p>Desta forma, as pedras, por exemplo, puderam ser reagrupadas consoante as suas diferentes características.</p>			
--	--	---	--	--	--

18 de maio	<p><b>Conto:</b> <b>“Casinha de chocolate”</b></p>	<p>Improvísamos uma tenda com tecido preto preso às árvores do recreio.</p> <p>Fizemos algum suspense antes de iniciar a leitura da história. À medida que a esta foi sendo contada, ouvimos os sons, vindos do exterior da tenda (realizados pela colega da estagiária).</p>	<p>Estimulou nas crianças a linguagem, a imaginação e proporcionou um espaço “diferente” para ouvirem e sentirem a história de modo diferente do habitual.</p>	<p>Organizar o material e contar a história de modo a criar um ambiente mais mágico.</p>	
------------	--	---	--	--	--

**Quadro 2. Atividades realizadas no exterior no segundo estágio em JI<sup>2</sup>**

Data	Atividade	Descrição da actividade	Aprendizagens e desenvolvimentos	Papel do educador	Segurança e gestão dos riscos
17 de novem- bro	<p><b>Atividade:</b></p> <p><b>Expressão Físico-Motora</b></p> <p><b>Jogo “À Procura das Fadas”</b></p>	<p>Esta atividade foi uma espécie de caça ao tesouro, na qual as crianças procuraram/ apanharam no recreio as fadas da história e colocaram cada uma numa</p>	<p>Movimentámo-nos, corremos com total liberdade de movimentos, contactámos fisicamente com o meio natural, utilizámos conceitos de orientação;</p> <p>As crianças mais novas tendem a aprender estratégias, modos de agir com as mais velhas</p>	<p>O meu papel foi de vigilante, mas não interferindo na brincadeira.</p>	<p>É possível a ocorrência de algumas quedas, encontros; a atividade poderá originar conflitos se as crianças encontrarem uma fada ao mesmo tempo.</p>

<sup>2</sup> As planificações das atividades podem ser consultadas no Anexo F.

		caixa. O jogo acabou quando foram encontradas todas as cinco fadas.	As crianças terão de aprender/ desenvolver a gestão de riscos sobre eventuais quedas ou conflitos entre pares.		
18 de novem- bro	<b>Atividade:</b>  <b>Elaboração das Casas das Fadas para enfeitar o exterior</b>	Comecei a distribuir alguns materiais recicláveis, como garrações de plástico (casa das fadas) e sobras de tecidos, papéis coloridos, purpurinas, folhas de acetato coloridas (janelas). As crianças pintaram e colaram enfeites nos garrações ao seu gosto.	Valorização da Natureza, imaginação, criatividade... “começamos a construir as casas das fadas com garrações de plástico, proporcionando um ambiente mágico, onde as crianças puderam fantasiar, imaginar sobre o mundo maravilhoso...”	Introdução de brinquedos e brincadeiras. “E apareceu algo mágico no nosso recreio que tivemos de ir logo espreitar! Apareceram fadas e as suas casinhas e a bruxa Carlota!”	
21 de novem- bro	<b>Atividade:</b>  <b>Quem roubou o anel da fada?</b>	Numa roda, estendi um cordão agarrado pelas duas mãos de cada criança, formando um grande círculo e no cordão enfiei um anel. Assim, o anel da fada-rainha pode deslizar dentro do fio e passar de criança para criança. Uma das crianças vai roubar o anel da fada-rainha, sendo que outra vai para o meio e faz de fada-rainha, fecha os olhos e, enquanto se conta até 10, o anel vai sendo passado de mão em mão. Quando um sininho tocar, a “fada-rainha” abre os olhos e	Cooperação, trabalho de equipa, “todos têm de se manter em roda, agarrando a corda e passando de uns para os outros o anel, escondendo-o da “fada-rainha””; atenção; rapidez de raciocínio e resposta; motricidade fina. “Este é um jogo cooperativo e de trabalho de equipa, pois todos têm de se manter em roda, agarrando a corda e passando de uns para os outros o anel, escondendo-o da “fada-rainha””.	Organizar os materiais (corda, anel) e o grupo; explicar as regras do jogo, observar o desenrolar do jogo e sugerir novas regras ou participar, se necessário. “Não foi difícil organizar esta atividade; porém, inicialmente, a corda tinha o comprimento maior do que o pretendido, o que estava a dificultar o manuseamento do anel, mas depressa arranjámos uma estratégia para resolver o problema. Algumas regras do jogo não ficaram desde	

		tenta adivinhar quem roubou o anel. Se acertar troca de lugar e vai para o meio fazer de “fada-rainha”. Se não adivinhar, ela fecha de novo os olhos, o jogo continua e ela tenta novamente três vezes.		início bem esclarecidas, tendo eu de ir intervindo e colocando regras ao longo do jogo; tive, por exemplo, a necessidade de colocar a regra de que tinha de ser a fada rainha a contar até 10 antes de abrir os olhos.	
<b>29 de novem- bro</b>	<b>Atividade: Passeio ao Campo</b>	<p>Passeio pelo campo próximo da escola, onde puderam observar e explorar o meio livremente.</p> <p>“observámos a natureza ao nosso redor, tirámos fotografias a coisas importantes, recolhemos elementos naturais e conversámos sobre tudo o que vimos”.</p>	<p>“Vimos algumas oliveiras, de onde apanhámos azeitonas e alguns ramos, e também trepámos por elas acima. Até vimos um cogumelo gigante, mas já sabemos que alguns são venenosos, por isso não pudemos apanhá-lo. Recolhemos alguns pauzinhos, flores e até encontrámos algumas bolotas”.</p> <p>“O M. encontrou uma fogueira, o chão estava “queimado”, devem ter sido os “senhores agricultores” que fizeram uma fogueira para aquecerem o almoço”.</p> <p>“A Eliana viu um marmeleiro e também foi apanhar alguns marmelos”.</p> <p>“Quando chegámos ao Jardim [...] cheios de vontade de “brincar com a terra” fomos logo buscar os nossos carrinhos de mão e os ancinhos e metemos mãos à obra, limpámos o nosso recreio, recolhendo as folhas com as cores do outono que caíram das árvores”.</p> <p>“Com os marmelos que a Eliana recolheu também aprendemos a fazer marmelada, mas alguns de nós não quisemos provar porque não sabíamos se</p>	<p>O meu papel foi o de proporcionar a estas crianças esta visita especial e deixá-las deliciarem-se com o que absorveram através dos seus cinco sentidos. Alertei para a observação de uma ou outra situação que não podia passar despercebida pelas crianças e vivi esta experiência com elas.</p>	<p>Como era inverno e estava frio e o chão enlameado, decidimos que era apropriado pedir aos pais para trazerem galochas e impermeáveis ou roupa mais velha e quente. “Trouxemos as nossas galochas para podermos andar e saltar na terra enlameada e foi mesmo engraçado”.</p>

			gostávamos. Mas quem provou disse que estava muito boa!”		
--	--	--	--	--	--

<b>29 de novem- bro</b>	<b>Atividade:</b>  <b>Registo Oral e Plástico do passeio pelo campo próximo</b>	A partir da recolha de elementos naturais, foi proposto às crianças que elaborassem um registo sobre o passeio ao campo, utilizando os mesmos	“Deste registo plástico resultaram lindas paisagens com árvores e flores”.	Organizei o grupo e os materiais para a elaboração do desenho e deixei-os soltar a imaginação. Auxiliei na colagem dos elementos naturais, a pedido de algumas crianças.	
<b>6 de dezem- bro</b>	<b>Atividade:</b> <b>Observação da árvore Amoreira e Registo Oral e Plástico da Observação</b>	Conversa com as crianças – levantamento de características da árvore de estudo e folhas (cor, tamanho, forma, recorte, nervuras, textura).	Observaram várias características da árvore e “também relacionámos a queda das folhas com a estação do ano: o Outono. “As folhas estão a cair porque estamos no outono!”, “o chão está cheio de folhas escuras e a árvore esta quase despida”, “as folhas da Amoreira são todas amarelas”, “a árvore agora não tem amoras, só nascem na primavera”. Aprenderam que dá frutos, que são as amoras, e as folhas desta árvore servem de alimento aos bichos-da-seda. “árvore dos bichinhos da seda”.	“Pensamos que foi uma atividade enriquecedora, tentámos aliar o facto de eles terem ótimas condições de explorar o espaço do recreio e adquirem conhecimentos do mundo”. “Dividimos o grande grupo em pequenos grupos que iam lá fora observar de cada vez e pintar na folha com pincel”.	
<b>17 de janeiro</b>	<b>Atividade:</b> <b>2ª Observação da Amoreira Registo Oral e Plástico da Observação</b>	Conversámos com as crianças novamente como na 1ª observação, mas agora comparando as características da árvore tal como está agora e como estava aquando da 1ª observação (nesta observação verificámos que a árvore tinha perdido todas as suas folhas).	Agora no inverno, observaram algumas diferenças na árvore:  “a árvore está nua, não tem folhas”.  “caíram todas com o vento”. “as folhas do chão estão pretas”.	“Através dos registos das crianças, conseguimos perceber que houve, de facto, aprendizagens a esse nível”. “Desta vez, achámos melhor experimentar uma de nós fazer um desenho de um tronco “modelo”, as crianças observam este modelo, e mais facilmente	

				adquirem os conceitos e conseguem, assim, reproduzi-los, pois ainda lhes é difícil adquirirem por completo conceitos mais abstratos, como desenhar um tronco.”	
18 de janeiro	<b>Atividade:</b>  <b>Jogo “apanha o rabo da raposa”</b>	<p>Este jogo é como jogar à apanhada, mas, neste caso, todas as crianças são raposas e vão ter atrás das costas, preso às calças, um “rabo” (um lencinho). O objetivo do jogo é cada um apanhar o máximo de “rabos” de raposas que conseguir e, ao mesmo tempo, não deixar que nenhuma outra raposa lhe tire o seu próprio “rabo”.</p>	<p>“O jogo do rabo da raposa pretende desenvolver a coordenação espacial e oculomotora, a velocidade resistente e a agilidade das crianças”.</p>	<p>Expliquei as regras do jogo, exemplificando. Depois de o grupo perceber as regras, começámos a jogar, incluindo eu.</p>	<p>É possível a ocorrência de algumas quedas e encontros. Surgiram pequenos conflitos porque as crianças foram competitivas.</p>
9 de janeiro	<b>Atividade:</b> <b>“Terra, água, vento” – sentir o vento e descobrir a sua direção</b>	<p>Elaborar os “cones ou birutas de vento” com fitas de manga plástica presas num pau pequeno que servirá de base para segurar, paus esses que as crianças procuraram no jardim. No fim da semana, colocar com as crianças os nossos cones de vento pendurados nos ramos da “árvore das fadas”; a árvore ficará mais enfeitada e mágica!</p>	<p>Explorar e brincar ao ar livre, sentindo o vento e descobrindo a sua direção. Explorar a criatividade das crianças, perguntando com que outros materiais se poderia elaborar o cone de vento ou se acham que iriam conseguir observar a direção do vento se fizéssemos os cones de vento de um material mais pesado.</p>	<p>As crianças mais pequenas requerem mais atenção por parte dos adultos para cortarem as fitas e prendê-las com fio de pesca ou corda aos paus.</p>	



## **4. Apresentação e Discussão dos Resultados**

Todo o meio que envolve uma instituição de ensino pré-escolar é o contexto em que esta se insere e realiza a sua atividade e, de certo modo, influencia a forma como a vida no JI se desenvolve. O JI em questão insere-se num meio rural, numa pequena vila na planície ribatejana com tradições rurais, particularmente ligadas à cultura da vinha, do olival, dos cereais e à criação de gado.

A tranquilidade e aproximação ao campo estende-se, de certa forma, até ao espaço de recreio e oferece às crianças um espaço de brincar interessante e estimulante. Esta ligação que estas crianças têm com o meio natural foi bastante visível pela necessidade e satisfação que elas manifestavam em querer ir brincar para o exterior. Passámos grande parte do tempo neste espaço, apesar do frio que se fez sentir no inverno (segundo estágio em contexto de JI), e aproveitámos sempre os momentos de recreio para ir dissipar energias.

Através desta experiência, constatei que, de facto, o exterior e o contacto com a natureza podem proporcionar aprendizagens bastante significativas. Por vezes, as crianças adotavam conteúdos ou temáticas abordadas em sala e, por conseguinte, aplicavam-nos nas suas brincadeiras. Esta é uma clara evidência do seu envolvimento e das suas aprendizagens. Notei, também, que o ar livre acalma as crianças e elas conseguem estar concentradas por maiores períodos de tempo, quer nas brincadeiras no recreio, quer depois, na sala de atividades. Para além disto, foi visível o entusiasmo das crianças, mesmo quando realizavam uma atividade mais dirigida pelo adulto, apenas por estarem num contexto diferente. Neste sentido, seleccionámos algumas atividades que costumávamos realizar no interior e “transportámo-las” para o exterior, como, por exemplo, as crianças a fazerem os seus registos plásticos, ouvirem histórias e jogos, entre outras. A situação das histórias, por exemplo, prova o que acabou de ser referido: fizemos um género de estrutura em tenda com grandes tecidos pretos presos a árvores e, lá dentro, o grupo de crianças ouvia histórias, num ambiente mágico.

Neste espaço exterior, os pequenos tiveram, acima de tudo, possibilidade de se exprimirem.

### **4.1. Relação do brincar ao ar livre e aprendizagem**

Em relação às aprendizagens resultantes, verifiquei que, no geral, todas as atividades efetuadas enriqueceram e desenvolveram a linguagem oral e a expressão corporal das crianças e contribuíram para a sua socialização (estreitamento da relação de afeto e comunicação). As crianças foram capazes de participar nas decisões sobre o seu processo de aprendizagem, tornando-se sujeitos ativos nessas mesmas aprendizagens (criança ativa e competente).

Mais especificamente em atividades relacionadas com a expressão musical, entendo que as crianças “desenvolveram o sentido rítmico, a exploração das características dos sons pela escuta, reproduziram sons graves, agudos, desenvolveram a sensibilidade musical; as atividades contribuíram para ampliar a variedade de linguagens de expressão, contribuíram, certamente, para a diversidade de oportunidades, estimulando o equilíbrio, a criatividade, a sensibilidade e a autoestima” (cfr. Quadro 1).

Nas atividades de expressão motora, “Movimentámo-nos, corremos com total liberdade de movimentos, contactámos fisicamente com o meio natural, utilizámos conceitos de orientação”, “as crianças aprenderam/desenvolveram a gestão de riscos sobre eventuais quedas ou conflitos entre pares” (cfr. Quadro 2), “O jogo do rabo da raposa pretendeu desenvolver a coordenação espacial e oculomotora, velocidade resistente e agilidade das crianças” (cfr. Quadro 2).

Relativamente à atividade de aquisição de competências matemáticas, “Compreendemos que os objetos têm atributos mensuráveis que permitem compará-los e ordená-los, e agrupámo-los consoante características de semelhança” (cfr. Quadro 1).

Para além destes conhecimentos que referi acima, outros mais genéricos foram, também, adquiridos, tais como: sociabilidade, motricidade grossa e fina, imaginação, criatividade; “começámos a construir as casas das fadas com garrações de plástico, proporcionando um ambiente mágico, onde as crianças puderam fantasiar, imaginar sobre o mundo maravilhoso [...]” (cfr. Quadro 2); conceitos de orientação espacial, aquisição de sentido estético, contacto e valorização da natureza, estímulo dos sentidos, cooperação, trabalho de equipa; “todos têm de se manter em roda, agarrando a corda e passando de uns para os outros o anel, escondendo-o da ‘fada-rainha” (cfr. Quadro 2); atenção, rapidez de raciocínio e resposta.

Muitas demonstrações espontâneas dos pequenos foram possíveis através da forma como os materiais foram sendo colocados no exterior, devido à variedade desses mesmos materiais, que foram ou não usados pelas crianças de acordo com a sua vontade. Na atividade da cozinha de serradura, a serradura foi colocada em cima da mesa num recipiente de plástico, e não lhes foi explicado, de início, o que era nem o que se deveria ou não fazer com aquele material, assim como outros objetos reais de cozinha sem uso (ver Anexo D).

O facto de irmos disponibilizando diferentes objetos veio a facilitar o surgimento de experiências sensoriomotoras. Através da manipulação dos objetos, os mais pequenos experimentaram e testaram diferentes materiais e novas possibilidades. Assim, com esta ação direta com os objetos, as crianças começaram a compreender as suas características e utilidades, surgindo, deste modo, as primeiras representações mentais (aos papéis imaginários, à fantasia, à imaginação, ao desempenhar de papéis fictícios, à brincadeira, à

experimentação, à expressão, à criação, à ação lúdica), baseados na sua visão sobre o mundo.

Recordo-me de um grupinho de rapazes que adoravam jogar à bola sempre juntos; certo dia, arranjei-lhes uma pequena baliza portátil e pu-la junto à parede enquanto eles jogavam à bola. Rapidamente deixaram de jogar da forma tradicional e organizaram-se para começarem a jogar aos remates à baliza um a um. Não me lembro antes de os ter visto jogar assim. Recordo-me de pensar que, a partir desta observação, poderia realizar uma série de atividades interessantes ou, mesmo, um projeto que reunisse o tema do futebol com outras temáticas, como, por exemplo, países do mundo, algumas características, tradições, bandeiras, hino, entre outras. Contudo, devido à falta de tempo, tal não foi possível.

Equitativamente, ao observar o gosto por princesas e fadas de um grupinho de meninas, levei-lhes anéis, coroas, umas asas e uma ou duas varinhas de fada; elas ficaram entusiasmadíssimas e começaram a brincar ao jogo da “fada manda”, uma versão inventada do jogo “o rei manda”, jogo este que já tinham jogado algumas vezes em outras alturas (Quadro 2).

Integrando o mundo real com o imaginário, estas e inúmeras outras brincadeiras foram surgindo neste espaço recreio e, com elas, informações necessárias que possibilitaram abordagens a conceitos de planeamento curricular.

O passeio que fizemos a um terreno perto do JI revelou-se, também, muito rico em manifestações espontâneas das crianças (ver Anexo G – avaliações da semana).

“Vimos algumas oliveiras de onde apanhámos azeitonas e alguns ramos e também trepámos por elas acima. Até vimos um cogumelo gigante, mas já sabemos que alguns são venenosos, por isso, não pudemos apanhá-lo. Recolhemos alguns pauzinhos, flores e até encontrámos algumas bolotas” (Quadro 2).

“O M. encontrou uma fogueira, o chão estava ‘queimado’, devem ter sido os ‘senhores agricultores’ que fizeram uma fogueira para aquecerem o almoço” (Quadro 2).

“Quando chegámos ao Jardim [...] cheios de vontade de ‘brincar com a terra’, fomos logo buscar os nossos carrinhos de mão e os ancinhos e limpámos o nosso recreio, recolhendo as folhas com as cores do outono que caíram das árvores” (Quadro 2).

Assim, serão fortalecidas a criatividade, a originalidade e a adaptação a novas situações vivenciadas. Sousa (2003) refere que

[...] é a liberdade vivida, proporcionada e estimulada, que permite à criança ser como é, assumir-se com naturalidade, expressar-se com espontaneidade [...] A liberdade em educação inclui a liberdade de iniciativa, a liberdade de opção na escolha das atividades, no uso do material, na expressão e na criatividade” p.123 (

Do mesmo modo, Malavasi e Vitali (2015) sublinham que

É o fazer concretamente com as mãos, tocando e promovendo um pensamento real e verdadeiro que permite o nascer dos aprendizados que se consolidam no tempo [...] o

fazer, quando se torna prática cotidiana, oferece às crianças a ocasião de se experimentar e de desafiar os próprios pensamentos, as próprias conjecturas sobre a realidade e a vida de cada dia. Ter a possibilidade de “colocar” os próprios imaginários e hipóteses num projeto que cresce com o tempo e se nutre da contribuição de muitos promove uma ideia de aprendizados compartilhados e cooperativos.

## **4.2. Papel do educador**

Consciente do meu papel de estagiária e futura educadora, desde logo entendi que o educador desempenha o papel de observador e interventor.

Neste sentido, a minha primeira preocupação foi a de conhecer ao máximo cada criança, os seus maiores interesses e reconhecer as suas necessidades. O reconhecimento destes fatores só foi possível através de uma observação atenta da realidade que me circundava: JI, grupo de crianças e suas interações. Na verdade, foi através da observação das crianças nas suas brincadeiras espontâneas, tanto na sala de atividades, como no espaço de recreio, que se mostraram mais evidentes esses mesmos interesses e necessidades. Comecei a compreender (não só no plano teórico) a importância de reconhecer a criança como agente ativo e capaz de tomar decisões no seu próprio processo de aprendizagem, bem como a reconhecer a extrema importância que as brincadeiras espontâneas, o envolvimento das crianças nas mesmas e, ainda, o espaço exterior têm no desenvolvimento infantil.

À medida que fui recolhendo estas poderosas informações sobre as crianças, comecei a refletir, a planear, a agir, a interagir e a intervir em conformidade com isso, dando intencionalidade pedagógica à minha ação.

Para Ferreira (2010), o educador assume o papel de observador e de interveniente nas brincadeiras das crianças, pois, ao observar, vai recolhendo informações básicas sobre cada criança, sobretudo a nível pessoal, social, de conhecimento do mundo, e comunicação e expressão, intervindo caso seja necessário, sem fazer correções ou imposições, mas, antes, como mais um membro que interage e participa nas brincadeiras.

Na atividade dramática, por exemplo, “o grupo foi bastante autónomo e participativo na construção das fases da dramatização, eles é que escolheram a personagem que queriam representar e foram dando as ideias relativamente às falas, à organização do espaço e aos adereços. Eu ia apenas mediando e fazendo perguntas e direcionando para o que eu pretendia”.

Na cozinha de serradura, “até certo ponto, o meu papel foi, maioritariamente, o de observador/vigilante; contudo, observei que as brincadeiras estavam a ser monótonas e adicionei novos materiais, como formas para bolos e pudins, rolo de massa e outros utensílios de pastelaria que deram novos sentidos às brincadeiras”. A pedido das crianças, participei nas brincadeiras, mostrando, também, outras ideias do que se poderia fazer com a serradura, como almôndegas, pudins, bolos e sopa (com folhas).

Na verdade, durante o brincar na casinha, a minha intervenção tornou-se bastante relevante, pois, apesar de as crianças aprenderem umas com as outras, aprendem, também, bastante com o adulto, pela observação, imitação, entre outros.

A minha reflexão permite-me, também, concluir que o espaço exterior não pode ser visto apenas como um espaço de recreio, onde as crianças vão “descansar” depois das atividades orientadas, mas sim um local onde se reconhece existirem inúmeras possibilidades de aquisição de conhecimentos que a sala, isoladamente, não tem a possibilidade de oferecer, realçando o papel do educador como potenciador deste espaço.

Herrington e Studtman (1988) e Marxwell, Mitchell e Evans (2008) garantem que

Reconhecer o espaço exterior como um contexto pedagógico exige uma atitude de profundo respeito, reconhecimento e compreensão das capacidades e interesses das crianças. Para tal, torna-se necessária uma observação atenta por parte do adulto e a consequente introdução de objetos, materiais, estruturas ou desafios que possam enriquecer, expandir e complexificar a ação (cit. por Portugal, 2016, p. 92).

Chivers (2011) acrescenta, ainda, que, durante o brincar ao ar livre, “importa conceder às crianças espaço e tempo para levarem a cabo as suas iniciativas, tomando decisões sobre o que fazer, com quem e como, reconhecendo-se que estas constroem conhecimentos a diversos níveis através do brincar” (cit. por Portugal, 2016, p. 92). De acordo com Christensen e Mikkelsen (2008), é, igualmente, importante

[...] apoiar a autonomia da criança ao nível da gestão de riscos e desafios, assumindo-se que esta tem competências para lidar com situações difíceis. Nesta perspetiva a supervisão do adulto não pode ser tão excessiva e/ou intrusiva que impeça o confronto com desafios, criando-se as condições necessárias para que a criança aprenda a lidar com a possibilidade de falhar num contexto seguro e familiar (cit. por Portugal, 2016, p. 92).

Assim sendo, os educadores “podem observar os seus alunos enquanto brincam para determinar o nível em que se encontram em vários ambientes” (Spodek & Saracho, 1998, p. 214); de seguida, “podem intervir nessas brincadeiras modificando o ambiente, adicionando materiais, propondo questões para as crianças que estão brincando ou mesmo participar do jogo momentaneamente para fazê-lo progredir” (Spodek & Saracho, 1998, p. 214).

No jogo “quem roubou o anel da fada?”, organizei os materiais (corda, anel) e o grupo, e, de seguida, expliquei as regras do jogo. Não foi difícil organizar esta atividade; porém, inicialmente, a corda tinha o comprimento maior do que o pretendido, o que estava a dificultar o manuseamento do anel, mas depressa arranjámos uma estratégia para resolver o problema. Algumas regras do jogo não ficaram desde início bem esclarecidas, tendo eu de ir intervindo e estabelecendo regras ao longo do jogo; tive, por exemplo, a necessidade de colocar a regra de que tinha de ser a fada rainha a contar até 10 antes de abrir os olhos.

Relativamente ao passeio ao terreno próximo fora da escola, posso dizer que meu papel foi o de proporcionar a estas crianças esta visita especial e deixá-las deliciarem-se

com o que absorveram através dos seus cinco sentidos, alertando para a observação de uma ou outra situação que não podia passar despercebida pelas crianças e vivendo esta experiência com elas. Quando chegámos ao JI, o grupo fez um registo oral e plástico sobre a visita, colando, também, alguns elementos naturais, como diversas folhas, raminhos, flores e pétalas, entre outros, nos seus trabalhos.

Por último, seguindo esta linha de pensamento, entendo ter proporcionado ao grupo espaços de brincadeiras no exterior, onde as crianças puderam explorar materiais “sem uso” e reutilizar objetos antigos, como, por exemplo, painéis, tachos, papelão, madeiras, etc. Deste modo, foi-lhes possível interagir, lidar com riscos e perigos próprios dos materiais e espaço utilizados, e, também, liderar processos.

Para que tal se tivesse tornado possível, foi, também, necessária da minha parte uma vigilância equilibrada, ou seja, nem demasiado controlada, nem demasiado permissiva, de modo a permitir que a criança exercesse as suas capacidades de acordo com a sua vontade própria e agisse com independência e responsabilidade, não sendo constantemente limitada por mim.

#### **4.3. Segurança e gestão de riscos**

A segurança nas brincadeiras no espaço exterior é crucial para que os educadores possam exercer o seu papel de forma consciente, segura, tranquila, sem percalços e sem limitar as crianças ao espaço de sala de aula. Esta situação pode ser agravada com o aumento de burocratização dos espaços (imposições legais), o que leva à diminuição do desenvolvimento das crianças e à diminuição da diversidade de materiais, atividades e desafios diários implementados pelos educadores (Thigpen, 2007).

Pelo que tenho analisado e lido neste percurso académico, parecem, por vezes, limitadas as oportunidades que as crianças têm de brincar de forma menos estruturada, aspeto acentuado pelas características que a escola oferece, nomeadamente através do tipo de equipamentos existentes nos seus espaços de recreio. Creio ser necessário reavaliarmos as condições proporcionadas às crianças, criando espaços adequados, amplos, seguros, mas que não condicionem a liberdade das crianças e que, de igual modo, ofereçam desafios e proporcionem prazer nas atividades que lá se realizem. A questão da segurança é, talvez, a dimensão que mais preocupa pais e educadores. De facto, muitos destes espaços apresentam características menos seguras, não obstante as implicações negativas para o crescimento das crianças que frequentam um espaço exterior mal concebido e pobre merecerem a atenção de toda a comunidade educativa.

Tornou-se, então, para mim importante equacionar a segurança como objeto educativo, proporcionando espaço e tempo pedagógico às crianças para aprenderem a lidar com os riscos e o perigo do “excesso” de zelo e segurança.

Prott (2010) defende que a vigilância constante irá lesar o desenvolvimento pessoal. “[...] Aprender a conhecer os perigos e os riscos lidando com eles ensina a criança a proteger-se, a conhecer os seus limites e a avaliar o ambiente que a cerca, levando-a a agir de modo mais controlado perante novas situações” (p. 21, cit. por Vale, 2013. Prott (2010) lembra-nos, ainda, que “uma instituição em que nada acontece pode ser perigosa para as crianças porque lhes dá poucas possibilidades de aprenderem a ser independentes” (p. 20, cit. por Vale, 2013).

Ainda seguindo este tópico do “excesso” de zelo e segurança parece-me oportuno refletir sobre a relevância que educadores legam às condições climáticas, isto é, parece-me que por vezes dão demasiada importância ao fato de estar frio, ou calor, ou sol e por vezes perdem-se grandes oportunidades de exploração, privando as crianças e protegendo-as destes factores.

A título de exemplo e no que toca às atividades que fizemos com as crianças, também nós estagiárias sentimos esses constrangimentos, pois era inverno e por vezes estava frio e chuva. Ainda assim, foram mais as vezes que optámos pelo exterior. Concluimos que não poderíamos adiar certas explorações, por mais que as condições climáticas não fossem as ideais, o importante era o sentido de curiosidade, de interesse, de querer saber manifestado pelas crianças naquele momento.

Na actividade do passeio pelo campo, como era inverno e estava frio e o chão enlameado, decidimos que era apropriado pedir aos pais para trazerem galochas e impermeáveis ou roupa mais velha e quente.

“Trouxemos as nossas galochas para podermos andar e saltar na terra enlameada e foi mesmo engraçado” – disse uma das crianças.

## 5. Considerações Finais

Antes de mais, quero sublinhar que este relatório do projeto de investigação é mais que um produto final, sendo que é através dele que partilho o meu processo de formação pessoal e profissional.

Partindo da observação direta das ações espontâneas das crianças em contexto de aprendizagem através do lúdico, tornou-se necessário interpretar os meus atos, possibilitando a adequação da minha prática pedagógica.

As reflexões e investigações que apresento são essenciais no que respeita ao papel do educador como uma ação educativa diária. As interrogações, o colocar em causa, é, ou deveria ser, uma constante nesta área da educação. É através destes questionamentos que nos deparamos com alguns constrangimentos; conseqüentemente, através do reconhecimento desses aspetos menos conseguidos, poderemos melhorar ou, mesmo, alterar a nossa prática, a fim de sermos cada vez melhores.

A integração de brincadeiras, jogos e materiais no planeamento da prática pedagógica no interior, bem como em atividades no exterior, permitiu o desenvolvimento de diferentes atividades que contribuíram para inúmeras aprendizagens e para a ampliação da rede de significados construtivos para as crianças.

Entendo que todas estas atividades e jogos efetuados resultaram em experiências e conhecimentos adquiridos para o grupo, pelo que todas elas se relevaram válidas e importantes para a formação das personalidades destas crianças.

O brincar livre é uma atividade que deve ser privilegiada, apesar de, muitas vezes, estar esquecida ou desconsiderada por diferentes agentes educativos, sendo promovidas atividades mais orientadas, visando a aquisição de determinadas aprendizagens através da realização de “trabalhos”, com alguma “pressão” para a “escolarização” das crianças.

Estes dois tipos de atividades (brincar livremente *versus* propostas orientadas) devem ser colocados em prática, não um em detrimento do outro, mas sim num equilíbrio que permita que ambos se completem em prol do desenvolvimento da criança. Assim sendo, é necessário que os educadores estejam atentos às brincadeiras livres das crianças, na medida em que uma atividade iniciada de livre vontade, com base nos seus interesses, pode ser reveladora do seu nível de desenvolvimento e envolvimento. Pode prover, também, as informações necessárias para adaptar o ambiente educativo, as atividades e o apoio, de forma a contribuir para o seu desenvolvimento global.

A minha ação educativa, tanto no interior como no exterior, foi desenvolvida de acordo com as minhas convicções pedagógicas enquanto futura educadora. Todavia, a urgência das produções académicas, a excessiva preocupação em fazer as planificações correta e atempadamente, a adaptação ao contexto, às crianças e às práticas pedagógicas, assim como tantas outras preocupações que nos assolam enquanto estudantes em tão curto espaço de tempo (estágio), acabaram por me retirar tempo precioso para uma maior



intervenção no brincar livre das crianças (tema da investigação final) dentro e fora da sala, apesar de, no recreio, ter conseguido participar e observar bastante as suas brincadeiras, mais do que no interior da sala. Entendo que, em primeiro lugar, deveria ter explorado e estudado mais aprofundadamente os suportes teóricos existentes em relação à temática do brincar livre e espontâneo das crianças logo em creche ou no início do estágio em JI. Desta forma, iniciaria já tendo uma ideia mais concreta do que queria fazer, ser-me-ia possível ter agido de uma forma mais sustentada e, consequentemente, mais intencional, indo ao encontro dos meus ideais e perspectivas pedagógicas.

Gostaria, também, de ter elaborado um questionário formal à EC relativamente às suas práticas e concepções no que concerne ao brincar espontâneo das crianças, bem como às suas concepções relativamente aos riscos e perigos a que estas podem estar expostas ao brincarem nestes espaços. Sinto que muito poderia ter sido feito no que concerne a enriquecer e proporcionar o brincar no contexto de estudo. Do mesmo modo, deveria ter produzido mais registos escritos de uma forma constante e intencional, sendo que, agora, neste projeto de investigação, essas informações adicionais iriam facilitar bastante o meu trabalho, constituindo matéria importante de ser analisada. Tal deveu-se, sobretudo, ao facto de ter estado (na minha ação) tão absorvida com o “presente”, sendo mais rápido e momentâneo registar fotograficamente, ao invés de registar por escrito, o que requer outra disponibilidade.

Do meu ponto de vista enquanto estudante, estagiária e futura educadora, acredito que um dos vários pontos que alicerçam esta produção académica é enfatizar a importância da autorreflexão sistemática por parte dos profissionais de Educação de Infância, dos conteúdos do currículo e, ainda, avaliar a nossa capacidade de análise e investigação. Apesar de estarmos despertos para a importância das várias temáticas na Educação de Infância, tais como o trabalho com as famílias e a comunidade, o momento do acolhimento e das refeições e o trabalho em equipa, entre outras, tais como a atual temática do brincar, é imprescindível termos esta capacidade de autoavaliação sistemática das nossas práticas quotidianas.

É importante colocarmos em causa, questionarmos e refletirmos sobre o porquê das nossas ações (pensar o currículo), em virtude de, muito frequentemente, a prática diária levar a que a nossa ação enquanto educacionistas se torne quase automatizada em alguns aspetos do currículo. Neste sentido, essas ações automatizadas podem traduzir-se no oposto das nossas concepções e ideais profissionais.

Finalizando, e olhando para tudo o que vivenciei durante este percurso, noto bastante o meu progresso do estágio de creche para o JI. Neste último, permaneci mais tempo e obtive mais ensinamentos pela observação da prática da EC. Agora findada esta etapa de investigação e após todas as minhas reflexões, percebo como foi grande a minha evolução, hoje perspetivo as coisas com outros olhos e sou mais segura das minhas

intenções; no fundo, aprendi a refletir sobre o meu modo de atuar, sobre as crianças e a dissipar dúvidas e dificuldades. Aprendi mais sobre o papel do educador, aprendi a desenvolver um trabalho de investigação que até aqui não me era tão perceptível, aprendi técnicas e estratégias diferenciadas, aprendi que, no futuro, podemos e devemos estudar e informar-nos ao máximo, com o fim de aperfeiçoarmos a nossa ação. Aprendi, acima de tudo, que devemos agir com amor. Amor por nós mesmos, amor pelas crianças e amor pelo que fazemos.

**“As lições que se fazem entrar à força na alma não ficam aí” (Platão, cit. por Sousa, 2003, p. 121).**

## Referências Bibliográficas

- Abramowicz, A., & Wajskop, G. (1999). *Educação infantil: Creches: atividades para crianças de zero a seis anos*. 2. ed. São Paulo: Moderna.
- American Academy Pediatrics (2006). Active healthy living: Prevention of childhood obesity through increased physical activity. *Pediatrics*, 117(5), 1834-1842.
- Bassedas, E., Huguet, T., & Solé, I. (1999). *Aprender e ensinar na educação infantil*. Porto Alegre: Artmed.
- Bento, G. (2015). Infância e espaços exteriores – Perspetivas sociais e educativas na atualidade. *Investigar em Educação, IIª Série*(4), 127-140.
- Bilton, H. (2010). *Outdoor learning in the early years. Management and innovation*. Oxon: Routledge.
- Bogdan, R., & Biklen, S., (1994). *Investigação qualitativa em educação – Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Bomtempo, E. (2006). A brincadeira de faz-de-conta: lugar do simbolismo, da representação, do imaginário. In T. M. Kishimoto (Org.), *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação* (pp. 57-71). São Paulo: Cortez.
- Borba, A. (2007) A brincadeira como experiência de cultura na educação infantil. In *BRASIL/MEC – Revista Criança do professor de educação infantil*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica.
- Brazelton, T. B., & Greenspan, S. I. (2002). *A criança e o seu mundo*. Lisboa: Editorial Presença.
- Brock, A., Dodds, S., Jarvis, P., & Olusoga, Y. (2011). *Brincar: Aprendizagem para a vida*. Porto Alegre: Editora Penso.
- Burke, C. (2005). Play in focus: Children researching their own spaces and places for play. *Children, Youth and Environments*, 15(1), 27-53.
- Coutinho, C. P., Sousa, A., Dias, A., Bessa, F., Ferreira, M. J., & Vieira, S. (2009). Investigação-ação: metodologia preferencial nas práticas educativas. *Revista Psicologia, Educação e Cultura*, 13(2), 355-379.
- Dias, J., & Bhering, E. (2005). A interação adulto/crianças em grupos de idades mistas na educação infantil. Da investigação às práticas. *Estudos de Natureza Educacional*, 6(1), 23-47.
- Ferland, F. (2006). *Vamos brincar? Na infância e ao longo da vida*. Lisboa: Climepsi Editores, 86.
- Ferreira, D. (2010). O direito a brincar. *Cadernos de Educação de Infância*, 90, 12-13.
- Figueiredo, A. (2015). *Interação criança-espaço exterior em Jardim-de-infância*. Tese de doutoramento. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Fjørtoft, I. (2001). The natural environment as a playground for children: The impact of outdoor play activities in pre-primary school children. *Early Childhood Journal*, 29(2), 111-117.
- Formosinho, J., & Gambôa, R. (2011). *O trabalho de projeto na pedagogia-em-participação*. Porto: Porto Editora.
- Galante, A. (2015). *O brincar espontâneo em contexto de creche e jardim de infância*. Relatório do Projeto de Mestrado. Setúbal: Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal.
- Gaspar, M. (2010). Brincar e criar zonas de desenvolvimento próximo: a voz de Vygotsky. *Cadernos de Educação de Infância*, 90, 8-10.
- Ginsburg, K., Committee on Communications & Committee on Psychosocial Aspects of Child and Family Health. (2007). The importance of play in promoting healthy child development and maintaining strong parent-child bonds. *Pediatrics*, 119(1), 182-191.
- Gonzalez-Mena, J., & Eyer, W. (2014). *O cuidado com bebês e crianças pequenas na creche – Um currículo de educação e cuidados baseado em relações qualificadas* (9.ª Ed.). Porto Alegre: Editora Penso.
- Hohmann, M., & Weikart, D. (2011). *Educar a criança*. Lisboa: Edição da Fundação Calouste Gulbenkian.
- Infopédia (2018). *Brincar*. Disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/brincar>. Consultado em 20 de Fevereiro de 2017.
- Jablon, R., Dombro, L., & Dichtelmiller, L. (2009). *O poder da observação – Do nascimento aos 8 anos*. (2.ª Ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Kishimoto, T. (2003). *Jogo, brinquedo, brincadeira e educação*. São Paulo: Cortez.
- Kishimoto, T., & Preyberger, A (Org.) (2012). *Brinquedos e brincadeiras de creches: Manual de orientação pedagógicas*. Brasília: Ministério da Educação.

- Lindsay, C. & Pompermaier, R. (2010). Brincar em espaços naturais ao ar livre na Escócia e em Itália. *Cadernos de Educação de Infância*, 19, 29-30.
- Lino, D. (2013). O modelo pedagógico de Reggio Emilia. In J. Oliveira-Formosinho (Org.), *Modelos curriculares para a educação de infância – Construindo uma praxis de participação* (4.ª Ed.) (pp. 93-122). Porto: Porto Editora.
- Little, H., & Eager, D. (2010). Risk, challenge and safety: implications for play quality and playground design. *European Early Childhood. Education Research Journal*, 18(4), 497-513.
- Little, H., & Wyver, S. (2010). Individual differences in children's risk perception and appraisals in outdoor play environments. *International Journal of Early Years Education*, 18(4), 297-313.
- Lopes da Silva, A., & Sá, I. (1997). Uma leitura sociocultural do estilo atribucional em situações de aprendizagem. *Revista Portuguesa de Psicologia*, 32, 7-19.
- Machado, M. (2003). *O brinquedo-sucata e a criança*. São Paulo: Edições Loyola.
- Magalhães, B. (2003). O brinquedo e o brincar. *Cadernos de Educação de Infância*, 68, 22-24.
- Malavasi, L., & Vitali, B. (2015). *Objects/Objetos*. Lisboa: APEI.
- Mandjavo, L. (2015). *A brincadeira livre e a sua importância no dia a dia da criança*. Relatório do Projeto de Mestrado. Lisboa: Escola Superior Maria Ulrich.
- Ministério da Educação (Ed.) (1997). *Orientações curriculares para a educação pré-escolar (OCEPE)*. Lisboa: Ministério da Educação/Direção Geral da Educação (DGE).
- Ministério da Educação (Ed.) (2016). *Orientações curriculares para a educação pré-escolar (OCEPE)*. Lisboa: Ministério da Educação /Direção Geral da Educação (DGE).
- Moyles, J. et al. (2006). *A excelência do brincar*. Porto Alegre: Artmed.
- Neto, C. (1997). Tempo & espaço de jogo para a criança: rotinas e mudanças sociais. In C. Neto (Ed.), *O jogo e o desenvolvimento da criança* (pp.10-22). Lisboa: Edições FMH.
- Papalia, D. E., Olds, S. W., & Feldman, R. D. (2001). *O mundo da criança*. Lisboa: McGraw Hill.
- Pereira, C. (2011). A importância do brincar no desenvolvimento da criança. *Revista Papás & Bebés*, 5, 32-33.
- Poletto, R. (2005). A ludicidade da criança e sua relação com o contexto familiar. *Psicologia em Estudo*, 10(1), 67-75.
- Portugal, G. (2012). *Finalidades e práticas educativas em creche: das relações, atividades e organização dos espaços ao currículo na creche*. Porto: CNIS – Confederação Nacional das Instituições de Solidariedade.
- Post, J., & Hohmann, M. (2011). *Educação de bebés em infantários – cuidados e primeiras aprendizagens* (4.ª Ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian,
- Sandseter, E. (2010). *Scaryfunny: A qualitative study of risky play among preschool children*. Tese de doutoramento não publicada. Trondheim: Norwegian University of Science and Technology.
- Santos, P. (1999). *Brinquedo e infância – Um guia para pais e educadores em creche*. Petrópolis: Vozes.
- Silva, L. I., Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações curriculares para a educação pré-escolar (OCEPE)*. Lisboa: Ministério da Educação/Direção Geral da Educação (DGE).
- Silva, M. R. (2003). *Trama doce-amarga (exploração do) trabalho infantil e cultura lúdica*. S. Paulo: HUCITEC/Unijuí.
- Sousa, Alberto B. de (2003). *Educação pela arte e artes na educação*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Thigpen, B. (2007). Outdoor play. Combating sedentary lifestyles. *Zero too three*, 28(1), 19-23.
- Thomas, F., & Harding, S. (2011). The role of play. In J. White (Ed.), *Outdoor provision in the early years* (pp. 12-22). London: Sage Publications.
- Tovey, H. (2011). Achieving the balance. In J. White (Ed.), *Outdoor provision in the early years* (pp. 12-22). London: Sage Publications.
- Vale, M. (2013). Brincadeiras sem teto. In *Coleção Cadernos de Educação de Infância* (pp. 11-13), Nº 98. Lisboa: APEI.
- Vygotsky, L. (1998). *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes.
- White, J. (2011). Capturing the difference. In J. White (Ed.), *Outdoor provision in the early years* (pp. 12-22). London: Sage Publications.
- Whitebread, D., Basilio, M., Kuvalja, M., & Verma, M. (2012). *The importance of play: A report on the value of children's play with a series of policy recommendations*. Brussels, Belgium: Toys Industries for Europe.

Winnicott D.W. (1975). *O brincar & a realidade*. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda.

## **Legislação**

Decreto-Lei n.º 241/2001, de 30 de agosto. D.R. I Serie-A, pp. 5572-5575. Aprova os perfis específicos de desempenho profissional do educador de infância e do professor do 1.º ciclo do ensino básico. Disponível em [http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EInfancia/documentos/dl241\\_01.pdf](http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EInfancia/documentos/dl241_01.pdf). Consultado a 15 de abril de 2017.

Lei-Quadro n.º 5/97, de 10 de fevereiro – Lei-Quadro da Educação Pré-escolar.

## **Outros Documentos**

Projeto Educativo

Regulamento Interno

Plano Anual de Atividades

## **ANEXOS**

### **Anexo A – História “O Tigre que não gostava de partilhar”**

Certo dia, o Leão, que é o rei da selva, estava muito triste, pois não tinha com quem brincar. Andava a choramingar pelos cantos e, então, disse:

– Estou tão triste, não tenho amigos... Ninguém quer ser meu amigo, porque acham que eu sou mau, mas não sou!

Entretanto aparece a zebra, muito trapalhona, a cantar e, quando se aproxima, percebe que o Leão está a chorar e pergunta-lhe:

– Olá, quem és tu? E porque estás a chorar?

Leão: – Eu sou o Leão, o rei da selva, e estou muito triste porque não tenho amigos para brincar.

Zebra: – Não tens amigos? Porquê?

Leão: – Não tenho amigos porque os outros animais pensam que lhes vou fazer mal, mas eu só quero ter amigos para partilhar brincadeiras e jogos.

Zebra: – Se quiseres, posso ser teu amigo, queres?

Leão: – Sim, sim! Quero!

Zebra: – Então, a partir de agora sou teu amigo! Eu também tenho um amigo... vou chamá-lo para conheceres! Oh Tigre, anda cá! Vem conhecer o Leão!

Tigre: – Olá, eu sou o Tigre, o amigo da Zebra, e quero ser teu amigo.

Leão: – Olá! Olhem, eu posso partilhar as minhas nozes com vocês! Querem?

Tigre: – Partilhar? O que é isso?

Leão: – Partilhar é emprestar ou dar as nossas coisas aos nossos amigos.

Tigre: – Emprestar? Eu cá não empresto as minhas coisas... são minhas!!!

Leão: – Mas nós devemos emprestar as nossas coisas aos nossos amigos, pois gostamos muito deles! Tu gostas muito dos teus amigos, não gostas?

Tigre: – Sim, gosto muito!

Leão: – Então tens de partilhar as tuas coisas com eles! Imagina que um amigo teu tinha uma coisa de que tu gostasses muito... não ias gostar que ele te emprestasse?

Tigre: – Sim, ia!

Leão: – Então tens de partilhar, para que ele também te queira emprestar.

Tigre: – Eh, estou muito contente! Hoje aprendi uma coisa nova: aprendi a partilhar!  
**Anexo B – Planificações de Creche**

24 De Novembro de 2015- terça-feira

Áreas de Desenvolvimento	Objetivos de aprendizagem		Estratégias/Atividades	Recursos	Avaliação
	Gerais	Específicos			
Desenvolvimento Cognitivo  Desenvolvimento Pessoal e Social	- Desenvolver a comunicação e a linguagem oral;  - Ganhar autonomia e confiança;  - Desenvolver relações de afeto, confiança e partilha;	- Responder a questões e dar opiniões;  - Ter capacidade de se adaptar ao espaço e às pessoas que fazem parte do mesmo;  - Relacionar com a educadora,	<b>Acolhimento</b>  Este é feito no refeitório, sendo um momento muito importante, pois é um momento que poderá ser um pouco complicado devido à separação do adulto de referência. Uma forma de facilitar este momento é o uso do objeto transicional (chucha, boneco, fralda, etc.), pois este acompanha a criança no seu ambiente familiar. Este tempo exige que a equipa pedagógica também transmita segurança, tanto para a criança como para os pais.		<b>Observação direta:</b>  Verificar se a criança:  - Reage bem à saída dos pais.

	- Desenvolver a socialização;	auxiliar e outras crianças;  - Partilhar conhecimentos e acontecimentos.			
<b>Desenvolvimento pessoal e social</b>	Desenvolver a autonomia pessoal;  - Desenvolver o sentido de grupo;	- Partilhar a atenção do adulto;  - Interagir com os outros;  - Respeitar os outros;  - Respeitar as regras de bom comportamento e boa educação.	<b>Reunião-</b> Preenchimento do mapa das presenças, História/conversa. As crianças são encaminhadas para a sua sala. No momento de reunião, a estagiária canta a canção do "Bom dia" com as crianças, de forma a cumprimentarem-se e a dar início a um novo dia.  De seguida, a estagiária pede às crianças que escolham um lengalenga, a qual servirá para decidir qual será o Ajudante do dia. Isto é, todos os dias haverá um Ajudante, uma criança que irá preencher o Mapa das presenças e ainda, a fazer pequenos recados.  Após este momento, a estagiária faz a chamada de cada criança de forma a marcar as presenças.	- Canção do "Bom dia";  - Lengalengas;  - Mapa de presenças;  - História "O Tigre que não gostava de partilhar";  - Fantoches da história "O Tigre que não gostava de partilhar";  - Flanelógrafo.	<b>- Observação direta:</b>  Verificar se a criança:  - Participa em diálogos (gestos, palavras, frases curtas);  - Participa em canções e lengalengas;  - Interage com outras crianças;  - Reconhece o seu nome;  - Reconhece o nome e a cara dos seus pares nas fotos do mapa de presenças;
<b>Desenvolvimento cognitivo</b>	- Desenvolver a comunicação e a linguagem oral e escrita;	- Prestar atenção a pequenos diálogos;	<b>Atividades orientadas/livres</b> De seguida, a estagiária explica às crianças que vão ver e ouvir uma história que se chama "o Tigre que não gostava de partilhar", a qual será contada através de um teatro de fantoches.		

<b>Pensamento criativo</b>	- Explorar novas formas de contar histórias.  - Promover a criatividade;	- Desenvolver pequenos diálogos entre a estagiária e as outras crianças; - Importância que tem partilhar; - Ouvir histórias; - Promover o gosto pela leitura; - Interagir com os outros.	Durante este momento, é importante que as crianças estejam atentas, pois de seguida a estagiária irá explorar a história colocando algumas questões.		- Sabe distinguir quem está e quem não está na sala;  - Ouve a história atentamente e com entusiasmo;  - Sabe responder a algumas questões sobre a história contada.
<b>Desenvolvimento cognitivo</b>	- Desenvolver a comunicação e a linguagem oral;	- Conhecer e reproduzir as palavras relacionadas com a higiene;  - Adquirir hábitos de higiene;	<b>Higiene</b> A Higiene engloba vários momentos: as mudas diárias, lavar e secar as mãos e pentear-se. As situações de higiene em que se está em contacto com a criança contribuem para o conhecimento das suas características individuais e são, também, uma oportunidade para avaliar as suas capacidades motoras. Pelo que os momentos dedicados à higiene não devem ser apenas uma rotina que se executa rapidamente, sem dar atenção à criança.  Deste modo, a estagiária indica às crianças que façam uma fila/comboio à porta da casa de banho, para que vão entrando	- Produtos de higiene.	<b>Observação direta:</b> - Verificar se a criança: - Consegue realizar o conjunto de tarefas necessárias para completar a ação.
<b>Desenvolvimento pessoal e social</b>					

<b>Desenvolvimento motor</b>	- Desenvolver a autonomia pessoal;  - Desenvolver a motricidade fina;	- Realizar as tarefas autonomamente, por exemplo; - Despir/vestir; - Abrir a torneira; - Lavar as mãos; - Secar as mãos;	em grupinhos de 3, de modo a não haver tanta confusão neste momento e para que possa ser dada alguma ajuda às crianças neste momento. Isto porque, algumas crianças ainda usam fralda e outras têm dificuldade em limpar-se.  Para tal, as crianças têm que ser estimuladas para despir e vestir a sua roupa, levantar-se, tirar o papel higiénico, coloca-lo no lixo e puxar o autoclismo; a criança apenas deve pedir auxílio ao adulto caso tenha defecado, para se proceder à limpeza da forma mais adequada.		
<b>Desenvolvimento motor</b>	- Desenvolver a motricidade fina;	- Utilizar de forma correta a colher durante a refeição;  - Agarrar no copo com água sem entornar;  - Conhecer/ingerir os alimentos;	<b>Almoço</b>  As crianças formam uma fila/comboio, para se deslocarem até ao refeitório. Pelo caminho, as crianças vão cantando a canção do "Comboio dos Amigos". Chegando ao refeitório, cada criança dirige-se para o seu lugar na mesa.  Durante as refeições, a estagiária deve respeitar o ritmo de cada criança e incentivá-la a comer sozinha, a sentar-se corretamente e a manipular de forma correta os utensílios.  Durante a refeição são sempre referidos os nomes dos alimentos, de modo a reforçar o interesse pelos mesmos.	- Utensílios necessários para uma refeição (pratos, copos, talheres).	<b>Observação direta:</b> Verificar se a criança: - Consegue comer sozinha; - Utiliza corretamente os utensílios.
<b>Desenvolvimento pessoal e social</b>	- Desenvolver a socialização.	- Identificar onde come e saber qual a sua mesa			



			apaga as luzes, aconchega as crianças e mantém-se atenta durante toda a sesta). Após a sesta, cada criança deve calçar os seus sapatos para ir à casa de banho.		calma e descansa durante a sesta.
<b>Desenvolvimento cognitivo</b>	-Desenvolver a comunicação e a linguagem oral;	-Conhecer e reproduzir as palavras relacionada com a higiene;	<b>Higiene</b>  Após as crianças acordarem e calçarem-se, a estagiária indica às crianças que façam uma fila/comboio à porta da casa de banho.	-Produtos de higiene.	<b>Observação direta:</b>  -Verificar se a criança:  -Consegue realizar o conjunto de tarefas necessárias para completar a ação.
<b>Desenvolvimento pessoal e social</b>	-Desenvolver a autonomia pessoal;	-Adquirir hábitos de higiene;			
<b>Desenvolvimento motor</b>	-Desenvolver a motricidade fina;	-Realizar as tarefas autonomamente,			
<b>Desenvolvimento cognitivo</b>	- Desenvolver a comunicação e a linguagem oral;	-Participar nos diálogos; -Conseguir comer/beber sozinha;	<b>Lanche</b> A estagiária indica às crianças que devem formar uma fila /comboio para se deslocarem até ao refeitório e vai colocando os babetes. Até chegarem ao refeitório, as crianças vão cantando a música do "Comboio do Amigos". Ao chegarem ao refeitório, cada criança devem sentar-se no seu lugar para lanchar. A estagiária incentiva a criança a sentar-se corretamente, manipular de forma correta os utensílios. Terminado o lanche, as crianças deslocam-se novamente para a sala, onde irão realizar a sua higiene.	-Utensílios necessários para uma refeição (pratos, copos, talheres) .	<b>Observação direta:</b> Verificar se a criança: -Consegue comer sozinha;  -Se consegue utilizar os utensílios da refeição corretamente.
<b>Desenvolvimento motor</b>	-Desenvolver a motricidade fina;	-Conhecer/ingerir alimentos.			

		e qual o seu lugar na mesma;			
<b>Desenvolvimento cognitivo</b>	-Desenvolver a comunicação e a linguagem oral;	-Adquirir hábitos de higiene;	<b>Higiene</b>  As crianças (grupos de 3) vão à sanita e procedem à lavagem das mãos e boca.	-Produtos de higiene.	<b>Observação direta:</b>  - Verificar se a criança consegue realizar o conjunto de tarefas necessárias para completar a ação.
<b>Desenvolvimento pessoal e social</b>	-Desenvolver a autonomia pessoal;	-Realizar as tarefas autonomamente.			
	- Desenvolver o conhecimento que a criança tem sobre si mesma;				
	-Desenvolver a Motricidade fina				
<b>Desenvolvimento motor</b>	-Desenvolver a motricidade fina;	-Tirar os sapatos; - Calçar-se;	<b>Sesta</b> As crianças serão encaminhadas para as suas camas, indicando que devem descalçar-se, dando alguma ajuda sempre que necessário.	-Catres; -Lençóis;	<b>Observação direta:</b> Verificar se a criança:  -Consegue calçar-se e descalçar-se e se mantém
<b>Desenvolvimento pessoal e social</b>	-Desenvolver a socialização;	-Aguardar pela sua vez;	As crianças deitam-se nas respetivas camas e a estagiária proporciona um ambiente calmo e tranquilo (fecha as janelas,		

<b>Desenvolvimento pessoal e social</b>	-Desenvolver a autonomia pessoal; -Desenvolver a socialização.	-Conhecer o seu lugar na mesa;  -Saber esperar pela sua vez.	<b>Higiene</b>  Após todas as crianças lavarem as mãos são encaminhadas para o tapete, para cantarem algumas canções com a estagiária, até todas as crianças estarem prontas.		
<b>Desenvolvimento pessoal e social</b>	- Desenvolver a autonomia pessoal;      - Desenvolver a socialização;	-Pedir aquilo que pretende; -Ir buscar o que deseja; -Arrumar o que desarruma; -Partilhar os brinquedos com os colegas; -Aprender a brincar com os amigos. -Criar estruturas em legos;	<b>Atividades livres (Jogos de construção- legos; casinha), Entrega das crianças</b>  Tal como o nome indica, nas atividades livres pretende-se que as crianças brinquem livremente pelas áreas (jogos de construção e casinha).  Nestes momentos, a estagiária observa e interage com as mesmas, de modo ao envolvimento mútuo na tarefa e com esta o envolvimento de ambos.  A estagiária observa o desenvolvimento das capacidades/ aprendizagens adquiridas ao longo do tempo.  A estagiária deve incentivar as crianças a explorarem todos os materiais e fazer construções, relacionar os utensílios utilizados com vários momentos proporcionados à criança, como por exemplo: vai por o bebé a dormir, vai fazer leitinho para o bebé beber, vai ajudar a mãe a fazer o jantar, entre outros exemplos.	- Material da sala (brinquedos, jogos, animais, utensílios da cozinha etc.)	<b>Observação direta:</b>  Verificar se a criança:  - Explora os materiais das respetivas áreas;  -Está motivada na tarefa;  -Constrói sequências com legos;  -Partilha os brinquedos;  -Arruma os brinquedos.

<b>Desenvolvimento motor</b>	- Desenvolver a motricidade fina e grossa;	-Transportar objetos de um sítio para outros;  -Arrumar a sala;  - Ter interesse pelo jogo simbólico (casinha – imitar a realidade);  - Brincar aos bebés, cozinhar.	A estagiária deverá estar atenta e interagir com todas as crianças, permanecendo um pouco em cada área.		
<b>Pensamento criativo</b>	-Representar o real.				
<b>Prolongamento</b> – Neste momento as crianças continuam a explorar livremente as áreas com o apoio da auxiliar educativa, à aguardar a sua saída da instituição					

Áreas de Desenvolvimento	Objetivos de aprendizagem		Estratégias/Atividades	Recursos	Avaliação
	Gerais	Específicos			
Desenvolvimento pessoal e social			<b>Acolhimento</b> – Consultar planificação do dia 24 de Novembro		
	Desenvolver a autonomia pessoal; -Desenvolver o sentido de grupo; -Desenvolver o saber estar em diferentes situações;	-Partilhar a atenção do adulto; -Interagir com os outros; -Respeitar os outros; -Promover a interajuda; -Respeitar as regras de bom	<b>Reunião</b> No momento de reunião (na manta), a estagiária canta a canção do "Bom dia" com as crianças. Preenchimento do mapa de presenças.  <b>Atividades orientadas/livres</b> De seguida, a estagiária explica às crianças que vão fazer uma atividade diferente, vão realizar uma caça ao tesouro no ginásio, em que deverão procurar as personagens da história contada no dia anterior, "O Tigre que não gostava de partilhar".  E terão, ainda, como desafio percorrer os percursos elaborados pela estagiária com arcos e túneis.	-Canção do "Bom dia"; -Lengalengas; -Mapa de presenças; -Personagens da História "O Tigre que não gostava de partilhar"; -Arcos; -Túneis.	<b>- Observação direta:</b> Verificar se a criança: -Participa em diálogos (gestos, palavras, frases curtas); -Participa em canções e lengalengas; -Interage com outras crianças; -Reconhece o seu nome;

Desenvolvimento motor	-Desenvolver a motricidade fina e grossa; -Promover o gosto pelas atividades lúdicas;	comportamento e boa educação. -Procurar objetos escondidos; -Percorrer percursos com obstáculos (arcos, túneis) saltando e rastejando;	Estas duas atividades serão feitas em grupos de 5 crianças, grupos que serão feitos tendo em conta as idades, de modo a fazer grupos que tenham pelo menos uma criança mais velha e mais ativa, para que esta ajude as restantes crianças e desperte a sua curiosidade e interesse pela atividade.  A estagiária levará cada grupo de cinco crianças ao ginásio e as restantes crianças ficarão na sala a desenvolver atividades livres, até chegar a sua vez.		-Reconhece o nome e a caras dos seus pares nas fotos do mapa de presenças; -Sabe distinguir quem está e quem não está na sala; - Joga com entusiasmo; -Respeita os outros;
	-Promover a criatividade;	-Jogar jogos de equipa. -Explorar novas formas de contar histórias.			-Ajuda os outros; -Consegue realizar as atividades propostas sozinha; -Consegue trabalhar em parceria com os outros.
Pensamento criativo			<b>Higiene</b> – Consultar planificação de dia 24 de Novembro		
			<b>Sesta</b> – Consultar planificação de dia 24 de Novembro		
			<b>Lanche</b> – Consultar planificação de dia 24 de Novembro		

		Atividades livres (Jogos de construção- legos; casinha), Entrega das crianças – Consultar planificação de dia 24 de Novembro		
--	--	--	--	--

26 De Novembro de 2015- quinta-feira

Áreas de Desenvolvimento	Objetivos de aprendizagem		Estratégias/Atividades	Recursos	Avaliação
	Gerais	Específicos			
Desenvolvimento pessoal e social			Acolhimento – Consultar planificação do dia 24 de Novembro		
	Desenvolver a autonomia pessoal; -Desenvolver o sentido de grupo;	- Interagir com os outros; -Respeitar os outros; -Reforçar a aprendizagem do conceito de partilha e a sua importância;	<b>Reunião</b>  No momento de reunião (na manta), a estagiária canta a canção do "Bom dia" com as crianças. Preenchimento do mapa de presenças.  <b>Atividades orientadas/livres</b>  De seguida, a estagiária pergunta às crianças se se recordam qual o fruto que o Leão da história "O Tigre	-Canção do "Bom dia"; -Lengalengas; -Mapa de presenças; -Desenho de noz; - Nozes;	- <b>Observação direta:</b> Verificar se a criança: - Participa em diálogos (gestos, palavras, frases curtas);

Desenvolvimento motor	-Desenvolver o saber estar em diferentes situações;	-Respeitar as regras de bom comportamento e boa educação.  -Prestar atenção a pequenos diálogos;	que não gostava de partilhar" partilhou com os seus amigos. Após esta breve conversa, explica às crianças que vão pintar o desenho de uma noz, com a técnica da carimbagem, utilizando a própria noz. Este fruto seco foi escolhido, pois na história abordada durante esta semana, a noz é o fruto que o Leão quer partilhar com os outros animais.	-Tintas.	-Participa em canções e lengalengas; - Interage com outras crianças; -Reconhece o seu nome;
	-Desenvolver a comunicação e a linguagem oral e escrita;  -Promover a criatividade;	-Desenvolver pequenos diálogos entre a estagiária e as outras crianças;  -Explorar novas formas de contar histórias.  -Explorar novas técnicas de pintura.  -Manipular diferentes materiais	A estagiária deve preparar todos os materiais necessários para atividade e ir chamando uma criança de cada vez, para que possa ir ajudando.  Enquanto isso as outras crianças podem ir desenvolvendo atividades livres, brincando com os materiais da sala.		-Reconhece o nome e a cara dos seus pares nas fotos do mapa de presenças; -Sabe distinguir quem está e quem não está na sala; -Respeita os outros; -Ajuda os outros; -Consegue realizar as atividades propostas sozinha; -Consegue trabalhar em parceria com os outros.
Pensamento criativo	-Desenvolver a motricidade fina.				

		Higiene – Consultar planificação de dia 24 de Novembro		
		Sesta – Consultar planificação de dia 24 de Novembro		
		Lanche – Consultar planificação de dia 24 de Novembro		

Áreas de Desenvolvimento	Objetivos de aprendizagem		Estratégias/Atividades	Recursos	Avaliação
	Gerais	Específicos			
Desenvolvimento pessoal e social			<b>Acolhimento</b> – Consultar planificação de dia 24 de Novembro		
	Desenvolver a autonomia pessoal;	-Partilhar a atenção do adulto;	<b>Reunião - Preenchimento do mapa das presenças, História/conversa.</b>  No momento de reunião, a estagiária canta a canção do "Bom dia" com as crianças, De seguida, a estagiária pede às crianças que escolham um lengalenga, a qual servirá para decidir qual será o Ajudante do dia.	-Estagiária; -Educadora Cooperante; -Auxiliar Educativa; -Crianças; -Canção do "Bom dia"; -Lengalengas; -Mapa de presenças;	<b>- Observação direta:</b>  Verificar se a criança:  - Participa em diálogos (gestos, palavras, frases curtas); -Participa em canções e lengalengas;
	-Desenvolver o sentido de grupo;	-Interagir com os outros; -Respeitar os outros;	<b>Atividades orientadas/livres</b> De seguida, a estagiária explica às crianças que irá ser realizada uma atividade em que terão de estar muito atentos, pois vão conhecer alguns amigos novos que o Tigre da história "O Tigre que não gostava de partilhar" conheceu depois de aprender a partilhar.		
	-Desenvolver o saber estar em diferentes situações;	-Respeitar as regras de bom comportamento e boa educação.			

Desenvolvimento cognitivo	-Desenvolver a comunicação e a linguagem oral e escrita;	-Prestar atenção a pequenos diálogos; -Desenvolver pequenos diálogos entre a estagiária e as outras crianças; - Interagir com os outros.	Para este momento, a estagiária terá preparado previamente uma televisão de cartão com desenhos de vários animais e um CD com a gravação dos sons dos mesmos.  Ainda na manta, a estagiária deve colocar a televisão de cartão de modo a que todas as crianças vejam bem as imagens e à medida que vai passando as imagens devem questionar as crianças acerca do som que faz cada animal e só depois das crianças responderem deve confirmar com os sons do CD. Deste modo, as crianças irão associar os sons aos animais que os reproduzem.	-Televisão de cartão com imagens dos animais; -CD com sons dos animais.	- Interage com outras crianças; -Reconhece o seu nome;  -Reconhece o nome e a cara dos seus pares nas fotos do mapa de presenças; ; -Sabe distinguir quem está e quem não está na sala;
Pensamento criativo	-Promover criatividade; -Promover audição.	-Explorar novas formas de contar histórias; -Associar sons aos respetivos animais que os reproduzem.			- Sabe os nomes dos animais;  -Sabe qual o nome que cada animal reproduz;



				-Associa sons a imagens.
		Higiene – Consultar planificação de dia 24 de Novembro		
		Almoço – Consultar planificação de dia 24 de Novembro		
		Higiene – Consultar planificação de dia 24 de Novembro		
		Sesta – Consultar planificação de dia 24 de Novembro		
		Higiene – Consultar planificação de dia 24 de Novembro		
		Lanche – Consultar planificação de dia 24 de Novembro		
		Atividades livres (Jogos de construção- legos; casinha), Entrega das crianças – Consultar planificação de dia 24 de Novembro		

## Anexo C – Documentação pedagógica da atividade: “Arca Tesouros da Natureza”

Atividade: “Matemática com a Arca «Tesouros da Natureza»”

**Desenvolve** – Cooperar com os outros no processo aprendizagem; Cooperar em situações de jogo, seguindo orientações ou regras; Agrupar consoante características de semelhança; Explorar, selecionar e agrupar elementos da natureza (pedras, folhas, pauzinhos, sementes).

**Materiais** – Caixa de madeira, tintas, folhas de papel manteiga, marcadores, elementos da natureza (paus, pedras e folhas), giz.



de

**Estratégias:** A atividade começou com uma conversa com as crianças acerca do conceito de “coleção” e com a elaboração de uma arca dos “Tesouros da Natureza”.

Já no exterior, as crianças foram divididas em três grupos (correspondentes aos três grupos de elementos da natureza) para realizarem a recolha de elementos da natureza: pedras, paus e folhas. A atividade culminou com a realização de alguns exercícios matemáticos com recurso à Arca dos “Tesouros da Natureza”.

**1. Despertar para o tema:** A atividade Matemática com a Arca dos “Tesouros da Natureza” surgiu da observação das crianças em momentos de brincadeira no recreio.

Observámos o interesse das crianças em colecionar elementos da natureza, pelo que decidimos dar intencionalidade educativa a esse processo.

**2. Explorar e descobrir:** Decidimos trabalhar o conceito de “coleção” e alguns conceitos matemáticos através de uma forma não convencional. Desta forma, trabalhámos os seguintes conceitos: -Conceito de “Coleção”; -Trabalho de equipa; -Diferentes elementos da natureza (pedras, paus e folhas) e suas características; -Conceito de “agrupar”.

### OBSERVAÇÃO

**Coletivo:** Com a Arca “Tesouros da Natureza”, o grupo de crianças teve a oportunidade de fazer uma coleção em grande grupo e de colaborar com os grupos que tiveram mais dificuldade em encontrar alguns dos elementos da natureza, numa atitude de cooperação.

Criou-se, também, a possibilidade de trabalhar conteúdos da matemática, fugindo aos métodos convencionais, recorrendo aos elementos da natureza recolhidos pelas crianças. No geral, as equipas formadas souberam colaborar com os seus pares e mostraram-se muito participativas e entusiasmadas com a atividade.

**Individual:** Nesta atividade, não existe propriamente uma fase em que a atividade seja individual. No entanto, se considerarmos uma das equipas como individual, neste caso a equipa das folhas, podemos referir que foi a equipa que teve mais dificuldade na recolha do seu elemento natural. Assim, no fim da primeira “ronda” da recolha, decidimos fazer uma nova ronda para os restantes grupos colaborarem com o mesmo e ajudarem a recolher mais folhas para coleção. Por fim, foi explicado que, apesar de cada equipa recolher um elemento, a coleção era de todo o grupo e, sempre que quisessem, podiam recolher mais elementos (da sua equipa ou não) para dar continuidade à coleção.



## Anexo D – Documentação pedagógica da atividade: “Cozinha de serradura”

**Desenvolve** – Jogo simbólico, aquisição de habilidades, sociabilidade, motricidade, sentido estético, os sentidos, imaginação, contacto com a natureza, organização, através de experiências do quotidiano.



**Materiais** – Todo o tipo de objetos e materiais da área da casinha, objetos recicláveis, de preferência, e do quotidiano das crianças. Levei uma série de objetos de pastelaria, formas diversas, rolo da massa, etc.

**1. Despertar para um novo “material” – (Serradura):** Deixar em cima da mesa da cozinha do exterior uma caixa de plástico com serradura e água (de modo a obter uma consistência que seja facilmente maleável pelas crianças).

**2. Explorar e descobrir:** Deixar as crianças explorar a serradura livremente, incentivando e mostrando exemplos do que podem fazer com ela. Ex: bolinhos, carne, sopa, etc.

**3. Acabar a brincadeira arrumando a cozinha calmamente e com “sentido”**

**Coletivo:** Apenas participaram as crianças que quiseram, estando apenas três de início e tendo aparecido, posteriormente, mais duas trazidas pela curiosidade do novo material. Como estávamos na hora do recreio e estavam muitas crianças embrenhadas noutras atividades, depois de eu explicar que podiam brincar com a serradura, foram buscar utensílios para dividirem a serradura entre eles e começaram a explorar com colheres; não tocaram com as mãos, disseram que cheirava mal. Só depois de eu começar a mexer e a fazer bolinhas “croquetes” é que mexeram também. As crianças adoram este espaço e os objetos que levei.

**Individual:** A M. mostrou uma grande expressão de surpresa e confusão ao ver a caixa com algo lá dentro que ela não sabia o que era.

**REFLEXÃO** – Esta é uma atividade que pode, também, realizar-se no interior; contudo, no exterior é mais rica em sensações e experiências. Nos primeiros dias, não intervim na brincadeira, apenas observei. Notei que, sem o meu apoio, as brincadeiras acabaram, algumas vezes, por ser meras repetições sem levar a grandes avanços. Depois comecei a brincar com eles. Ao fim de uns dias, desta brincadeira as crianças, principalmente o T., davam, já, grande sentido/significado à brincadeira, fazendo sequências de acontecimentos como veem em casa na vida diária da família. Mas será que é sempre benéfico intervir?





## Anexo E – Planificações 1.º Estágio em JI

Planificação Diária: 27 de abril de 2016						
		Objetivos	Atividades/estratégias	Recursos		Avaliação
Área de Formação Pessoal e Social		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Conhecer e aceitar as suas caraterísticas pessoais, situando-as em relação às de outros;</li> <li>- Reconhecer e aceitar características individuais;</li> <li>- Cooperar com outros no processo de aprendizagem;</li> <li>- Construir a identidade e autoestima;</li> <li>- Cooperar em situações de jogo, seguindo orientações ou regras.</li> </ul>	<b>Atividade: Pula-pula canguru (Ginástica)</b> 1.º Momento – Dividir os alunos em duas equipas; podem escolher um nome para as suas equipas. Pedir aos grupos para formarem duas filas paralelas e posicionar os cones aproximadamente 10 metros à frente do primeiro aluno de cada uma das equipas. Os primeiros alunos de cada fila ficam cada um com uma bola. Ao sinal da estagiária, eles prendem a bola entre os joelhos e saem a pular apressadamente. Não é permitido ajudar com as mãos. Eles devem dar a volta ao cone e voltar até à sua equipa, passando a bola para o segundo elemento da fila e assim sucessivamente, até que todos façam o percurso. Caso a bola escape dos joelhos, a criança deve voltar ao lugar onde a bola caiu e continuar a atividade. 2.º momento – Em roda, conversar com as crianças sobre a atividade. Por exemplo: qual é o papel de cada colega do grupo para realizar a atividade? Seria possível realizá-la sozinho? O que poderia o grupo que “perdeu” ter feito diferente? Que estratégia adotou o grupo “vencedor” e pode ser aprimorada pelos outros?	Humanos	Materiais	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Registo escrito sobre as aquisições das crianças;</li> <li>- Registo fotográfico;</li> <li>- Registo oral e plástico das crianças.</li> </ul>
				<ul style="list-style-type: none"> <li>- Crianças;</li> <li>- Educadora Cooperante;</li> <li>- Estagiárias.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Máquina fotográfica;</li> <li>- Dois cones;</li> <li>- Duas bolas.</li> </ul>	
Área de Expressão e Comunicação	Educação Motora	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Desenvolver a consciência e domínio do corpo;</li> <li>- Dominar o espaço e os materiais, relacionando o corpo com objetos;</li> <li>- Dominar movimentos que implicam deslocamentos e equilíbrios.</li> </ul>				
	Educação Artística	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Expor, discutir ideias e propor soluções para desafios criativos em dramatizações;</li> <li>- Recriar e inventar diálogos.</li> </ul>				
	Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Compreender mensagens orais em situações diversas de comunicação;</li> <li>-Usar a linguagem oral em</li> </ul>				
					- Livro dos	

		contexto, conseguindo comunicar eficazmente de modo adequado à situação (produção e funcionalidade).			
Área do Conhecimento do Mundo		-Tomar consciência da sua identidade e pertença a um grupo; -Compreender o espaço e o tempo sociais.	<p><b>Atividade: História “Os três porquinhos”</b> Esta é uma das histórias preferidas do grupo e, como tal, foi escolhida para ir ao encontro dos gostos das crianças e proporcionar um momento descontraído. Em grande grupo, contar a história que eles já conhecem para relembrar.</p> <p><b>Atividade: Ensaiar a dramatização da história dos três porquinhos</b> Após ouvirem a história, as crianças pediram para fazerem a dramatização da mesma. Como tal, procedemos aos ensaios. A estagiária anotou as personagens da história e escolheu com o grupo as crianças que iriam representar cada personagem. As crianças deram nomes reais às suas personagens. A estagiária foi dizendo com as crianças diálogos e ajudando a encenar a peça, apoiando ao jogo dramático. Nesta dramatização participaram todos, exceto as crianças de três anos e duas de quatro anos, que não quiseram participar.</p>		<p>três porquinhos;</p> <p>- Papel; - Caneta; - Adereços para as personagens</p>

**Planificação Diária: 28 de abril de 2016**

		Objetivos	Atividades/estratégias	Recursos		Avaliação
Área de Formação Pessoal e Social		<ul style="list-style-type: none"><li>- Conhecer e aceitar as suas características pessoais e a sua identidade social e cultural, situando-as em relação às de outros;</li><li>- Reconhecer e valorizar laços de pertença social e cultural;</li><li>- Cooperar com outros no processo de aprendizagem.</li></ul>	<b>Atividade: “Jogo dos cartões de sons”</b> Reunir as crianças em grande grupo na área da reunião. Começar por colocar os cartões com imagens no chão com as mesmas viradas para cima. De seguida, colocar o CD com vários sons de animais, instrumentais e da natureza. As crianças, à vez, terão de adivinhar a que cartão corresponde cada som. Dialogar sobre o cartão que escolhem e o som que ouvem.  <b>Atividade: História “Os Músicos de Bremen”</b> Em grande grupo contar a história. No final, fazer com o grupo um resumo do que foi lido e do que aprenderam com a história. Num último momento, colocar o CD de áudio da história para as crianças ouvirem a música da mesma. Dialogar sobre o que aprenderam com a história.  <b>Atividade: Ensaios e apresentação da dramatização</b> O local escolhido para a apresentação da dramatização dos três porquinhos foi o recreio. As crianças que não quiseram participar assistiram ao teatro. Primeiro, estas crianças foram acomodadas numa manta, seguindo-se ao posicionamento das personagens. A estagiária faz de narrador e as crianças dizem os seus diálogos.	<b>Humanos</b> <ul style="list-style-type: none"><li>- Crianças;</li><li>- Educadora Cooperante;</li><li>- Estagiárias;</li><li>- Auxiliares de Ação Educativa.</li></ul>	<b>Materiais</b> <ul style="list-style-type: none"><li>- Máquina fotográfica;</li><li>- Jogo dos cartões e CD de sons (pictosom).</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Registo escrito sobre as aquisições das crianças;</li><li>- Registo fotográfico;</li><li>- Registo oral e plástico das crianças.</li></ul>
Área de Expressão e Comunicação	Educação Motora	<ul style="list-style-type: none"><li>- Motricidade fina</li></ul>				
	Educação Artística	<ul style="list-style-type: none"><li>- Desenvolver capacidades expressivas e criativas através de explorações e produções plásticas;</li><li>- Identificar e descrever os sons que ouve;</li><li>- Identificar auditivamente sons vocais e corporais, sons do meio ambiente, sons da natureza e sons instrumentais;</li><li>- Desenvolver o sentido rítmico e de relação do corpo com o espaço e com os outros.</li></ul>				
	Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	<ul style="list-style-type: none"><li>- Compreender mensagens orais em situações diversas de comunicação;</li><li>- Usar a linguagem oral em contexto, conseguindo comunicar eficazmente de modo adequado à situação (produção e funcionalidade).</li></ul>				
Área do Conhecimento do Mundo		<ul style="list-style-type: none"><li>- Tomar consciência da sua identidade e pertença a diferentes grupos do meio social próximo;</li><li>- Estabelecer relações entre o presente e o passado.</li></ul>				

**Planificação Diária: 10 de maio de 2016**

		Objetivos	Atividades/estratégias	Recursos		Avaliação
Área de Formação Pessoal e Social		- Conhecer e aceitar as suas caraterísticas pessoais e a sua identidade social e cultural, situando-as em relação às de outros; - Reconhecer e valorizar laços de pertença social e cultural; - Cooperar com outros no processo de aprendizagem.	<b>Atividade: Leitura e entoação do poema “Retratos de família”</b> Na área de reunião, em grande grupo, ler o poema “Retratos de família” duas a três vezes. Num segundo momento, ir lendo dois versos de cada vez e pedir às crianças em grupo que entoem a seguir. Por fim, num terceiro momento, voltar ao início do poema com a mesma estratégia, mas pedir a cada criança que entoe os versos individualmente. Este será um exercício de entoação e memorização do poema sobre o tema da família.  <b>Atividade: “Cozinhas de Serradura”</b> Esta atividade será realizada no exterior, e apenas para as crianças que nela quiserem participar. Deixar em cima da mesa da cozinha do exterior uma caixa de plástico com serradura e água (de modo a obter uma consistência que seja facilmente maleável pelas crianças). Deixar as crianças explorar a serradura livremente, incentivando e mostrando exemplos do que podem fazer com ela. Ex: bolinhos, carne, sopa, etc.  <b>Atividade: história “ Atchuu”</b> Na hora do conto, com as crianças reunidas, ler a história “Atchuu” – guia de boas maneiras.	<b>Humanos</b>  - Crianças; - Educadora Cooperante; - Estagiárias; - Auxiliar de Ação Educativa.	<b>Materiais</b>  - Serradura; - Garrafas de sumo e leite vazias; - Garrafinhas e copinhos de plástico; -Formas para bolinhos; - Outros materiais e objetos recicláveis para as crianças brincarem.   	

		<p><b>Atividade: Fazer um “cartaz” com uma lista de boas maneiras e atitudes</b> que falam no livro e colorir. Esta atividade é realizada em grupo pelas crianças mais velhas. Propor às crianças de três anos e quatro anos que vão brincar livremente pelas áreas da sala. Com a ajuda da estagiária e com o recurso à história, as crianças dirão quais as boas maneiras e atitudes que se devem ter. A estagiária vai escrevendo numa folha de papel manteiga, fazendo uma lista. Em seguida, as crianças ilustram as frases, observando imagens do livro ou criando as suas próprias personagens.</p>		- Lápis de cores.	
--	--	--	--	-------------------	--

**Planificação Diária: 12 de maio de 2016**

		Objetivos	Atividades/estratégias	Recursos		Avaliação
Área de Formação Pessoal e Social		<ul style="list-style-type: none"><li>- Conhecer e aceitar as suas características pessoais e a sua identidade social e cultural, situando-as em relação às de outros;</li><li>- Reconhecer e valorizar laços de pertença social e cultural;</li><li>- Cooperar com outros no processo de aprendizagem.</li></ul>	<b>Atividade: Produzir som com objetos do quotidiano</b> Esta atividade será realizada no exterior, recorrendo a objetos da área da casinha ou materiais da natureza. Pedir às crianças que vão explorar o recreio e procurar objetos ou materiais que produzam som. Cada criança não poderá trazer mais do que dois objetos. Em seguida, pedir para sentar todos em roda e, um a um, mostrar aos colegas que objetos trouxeram consigo e exemplificar o som que produzem. Perguntar à criança que tipo de som é (grave, agudo) e se faz lembrar o som de algum instrumento. Agrupar a criança que tem sons idênticos: os sons metálicos, de “tambores” e sons das pedras. A estagiária pede a cada grupo para tocar fazendo sequências: primeiro o grupo dos metais, depois o das pedras, por último o dos “tambores”, e alterando a sequência. A estagiária canta a canção da “família” e as crianças marcam o ritmo da música com palmas, de seguida o mesmo procedimento, mas as crianças todas em conjunto marcam o ritmo com os seus instrumentos improvisados.  <b>Atividade: História “A Manta”</b> Em grande grupo contar a história. No final, fazer com o grupo um resumo do	<b>Humanos</b>  -Crianças; -Educadora Cooperante; -Estagiárias; -Auxiliar de Ação Educativa.	<b>Materiais</b>  - Materiais diversos do espaço exterior (tachos, tampas de panelas, bancos de plástico, colheres, pratos de plástico, pedras, etc.).	<ul style="list-style-type: none"><li>- Registo escrito sobre as aquisições das crianças;</li><li>- Registo fotográfico;</li><li>- Registo oral e plástico das crianças.</li></ul>
Área de Expressão e Comunicação	Educação Motora	<ul style="list-style-type: none"><li>- Dominar o espaço e os materiais e relacionamento com os outros.</li></ul>				
	Educação Artística	<ul style="list-style-type: none"><li>- Desenvolver capacidades expressivas e criativas através de explorações e produções plásticas;</li><li>- Identificar e descrever os sons que ouve (grave, agudo);</li><li>- Inventar ambientes sonoros a partir de canções, e sequências de movimentos, selecionando e organizando fontes sonoras diversificadas (corpo, voz, objetos, etc.).</li></ul>				
	Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	<ul style="list-style-type: none"><li>- Compreender mensagens orais em situações diversas de comunicação;</li><li>-Usar a linguagem oral em contexto, conseguindo comunicar eficazmente de modo adequado à situação (produção e funcionalidade).</li></ul>				
					- Livro “A	

<p><b>Área do Conhecimento do Mundo</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Tomar consciência da sua identidade e pertença a diferentes grupos do meio social próximo;</li> <li>- Estabelecer relações entre o presente e o passado;</li> <li>- Descrever; analisar e refletir sobre o que olha e vê.</li> </ul>	<p>que foi lido e do que aprenderam com a história.</p> <p><b>Atividade: “Degustação de tecidos”</b> Na área da reunião, em grupo, espalhar os tecidos no chão, cada criança escolhe e pega num. A estagiária pede às crianças para sentirem o “toque” com as mãos: reparar como são diferentes, há tecidos lisos, texturados, suaves, ásperos, de algodão, grossos, finos, elásticos, frescos ou mais quentinhos. Cada criança fala do tecido que escolheu. A estagiária pede para sentirem com os olhos. Reparar como há diferentes desenhos, padrões, desenhos geométricos, desenhos coloridos. Cada criança fala do seu tecido atendendo, agora, a esse aspeto. No fim, os pedaços de tecidos são postos novamente juntos no chão e as crianças tem cinco minutos para explorarem livremente.</p> <p><b>Atividade: Pintura da manta de histórias de retalhos</b> Esta atividade de pintura em tecido será realizada em vários momentos do dia e prolongar-se-á durante a semana seguinte, pois cada parte pintada terá de secar, o que levará tempo. Cada criança pinta individualmente o seu “quadrado” da “manta” dos retalhos, sendo que, no máximo, pintam duas ou três crianças de cada vez.</p> <p><b>Atividade de ciências: “De que sou feito?”</b> Esta atividade encontra-se na brochura <i>Despertar para a ciência</i>. Na sequência do tema dos materiais, as crianças irão</p>	<p>Manta”;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Tecidos de pequenas dimensões com padrões e texturas diferentes;</li> <li>- Tecido maior cru;</li> <li>-Tintas de várias cores.</li> <li>- Objetos de plástico, metal, vidro, papel, madeira;</li> </ul>
---	---	---	--

		<p>separar e criar conjuntos de diferentes tipos de materiais: tecidos, metal, papel/cartão, madeira, lã, plástico e vidro.</p> <p>A estagiária prepara a atividade, procurando na sala objetos com estas características e coloca-os num caixote de cartão ou caixa.</p> <p>Desenhar no chão a giz sete círculos grandes e escrever sete papelinhos com o nome de cada um dos conjuntos.</p> <p>Chama uma criança de cada vez e pede-se para que ela tire um objeto do caixote. A criança terá de dizer que objeto é e de que família pertence e colocar no respetivo círculo ou conjunto.</p>		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Tecidos e lã;</li> <li>- Caixote de cartão ou caixa;</li> <li>- Papel branco;</li> <li>- Caneta;</li> <li>- Giz.</li> </ul>	
--	--	---	--	--	--



**Planificação Diária: 16 de maio de 2016**

Áreas de conteúdo		Objetivos	Atividades/estratégias	Recursos		Avaliação
<b>Área de Formação Pessoal e Social</b>		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Conhecer e aceitar as suas características pessoais e a sua identidade social e cultural, situando-as em relação às de outros;</li> <li>- Reconhecer e valorizar laços de pertença social e cultural;</li> <li>- Cooperar com outros no processo de aprendizagem.</li> </ul>	<p>A manhã deste dia terá início com a Festa da Família, em que alguns dos familiares das crianças se deslocarão ao JI para festejar e partilhar o momento num local tão importante para o desenvolvimento da criança.</p> <p><b>Atividade: Dança do Pinguim e Canção “Eu gosto é da Família”</b> As estagiárias devem organizar as crianças num local predefinido do exterior e ajudar a vestir os disfarces de pinguim, onde irão realizar uma coreografia ao som da música “Dança do Pinguim” do CD Panda e os Caricas.</p>	<b>Humanos</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Crianças;</li> <li>- Educadora Cooperante;</li> <li>- Estagiárias;</li> <li>- Auxiliares de Ação Educativa;</li> <li>- Familiares das crianças.</li> </ul>	<b>Materiais</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Disfarces de pinguim;</li> <li>- Arca Tesouros da Natureza;</li> <li>- Elementos da natureza;</li> <li>- Estória a giz “O Cão que não queria tomar banho”;</li> <li>- Quadro a giz;</li> <li>- Rádio;</li> <li>- Computador.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Registo escrito sobre as aquisições das crianças;</li> <li>- Registo fotográfico;</li> <li>- Registo oral e plástico das crianças.</li> </ul>
<b>Área de Expressão e Comunicação</b>	Educação Motora	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Cooperar em situações de jogo, seguindo orientações ou regras.</li> </ul>	De seguida, será cantada a canção “Eu gosto é da Família”, baseada na música “Eu gosto é do Verão”, com alterações realizadas pelas estagiárias a pensar nesta comemoração.			
	Educação Artística	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Interpretar com intencionalidade expressiva-musical;</li> <li>- Valorizar a música como fator de identidade social e cultural;</li> <li>- Desenvolver o sentido rítmico e de relação do corpo com o espaço e com os outros;</li> <li>- Desenvolver capacidades expressivas e criativas através de explorações e produções plásticas;</li> <li>- Interpretar com intencionalidade expressiva-musica: jogos prosódicos.</li> </ul>	<p><b>Atividade: Recolha de elementos da natureza para a arca dos Tesouros da Natureza</b> Na área de reunião, a estagiária irá reunir as crianças e explorar o conceito de “coleção” com o grupo. Após esta reflexão conjunta, a estagiária deve explicar ao grupo que irão começar uma coleção de elementos da natureza (pedras, folhas, pauzinhos, sementes) e deve propor uma primeira recolha de elementos da natureza no exterior, a qual será orientada por si.</p>			
	Linguagem Oral e	-Compreender mensagens orais em situações diversas de				

	Abordagem à Escrita	<p>comunicação;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Usar a linguagem oral em contexto, conseguindo comunicar eficazmente de modo adequado à situação (produção e funcionalidade);</li> <li>- Estabelecer relação entre a escrita e a mensagem oral;</li> <li>- Compreender que a leitura e a escrita são atividades que proporcionam prazer e satisfação;</li> <li>- Sentir-se competente e capaz de usar a leitura e a escrita, mesmo que de forma muito inicial e não convencional.</li> </ul>	<p>Deverá, ainda, explicar que a Arca dos Tesouros estará sempre disponível na sala e que, cada vez que encontrem um elemento da natureza para a coleção, devem colocá-lo na mesma, de forma livre e espontânea.</p> <p><b>Atividade: Hora do Conto-Estórias a giz: “O cão que não queria tomar banho”</b></p> <p>A estagiária deve reunir as crianças na área da reunião para explicar o projeto em que irão estar envolvidas.</p> <p>Deve explicar que, um dia, reparou que os seus colegas T. e R. estavam a realizar um desenho no quadro a giz e a inventar uma estória para esse mesmo desenho, e assim nasceu a ideia para um projeto diferente.</p> <p>Desta forma, deve sugerir às crianças a sua participação neste projeto, o qual resultará numa compilação de pequenas estórias criadas pelas crianças do JI de Alcanhões-Santarém, idealizadas em desenhos no quadro a giz e contadas num discurso oral que ganhou forma no papel.</p> <p>Por fim, será realizada a hora do conto com a leitura e exploração da primeira estória a giz, “O cão que não queria tomar banho”.</p> <p><b>Atividade: Animais terrestres, aquáticos e aéreos</b></p> <p>Para explorar o tema Animais terrestres, aquáticos e aéreos, a estagiária deve reunir o grupo num espaço previamente preparado, com cadeiras e computador.</p> <p>O tema será apresentado às crianças sob a forma de uma apresentação de PowerPoint e, de seguida, o tema será explorado com algumas questões que a estagiária irá colocar ao grupo.</p> <p><b>Atividade: Desenho dos animais</b></p>			
	Matemática	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Agrupar consoante características de semelhança.</li> </ul>				
<b>Área do Conhecimento do Mundo</b>		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Tomar consciência da sua identidade e pertença a diferentes grupos do meio social próximo (ex. família, JI, amigos, vizinhança);</li> <li>- Explorar, selecionar e agrupar elementos da natureza (pedras, folhas, pauzinhos, sementes);</li> <li>- Compreender e identificar as características distintas dos animais terrestres, aquáticos e aéreos.</li> </ul>				

		<p><b>terrestres, aquáticos e aéreos nos seus devidos habitats</b></p> <p>Após a abordagem acerca dos animais terrestres, aquáticos e aéreos, a estagiária deve dividir as crianças por pequenos grupos e cada um dos grupos deve realizar desenhos dos animais consoante o meio em que vivem, para a elaboração de um placard acerca do tema.</p> <p><b>Atividade: Estórias a giz</b></p> <p>A estagiária selecionará duas crianças aleatoriamente para realizarem um desenho no quadro a giz e pensarem numa estória para esse mesmo desenho. Será feito o registo fotográfico desse momento e, de seguida, a estagiária deve reunir-se com o par e dialogar acerca da estória e fazer o registo escrito do que as crianças contam oralmente.</p>			
--	--	---	--	--	--

**Planificação Diária: 17 de maio de 2016**

Áreas de conteúdo		Objetivos	Atividades/estratégias	Recursos		Avaliação
Área de Formação Pessoal e Social		<ul style="list-style-type: none"><li>- Cooperar com outros no processo de aprendizagem;</li><li>- Ser capaz de participar nas decisões sobre o seu processo de aprendizagem.</li></ul>	<b>Atividade: Matemática com a Arca dos Tesouros da Natureza</b> A atividade será realizada na área de reunião, no chão. A estagiária deve começar por questionar as crianças acerca da recolha de elementos da natureza no dia anterior e sobre o conceito de “coleção”, na tentativa de perceber se o grupo está a compreender o porquê da atividade. De seguida, a estagiária deverá questionar o grupo acerca dos diferentes tipos de elementos da natureza que recolheram e de que forma os podem agrupar. Serão agrupados segundo o seguinte critério: pedras, pauzinhos, folhas e sementes. Após estarem agrupados todos os elementos, devem ser discutidos outros critérios dentro de cada grupo: a cor, o tamanho, a forma, o recorte, as nervuras, a textura. Desta forma, as pedras, por exemplo, podem ser reagrupadas consoante as suas diferentes apresentações.  <b>Atividade: Registo Oral e Plástico da Sessão de Matemática</b> A estagiária deve indicar às crianças que se sentem nas mesas de trabalho para realizar um desenho sobre a sessão de matemática na qual	<b>Humanos</b> <ul style="list-style-type: none"><li>- Crianças;</li><li>- Educadora Cooperante;</li><li>- Estagiárias;</li><li>- Auxiliares de Ação Educativa.</li></ul> <b>Materiais</b> <ul style="list-style-type: none"><li>- Arca Tesouros da Natureza;</li><li>- Elementos da natureza;</li><li>- Estória a giz “O Príncipe e a Mulher Aranha salvam o dia”;</li><li>- Quadro a giz.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Registo escrito sobre as aquisições das crianças;</li><li>- Registo fotográfico;</li><li>- Registo oral e plástico das crianças.</li></ul>	
Área de Expressão e Comunicação	Educação Motora					
	Educação Artística	<ul style="list-style-type: none"><li>- Desenvolver capacidades expressivas e criativas através de explorações e produções plásticas;</li><li>- Interpretar com intencionalidade expressiva-música: jogos prosódicos.</li></ul>				
	Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	<ul style="list-style-type: none"><li>- Compreender mensagens orais em situações diversas de comunicação;</li><li>- Usar a linguagem oral em contexto, conseguindo comunicar eficazmente de modo adequado à situação (produção e funcionalidade);</li><li>- Estabelecer relação entre a escrita e a mensagem oral;</li><li>- Compreender que a leitura e a escrita são atividades que proporcionam prazer e satisfação;</li><li>- Sentir-se competente e capaz de usar a leitura e a escrita, mesmo que de forma muito inicial e não convencional.</li></ul>				

			estiveram envolvidas e deve solicitar que expliquem oralmente o que aprenderam, do que mais gostaram e do que menos gostaram. Para o registo plástico será sugerido o decalque dos elementos da natureza.			
	Matemática	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Agrupar segundo características de semelhança;</li> <li>- Recolher informação pertinente para dar resposta a questões colocadas, recorrendo a metodologias adequadas (listagens, desenhos, etc.),</li> <li>- Sentir-se competente para lidar com noções matemáticas e resolver problemas.</li> </ul>	<p><b>Atividade: Elaboração do painel sobre os animais terrestres, aquáticos e aéreos em grupo</b></p> <p>Tendo, já, sido abordado o tema “Animais terrestres, aquáticos e aéreos”, será elaborado um placard com as crianças mais velhas na área de reunião no chão.</p> <p>Serão seleccionadas algumas ideias mais relevantes para responder às questões “Como são?”, “Onde, como vivem?” e será feita uma montagem com os desenhos elaborados no dia anterior.</p>			
Área do Conhecimento do Mundo		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Explorar, seleccionar e agrupar elementos da natureza (pedras, folhas, pauzinhos, sementes);</li> <li>- Compreender e identificar as características distintas dos animais terrestres, aquáticos e aéreos.</li> </ul>				

## Anexo F – Planificações 2º Estágio em JI

Planificação Diária: 18 de maio de 2016						
Áreas de conteúdo		Objetivos	Atividades/estratégias	Recursos		Avaliação
Área de Formação Pessoal e Social		- Cooperar com outros no processo de aprendizagem.	<b>Atividade: Jogo “Coelhos às tocas”</b> A estagiária reunirá com as crianças na área da reunião e explicará que devem formar um comboio para se deslocarem para o exterior. Já no exterior, começará por realizar o aquecimento com as crianças. Dividir as crianças em dois grupos, sendo que o grupo dos coelhos deve ter uma criança a mais. As crianças escolhidas para tocas devem espalhar-se por todo o espaço e tomar a posição de pé com as pernas afastadas, sem se mexerem. A estagiária dá a ordem de correr aos “coelhos” e estes correm por todo o espaço. À voz de “Coelhos às tocas”, os coelhos põem-se de gatas debaixo das pernas das tocas. Têm de entrar por trás, para evitar choques. Deve existir um coelho que fica sem toca. Após quatro jogadas, os jogadores devem trocar de papéis. Por fim e de modo a relaxar e acalmar, irá jogar-se o jogo dos “Dominhocos”, em que a estagiária deve indicar às crianças que têm de se deslocar livremente pelo espaço e à voz “deitar” devem deitar-se com os braços cruzados, servindo de almofada. Devem ficar de olhos fechados e imóveis, como se dormissem. Posteriormente, a educadora acorda uma criança e essa mesma criança deve acordar todos os seus colegas. As crianças devem permanecer no seu lugar em silêncio. À ordem da estagiária, devem formar um comboio para voltar para a sala.	<b>Humanos</b> - Crianças; - Educadora Cooperante; - Estagiárias; - Auxiliares de Ação Educativa.	<b>Materiais</b> - Estória a giz “...”; - Quadro a giz; - Livro “A Casinha de Chocolate”.	- Registo escrito sobre as aquisições das crianças;  - Registo fotográfico;  - Registo oral e plástico das crianças.
Área de Expressão e Comunicação	Educação Motora	- Cooperar em situações de jogo, seguindo orientações ou regras.				
	Educação Artística	- Desenvolver capacidades expressivas e criativas através de explorações e produções plásticas; - Identificar e descrever os sons que ouve; - Interpretar com intencionalidade expressiva-música: jogos prosódicos.				
	Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	- Compreender mensagens orais em situações diversas de comunicação; - Usar a linguagem oral em contexto, conseguindo comunicar eficazmente de modo adequado à situação (produção e				

		<p>funcionalidade);</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Estabelecer relação entre a escrita e a mensagem oral;</li> <li>- Compreender que a leitura e a escrita são atividades que proporcionam prazer e satisfação;</li> <li>- Sentir-se competente e capaz de usar a leitura e a escrita, mesmo que em forma muito iniciais e não convencionais.</li> </ul>	<p><b>Atividade: Avaliação oral e plástica da sessão de Expressão Motora</b></p> <p>Na área da reunião, a estagiária deve iniciar uma discussão sobre a sessão de expressão motora realizada. De seguida, deve propor às crianças que façam um desenho e que expliquem o que mais gostaram de fazer e o contrário.</p> <p><b>Atividade: Hora do Conto “A Casinha de Chocolate” na tenda</b></p> <p>A estagiária deve improvisar uma tenda com tecido preto dentro da sala e iluminá-la com algumas luzes de natal.</p> <p>Ao iniciar a atividade, a estagiária deve ajudar as crianças a entrar para a tenda e a sentar-se. Só depois, já dentro da tenda, deve ser explicado o que se vai passar, para manter o suspense, a curiosidade e o efeito-surpresa.</p> <p>A história será contada com recurso à leitura do livro e, à medida que a história vai sendo contada, vão-se ouvindo sons da história, vindos do exterior da tenda (realizados pela colega da estagiária). As crianças serão questionadas acerca dos sons que ouvem.</p> <p>De seguida, as crianças devem realizar o registo oral e plástico da história nas mesas de trabalho.</p> <p><b>Atividade: Estórias a giz</b></p> <p>A estagiária selecionará duas crianças aleatoriamente para realizarem um desenho no quadro a giz e pensarem numa estória para esse mesmo desenho. Será feito o registo fotográfico desse momento e, de seguida, a estagiária deve reunir-se com o par, dialogar acerca da estória e fazer o registo escrito do que as crianças contam oralmente.</p>			
	Matemática					
Área do Conhecimento do Mundo						

**Planificação Diária: 17 de novembro de 2016**

Áreas de conteúdo		Objetivos	Atividades/estratégias	Recursos		Avaliação
<b>Área de Formação Pessoal e Social</b>		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Cooperar com outros no processo de aprendizagem;</li> <li>- Ser capaz de participar nas decisões sobre o seu processo de aprendizagem;</li> <li>- Desenvolver o respeito pelo outro e pelas suas opiniões, numa atitude de partilha;</li> <li>- Desenvolver uma atitude crítica.</li> </ul>	<p><b>Atividade: Projeto Dieta Mediterrânica – as sopas</b> Esta atividade será dinamizada por nutricionistas, tendo como objetivo falar sobre a alimentação saudável com o grupo e realizar uma sopa.</p> <p><b>Atividade: Hora do Conto – “A Fada partiu a asa”, Mundos de Vida</b> A estagiária deve reunir as crianças na área da reunião e contar a história “A Fada partiu a asa”, que faz parte da Missão Pijama, na qual o JI participa. A história será contada com recurso a alguns elementos elaborados pela estagiária. Por fim, serão realizadas algumas questões para consolidar o tema abordado na história.</p> <p><b>Atividade: Expressão Físico-Motora Jogo “À Procura das Fadas”</b> A estagiária reunirá com as crianças na área da reunião e explicará que devem formar um comboio para se deslocarem</p>	<p><b>Humanos</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Crianças;</li> <li>- Educadora Cooperante;</li> <li>- Estagiárias;</li> <li>- Auxiliares de Ação Educativa.</li> </ul>	<p><b>Materiais</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Livro “A Fada partiu a asa”, Mundos de Vida;</li> <li>- Fadas da história;</li> <li>- Potes.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Registo escrito sobre as aquisições das crianças;</li> <li>- Registo fotográfico;</li> <li>- Registo oral e plástico das crianças.</li> </ul>
<b>Área de Expressão e Comunicação</b>	Educação Motora					
	Educação Artística	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Cooperar em situações de jogo, seguindo orientações ou regras.</li> </ul>				
	Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Compreender mensagens orais em situações diversas de comunicação;</li> <li>- Usar a linguagem oral em contexto, conseguindo comunicar eficazmente de modo adequado à situação (produção e funcionalidade);</li> <li>- Estabelecer relação entre a escrita e a mensagem oral.</li> </ul>				
	Matemática					



<b>Área do Conhecimento do Mundo</b>		<p>para o exterior. Já no exterior, começará por realizar o aquecimento com as crianças. Após o aquecimento, as crianças irão jogar ao jogo “À Procura das Fadas”, no qual terão de procurar/apanhar no recreio as fadas da história e colocar cada uma num pote. O jogo acaba quando forem encontradas todas as fadas.</p>			
--	--	---	--	--	--

**Planificação Diária: 18 de novembro de 2016**

Áreas de conteúdo		Objetivos	Atividades/estratégias	Recursos		Avaliação
Área de Formação Pessoal e Social		- Cooperar com outros no processo de aprendizagem; - Ser capaz de participar nas decisões sobre o seu processo de aprendizagem; - Desenvolver o respeito pelo outro e pelas suas opiniões, numa atitude de partilha; - Desenvolver uma atitude crítica.	<b>Atividade: Finalização de trabalhos semanais e arrumação dos materiais produzidos</b> A estagiária deve reunir as crianças na área de reunião e dialogar acerca dos trabalhos que cada criança tem por finalizar. Após este momento, a estagiária deve distribuir as crianças pelas diferentes áreas da sala, de modo a que estas possam terminar os seus trabalhos. Por fim, a estagiária deve solicitar ao grupo que trate da arrumação dos materiais produzidos individualmente durante a semana.  <b>Atividade: Avaliação da Semana</b> A estagiária deve reunir as crianças na área de reunião e iniciar um diálogo acerca de todo o trabalho realizado durante a semana e sobre os pontos mais fortes e menos fortes. Deve questionar cada criança acerca do que mais gostou de fazer e do que menos gostou de fazer.  <b>Atividade: Elaboração das Casas das Fadas</b> A estagiária deve pedir às crianças que se sentem nas mesas de trabalho e deve distribuir alguns materiais para que cada uma das crianças possa elaborar uma casa para uma fada ao seu gosto. No fim de terminadas as casas das fadas, serão colocadas no recreio/exterior (ex.: penduradas nas árvores, nos vasos de plantas, etc.).	<b>Humanos</b> - Crianças; - Educadora Cooperante; - Estagiárias; - Auxiliares de Ação Educativa.	<b>Materiais</b>	- Registo escrito sobre as aquisições das crianças;  - Registo fotográfico;  - Registo oral e plástico das crianças.
Área de Expressão e Comunicação	Educação Motora					
	Educação Artística	- Desenvolver capacidades expressivas e criativas através de explorações e produções plásticas.				
	Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	- Compreender mensagens orais em situações diversas de comunicação; - Usar a linguagem oral em contexto, conseguindo comunicar eficazmente de modo adequado à situação (produção e funcionalidade).				
	Matemática					
Área do Conhecimento do Mundo						

**Planificação Diária: 21 de novembro de 2016**

Áreas de conteúdo		Objetivos	Atividades/estratégias	Recursos		Avaliação
Área de Formação Pessoal e Social		- Cooperar com outros no processo de aprendizagem;  - Desenvolver o respeito pelo outro e pelas suas opiniões, numa atitude de partilha e responsabilidade social.	<b>- Dia do Pijama</b>  <b>Atividade: Dança e coreografia da música “Só te quero abraçar” – Agir</b> Pedir às crianças que se espalhem pela sala para dançarem. Pôr a música a tocar e dançar com o grupo.  <b>Atividade: Hora do Conto “A Fada perdeu a asa”</b> Mostrar novamente o PowerPoint da história às crianças; ao mesmo tempo, ir fazendo um resumo dos aspetos mais importantes da mesma.  <b>Atividade: Registo Oral e Plástico do dia do pijama</b> Indicar às crianças que se sentem nas mesas de trabalho para realizarem um desenho sobre a história contada e sobre aspetos que gostaram mais da mesma.  <b>Atividade: Quem roubou o anel da fada?</b> Neste jogo, as crianças sentam-se numa roda. Estender um cordão que deve ficar agarrado pelas duas mãos de cada criança, formando um grande círculo. Um anel deve ser enfiado dentro do fio, fazendo-se um nó nas pontas para ficar um círculo completamente fechado. Assim, o anel da fada-rainha pode deslizar dentro do fio e passar de criança para criança. Explicar a todas as crianças que as fadas são muito brincalhonas e	Humanos	Materiais	- Registo fotográfico;  - Registo oral e plástico das crianças;  - Registo escrito sobre as aquisições das crianças.
Área de Expressão e Comunicação	Educação Motora	- Favorecer a motricidade, coordenação e controlo do corpo.		-Crianças; -Educadora Cooperante; - Estagiárias; -Auxiliares de Ação Educativa.	- Computador e colunas de som;  -PowerPoint da história “A fada partiu a asa”;  -Televisão;	
	Educação Artística	- Desenvolver capacidades expressivas e criativas através de explorações e produções plásticas.			- Folhas brancas;  - Canetas.	
	Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	- Compreender mensagens orais em situações diversas de comunicação; - Usar a linguagem oral em contexto, conseguindo comunicar eficazmente de modo adequado à situação (produção e funcionalidade).			- Anel;  - Cordão;  - Coroa;  - Campainha.	
	Matemática	- Desenvolver a orientação espacial.				
Área do Conhecimento do Mundo						

		<p>que alguém vai tentar roubar o anel da fada-rainha. Uma das crianças vai para o meio da roda e faz de fada-rainha, fecha os olhos durante 10 segundos, contados pela educadora. No fim do tempo, toca um sininho (ou outro sinal).</p> <p>Enquanto se contam os 10 segundos, o anel vai sendo empurrado e passado de mão em mão, de criança para criança, dentro do cordão.</p> <p>Quando o sininho tocar, a “fada-rainha” abre os olhos e tenta adivinhar quem roubou o anel. Se acertar, troca de lugar e vai para o meio fazer de “fada-rainha”. Se não adivinhar, ela fecha de novo os olhos, o jogo continua e ela tenta novamente três vezes.</p>			
--	--	--	--	--	--

**Planificação Diária: 29 de novembro de 2016**

Áreas de conteúdo		Objetivos	Atividades/estratégias	Recursos		Avaliação
Área de Formação Pessoal e Social		<ul style="list-style-type: none"><li>- Reconhecer e valorizar laços de pertença social e cultural;</li><li>- Cooperar com outros no processo de aprendizagem;</li><li>- Ser capaz de participar nas decisões sobre o seu processo de aprendizagem;</li><li>- Desenvolver o respeito pelo outro e pelas suas opiniões, numa atitude de partilha e de responsabilidade social;</li><li>- Conhecer e valorizar manifestações do património natural e cultural, reconhecendo a necessidade da sua preservação.</li></ul>	<p><b>Atividade: Passeio pelo campo próximo, onde vamos:</b></p> <ul style="list-style-type: none"><li>- Tirar fotografias à Natureza;</li><li>- Recolher folhas de árvores com cores outonais.</li></ul> <p>Serão exploradas as diferenças existentes nas folhas das árvores, consoante a mudança de estação, com o apoio do vídeo “Vai e Vem das Estações-Palavra Cantada” (<a href="https://www.youtube.com/watch?v=jINoF8GEGWc">https://www.youtube.com/watch?v=jINoF8GEGWc</a>).</p> <p>Após este momento, deve explicar-se ao grupo que irão realizar um passeio pelo campo, onde deverão recolher folhas das árvores, com diferentes formas e cores.</p> <p><b>Atividade: Registo Oral e Plástico do passeio pelo campo próximo</b></p> <p>As crianças devem ser distribuídas pelas mesas de trabalho para realizarem um desenho sobre o passeio ao campo, com recurso à colagem de algumas folhas de árvore recolhidas durante o passeio ao campo realizado durante a manhã e, por fim, será realizado o registo oral do que mais gostaram e aprenderam com este passeio ao campo.</p>	<b>Humanos</b>	<b>Materiais</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Registo escrito sobre as aquisições das crianças;</li><li>- Registo fotográfico;</li><li>- Registo oral e plástico das crianças.</li></ul>
Área de Expressão e Comunicação	Educação Motora			<ul style="list-style-type: none"><li>- Crianças;</li><li>- Educadora Cooperante;</li><li>- Estagiárias;</li><li>- Auxiliares de Ação Educativa.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Máquina fotográfica;</li><li>- Computador;</li><li>- Vídeo “Vai e Vem das Estações – Palavra Cantada”.</li></ul>	
	Educação Artística	<ul style="list-style-type: none"><li>- Desenvolver capacidades expressivas e criativas através de explorações e produções plásticas.</li></ul>				
	Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	<ul style="list-style-type: none"><li>- Compreender mensagens orais em situações diversas de comunicação;</li><li>- Usar a linguagem oral em contexto, conseguindo comunicar eficazmente de modo adequado à situação (produção e funcionalidade).</li></ul>				
	Matemática					
Área do Conhecimento do Mundo		<ul style="list-style-type: none"><li>-Conhecer elementos naturais da sua comunidade.</li></ul>				

**Planificação Diária: 6 de dezembro de 2016**

Áreas de conteúdo		Objetivos	Atividades/estratégias	Recursos		Avaliação
Área de Formação Pessoal e Social		- Cooperar com outros no processo de aprendizagem; - Desenvolver o respeito pelo outro e pelas suas opiniões, numa atitude de partilha e responsabilidade social.	<b>Atividade: Ida ao correio enviar as cartas</b>  <b>Atividade: Observação da árvore Amoreira no recreio</b> (observação realizada uma vez por semana, nas próximas semanas). 1.º momento – Conversa com as crianças – levantamento de características da árvore de estudo e folhas (cor, tamanho, forma, recorte, nervuras, textura); - Relacionar a queda das folhas com a estação do ano atual; - Pedir aos “chefes do dia” que tirem uma ou duas fotografias da árvore. 2.º momento – Pedir às crianças que apanhem folhas caídas da árvore. <b>Atividade:</b> Registo Oral e Plástico da Observação da Amoreira. <b>Atividade:</b> Atividades livres/continuação da elaboração de trabalhos sobre o Natal.	<b>Humanos</b> - Crianças; - Educadora Cooperante; - Estagiárias; - Auxiliares de Ação Educativa.	<b>Materiais</b> - Cartas;  - Envelopes;  - Máquina fotográfica;  - Folhas; - Canetas de filtro.	- Registo fotográfico;
Área de Expressão e Comunicação	Educação Motora	- Favorecer a motricidade, coordenação e controlo do corpo.				- Registo oral e plástico das crianças.
	Educação Artística	- Desenvolver capacidades expressivas e criativas através de explorações e produções plásticas; - Reconhecer e mobilizar elementos da comunicação visual, tanto na produção e apreciação das suas produções, como em imagens que observa.				- Registo escrito sobre as aquisições das crianças.
	Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	- Compreender mensagens orais em situações diversas de comunicação; - Usar a linguagem oral em contexto, conseguindo comunicar eficazmente de modo adequado à situação (produção e funcionalidade).				
	Matemática	- Desenvolver a orientação espacial.				

<b>Área do Conhecimento do Mundo</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Identificar, descrever e procurar explicações para fenómenos e transformações que observa no meio físico e natural;</li> <li>- Promover atitudes de respeito pela Natureza.</li> </ul>				
--------------------------------------	---	--	--	--	--

**Planificação Diária: 18 de janeiro de 2017**

Áreas de conteúdo		Objetivos	Atividades/estratégias	Recursos		Avaliação
Área de Formação Pessoal e Social		- Cooperar com outros no processo de aprendizagem; - Ser capaz de participar nas decisões sobre o seu processo de aprendizagem; - Desenvolver o respeito pelo outro e pelas suas opiniões, numa atitude de partilha; - Desenvolver uma atitude crítica.	<b>Atividade: Visita da Nutricionista</b>  <b>Atividade: Elaboração cartaz da história da bruxa Carlota</b> Reunir na mesa o grupo de crianças mais velhas. Colocar um pedaço de cartão em cima da mesa, o qual servirá como base para o cartaz. Deve começar-se por relembrar a cantilena elaborada e colá-la no centro do cartaz. No topo do cartaz deve escrever-se o título da história e pedir a uma criança mais velha que passe por cima das letras, previamente escritas a lápis, com marcador. As crianças podem, também, elaborar alguns desenhos relacionados com a história para decorar o cartaz. Do mesmo modo, serão selecionadas e coladas algumas fotos referentes ao decorrer deste projeto. Estas são apenas algumas sugestões, pois pretende-se que as crianças deem asas à sua criatividade.  <b>Atividade: Ginástica (ao ar livre, só se estiver bom tempo)</b> <b>Jogo “apanha o rabo da raposa”</b> Este jogo é como jogar ao jogo da apanhada, mas, neste caso, todas as crianças serão raposas e vão ter atrás das costas, preso às calças, um “rabo”, feito com um pedaço de tecido. O objetivo do jogo é cada um apanhar o máximo de “rabos” de raposas que conseguir e, ao mesmo tempo, não	<b>Humanos</b> - Crianças; - Educadora Cooperante; - Estagiárias; - Auxiliares de Ação Educativa.	<b>Materiais</b> - Cartão grande;  - Marcadores coloridos;  - Máquina fotográfica;  - Tesoura;  - Cola.	-Registo escrito sobre as aquisições das crianças;  -Registo fotográfico;  -Registo oral e plástico das crianças.
Área de Expressão e Comunicação	Educação Motora	- Cooperar no jogo, seguindo orientações ou regras; - Dominar movimentos que implicam deslocamentos e equilíbrios e manipulação.				
	Educação Artística	- Favorecer a vivência de situações expressivas e de movimento criativo.				
	Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	- Compreender mensagens orais em situações diversas de comunicação; - Usar a linguagem oral em contexto, conseguindo comunicar eficazmente de modo adequado à situação (produção e funcionalidade).				
	Matemática					
Área do Conhecimento do Mundo		- Promover o desenvolvimento da independência e autonomia.				



		<p>deixar que nenhuma outra raposa lhe tire o seu próprio “rabo”.</p> <p><b>Atividade: Futebol humano</b>  Este jogo tem o mesmo objetivo do futebol, mas não se joga com bola. Marca golo a criança que conseguir entrar na baliza da equipa adversária.</p> <p><b>Atividade: Atividades livres</b></p>			
--	--	--	--	--	--

**Planificação Diária: 19 de janeiro de 2017**

Áreas de conteúdo		Objetivos	Atividades/estratégias	Recursos		Avaliação
Área de Formação Pessoal e Social		<ul style="list-style-type: none"><li>- Cooperar com outros no processo de aprendizagem;</li><li>- Ser capaz de participar nas decisões sobre o seu processo de aprendizagem;</li><li>- Desenvolver o respeito pelo outro e pelas suas opiniões, numa atitude de partilha;</li><li>- Desenvolver uma atitude crítica.</li></ul>	<b>Atividade: Tambor x Palmas</b> Nesta atividade, tocar os compassos no tambor e pedir às crianças para repetirem os mesmos pulsos, na mesma velocidade, batendo palmas. 1.º momento: Explicar a atividade com toda a calma, certificando-se de que todos entenderam o exercício. Depois, começar a praticar, como se estivesse a ensaiar. Tocar os compassos, ouvir o resultado e, se necessário, fazer as devidas orientações. 2.º momento: Tornar a atividade um pouco mais complexa. Orientar as crianças para que batam palmas, quando eu bate no tambor, e batam os pés no chão, quando eu bater a baqueta na lateral do tambor. São dois sons bastante diferentes, fáceis de serem intercalados. <b>Maracas</b> Distribuir guizos ou maracas artesanais por todos. Depois, tocar o tambor, dando batidas seguidas, sendo que uma delas será mais forte; já os alunos tocarão com os guizos todas as vezes que o adulto bater mais forte. <b>Atividade: “Terra, água, vento” – sentir o vento e descobrir a sua direção</b>  Nesta atividade, iremos elaborar os nossos “cones ou birutas de vento” com fitas de manga plástica presas num pau pequeno que servirá de base para	<b>Humanos</b> <ul style="list-style-type: none"><li>- Crianças;</li><li>- Educadora Cooperante;</li><li>- Estagiárias;</li><li>- Auxiliares de Ação Educativa.</li></ul>	<b>Materiais</b> <ul style="list-style-type: none"><li>- Mesa musical;</li><li>- Guizos;</li><li>- Manga plástica de várias cores;</li><li>- Tesouras;</li><li>- Paus pequenos;</li><li>- Fio de pesca ou cordel.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Registo escrito sobre as aquisições das crianças;</li><li>- Registo fotográfico;</li><li>- Registo oral e plástico das crianças.</li></ul>
Área de Expressão e Comunicação	Educação Motora					
	Educação Artística	<ul style="list-style-type: none"><li>- Cooperar em situações de jogo, seguindo orientações ou regras;</li><li>- Trabalhar a concentração e a perceção.</li></ul>				
	Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	<ul style="list-style-type: none"><li>- Compreender mensagens orais em situações diversas de comunicação;</li><li>- Usar a linguagem oral em contexto, conseguindo comunicar eficazmente de modo adequado à situação (produção e funcionalidade);</li><li>- Estabelecer relação entre a escrita e a mensagem oral.</li></ul>				
	Matemática					
Área do Conhecimento do Mundo		<ul style="list-style-type: none"><li>- Promover o desenvolvimento da independência e autonomia;</li><li>- Promover atitudes de respeito pela natureza.</li></ul>				

		<p>segurar, paus esses que podemos encontrar no nosso jardim.</p> <p>As crianças mais crescidas poderão cortar com a tesoura várias fitas coloridas, para as crianças mais pequenas requerem mais da atenção dos adultos para cortar as fitas e prendê-las com fio de pesca ou corda aos paus.</p> <p>Depois de feitos os cones de vento, explorar e brincar ao ar livre sentindo o vento e descobrindo a sua direção.</p> <p>Explorar a criatividade das crianças perguntando com que outros materiais poderia elaborar-se o cone de vento ou se acham que iriam conseguir observar a direção do vento se fizéssemos os cones de vento de um material mais pesado.</p> <p>No fim da semana, colocar com as crianças os nossos cones de vento pendurados nos ramos da “árvore das fadas”; a árvore ficará mais enfeitada e mágica!</p> <p><b>Atividade: “Terra, água, vento” – Desenhando letras na areia</b></p> <p>Elaborar previamente cartões plastificados com cada uma das letras do alfabeto. Numa bandeja pequena colocar areia, sal ou açúcar colorido até encher.</p> <p>Reunir as crianças na área de reunião, escolher um cartão e chamar uma criança à frente para desenhar a letra na areia. Cada criança deverá dizer o nome da letra que desenhou. Esta atividade pode ter outras variantes consoante a intenção educativa da educadora.</p>			
--	--	--	--	--	--

**Planificação Diária: 20 de janeiro de 2017**

Áreas de conteúdo		Objetivos	Atividades/estratégias	Recursos		Avaliação
Área de Formação Pessoal e Social		- Cooperar com outros no processo de aprendizagem; - Desenvolver o respeito pelo outro e pelas suas opiniões, numa atitude de partilha e responsabilidade social.	<b>Atividade: “Terra, água, vento” – sentir a chuva ou a água</b> Desta vez, iremos sentir/explorar a água da chuva. Encher garrafas de plástico, umas pequenas, outras grandes, com água ou, se chover, pedir às crianças que deixem as garrafas abertas no recreio para observarem o que acontece, podendo, depois, explorar. Uma garrafa por três ou quatro crianças. Explorar as garrafas: explorar a garrafa em pé, explorar a garrafa deitada; fazer uma abertura de lado em algumas garrafas deitadas. O que acontece se deitarmos a garrafa? E se abirmos a tampa? Abrir a tampa e observar o que as crianças fazem ou se deitam alguma coisa lá para dentro. Podemos colocar um pauzinho? O que poderemos lá colocar mais?...	<b>Humanos</b> - Crianças; - Educadora Cooperante; - Estagiárias; - Auxiliares de Ação Educativa.	<b>Materiais</b> - Máquina fotográfica;  - Garrafas de plástico;  - X-ato;  - Paus ou outros materiais naturais;  - Cuvetes;  - Tintas;  -Paus de gelado;  - Folhas de papel manteiga.	- Registo fotográfico;
Área de Expressão e Comunicação	Educação Motora	- Favorecer a motricidade, coordenação e controlo do corpo.				- Registo oral e plástico das crianças.
	Educação Artística	- Desenvolver capacidades expressivas e criativas através de explorações e produções plásticas; - Reconhecer e mobilizar elementos da comunicação visual, tanto na produção e apreciação das suas produções, como em imagens que observa.				- Registo escrito sobre as aquisições das crianças.
	Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	- Compreender mensagens orais em situações diversas de comunicação; - Usar a linguagem oral em contexto, conseguindo comunicar eficazmente de modo adequado à situação (produção e funcionalidade).				
	Matemática	- Desenvolver a orientação espacial:	Se estiver bom tempo, pintar e explorar			

<p><b>Área do Conhecimento do Mundo</b></p>	<p>- Identificar, descrever e procurar explicações para fenómenos e transformações que observa no meio físico e natural.</p>	<p>os cubos de gelo ao ar livre. Com as crianças sentadas no chão, distribuir uma folha de papel manteiga a cada uma e incentivá-las a dar asas à imaginação.</p> <p><b>Atividade: Avaliação da semana com as crianças e arrumação dos seus trabalhos</b></p> <p>Na área de reunião, mostrar às crianças alguns dos seus trabalhos e pedir a cada uma que fale um pouco sobre o(s) seu(s) trabalho(s) preferido(s) realizado(s) durante a semana e falar acerca do que desenhou.</p>			
---	--	--	--	--	--

## **Anexo G – Avaliações semanais**

### **Avaliações**

#### **Avaliação da semana 15 a 18 de novembro**

Esta foi a primeira semana (partilhada) estágio e começámos por abordar a questão

Direitos das Crianças, que se celebram a dia 20 de novembro.



**de 2016**  
do nosso  
dos

Tínhamos pensado introduzir o tema com uma história; no entanto, decidimos mostrar alguns vídeos e canções que ilustrassem melhor o tema. Optámos por esta metodologia pois considerámos que, sendo este um tema tão real e importante, seria relevante visualizar imagens/fotos reais e não desenhos.

Quando pesquisámos sobre este tema na internet, aparecem-nos diversas imagens de crianças a viver em condições deploráveis e tínhamos algum receio que essas mesmas imagens chocassem as crianças, mas é necessário que se diga a verdade às crianças, que estas estejam cientes da sorte que têm em viver nas melhores condições e que os seus direitos sejam respeitados. É, também, importante que percebam que nem todas as crianças têm a mesma sorte, daí ser importante continuar a falar-se neste tema, que, apesar de já ser “antigo”, ainda não é respeitado por todos.

Ao visualizar as imagens, as crianças mostraram-se preocupadas com as crianças das imagens: algumas sem roupa para as aquecer, outras a dormir em cima de papelão da rua, outras a procurar comida no caixote do lixo e outras, ainda, a trabalhar. Fizeram alguns comentários como: “Coitadinha...”; “Está nua!”; “Aquele menino está a chorar”.

Após este momento, iniciámos um diálogo com o grupo sobre aquilo que tinham visualizado e colocámos algumas questões, tais como: “Acham que os meninos do filme são felizes? Porquê?”; “Será que aqueles meninos também vão à escola como vocês? Será que têm brinquedos?”; “O que é aquela menina estava a procurar no caixote do lixo?”.

Com estas questões, fomos tentando chegar ao tema “Direitos das Crianças”, sendo que algumas das crianças já tinham ouvido falar no tema no JI no ano anterior. Para consolidar o tema, sugerimos às crianças que fizessem um desenho sobre um direito que mais lhes chamasse a atenção e, também, o registo oral.

No fim, por sugestão das crianças, elaborou-se um livro, uma compilação de todos os desenhos das crianças, que serviu de base para realizar um panfleto para entregar aos pais e encarregados de educação, lembrando a importância deste dia.

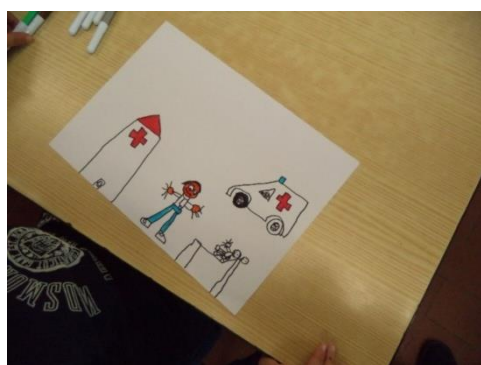
Na sessão de música a animação foi uma constante, pois chegou à sala um objeto que nunca tinham visto: a Mesa Musical. Esta mesa foi elaborada por nós, estagiárias, para uma das unidades curriculares da professora Margarida Togtema, e, como nunca tivemos possibilidade de utilizá-la, decidimos aproveitar a oportunidade para trazer algo diferente às crianças.

Na área da reunião, pedimos às crianças que explorassem, a pares, a Mesa Musical e os seus instrumentos. Falámos sobre os instrumentos e sobre os sons que produzem. Fizemos, ainda, um jogo em que uma das crianças tocava num dos instrumentos e outra, com os olhos vendados, tinha de adivinhar qual foi o instrumento que ouviu.

As crianças estavam deslumbradas com a Mesa Musical, sendo que, muitas vezes, tornava-se difícil fazê-las passar a vez aos seus colegas. Apesar de a atividade correr bem no geral, tivemos alguma dificuldade em gerir o grupo, visto o entusiasmo ser tão grande.

Também iniciámos os preparativos para o Dia do Pijama, contando a história “A Fada partiu a asa”, através do PowerPoint que preparámos para o grupo.

O grupo gostou muito da história e fez alguns comentários: “Lá na minha casa também vi a fada dos dentes!”; “A fada dos dentes também foi deixar um presente debaixo das nossas almofadas”; “A mãe já a viu”. Também ensaiámos a coreografia da nova música do Dia do Pijama.



**Registo fotográfico de algumas das atividades desenvolvidas**

## **Avaliação da semana de 21 a 24 de novembro de 2016**

Nesta semana, celebrámos o dia do pijama. Viemos todos de pijama para o JII! Este é um dia especial, pois é um dia educativo e solidário feito por crianças que ajudam outras crianças. O Dia Nacional do Pijama realiza-se a 20 de novembro de cada ano (este ano, como o dia 20 calhou a um domingo, celebrou-se a 21 de novembro). Foram organizadas, na sala com as crianças e com as famílias, um conjunto de atividades lúdicas e educativas inspiradas pela Missão Pijama. Pela manhã, dançámos e coreografámos a música “Só te quero abraçar” do Agir. Em seguida, vimos o PowerPoint preparado pelas estagiárias contendo a história: “A fada que partiu a asa”: A partir de duas histórias, uma de fadas e outra sobre um relógio de cuco, contadas pelo livro mágico da avó Mimosa, descobrem que em cada família há, afinal, uma fada-bona e cinco fadas-ajudantes que apoiam os pais dos meninos a crescerem bem-educados. À tarde, jogámos ao jogo: “Quem roubou o anel da fada?”. Este é um jogo cooperativo e de trabalho de equipa, pois todos têm de manter-se em roda, agarrando a corda e passando de uns para os outros o anel, escondendo-o da “fada-rainha”. Não foi difícil organizar esta atividade; porém, inicialmente, a corda tinha o comprimento maior do que o pretendido, o que estava a dificultar o manuseamento do anel, mas depressa arranjámos uma estratégia para resolver o problema. Algumas regras do jogo não ficaram desde início bem esclarecidas, tendo eu de ir intervindo e colocando regras ao longo do jogo; tive, por exemplo, a necessidade de colocar a regra de que tinha de ser a fada-rainha a contar até 10 antes de abrir os olhos, para não criar confusão no grupo. Foi uma brincadeira original e que eles acharam engraçada, e que surgiu no âmbito do tema das fadas e posterior ao conto da história da “fada que partiu a asa”.

Esta data coincide com o dia da Convenção Internacional dos Direitos da Criança. Este é um dia em que as crianças pequenas lembram, anualmente, a todos que “uma criança tem direito a crescer numa família”. Deste modo, não poderíamos deixar passar a ocasião para focar alguns direitos das crianças, conversando com as crianças sobre tal e elaborando, posteriormente, com o grupo um livro dos 10 direitos fundamentais das crianças.

Ainda a propósito da história do dia do pijama, e tal como o livro da avó Mimosa em que as letras apareciam e desapareciam como que por magia, surgiu-nos a ideia de desenvolver uma experiência da “Mensagem secreta” (tinta invisível) com “tinta/sumo” de limão. Preparei bem o protocolo experimental com os devidos materiais e procedimentos, usando o modelo de protocolo que a educadora nos forneceu. Contudo, esta atividade não correu logo como era de esperar, pelo que deveria ter “treinado” em casa em primeiro lugar. Pensei que, depois de desenhado no papel, a “tinta” do limão tivesse de esperar um tempo para secar, o que fez com que tivéssemos de deixar a continuação da atividade para depois regressarmos, o que, porventura, criou uma interrupção desnecessária. Depois disto,



reparámos que, afinal, não era necessário esperar que a “tinta” secasse, podia ter sido logo de seguida passada a ferro.

Aprendi, com isto, que devemos sempre, em qualquer nova atividade, experimentar primeiro antes de a pôr em prática com as crianças e verificar sempre se falta algum material para o efeito.

Esta semana, começámos, ainda, a construir as casas das fadas com garrafões de plástico, proporcionando um ambiente mágico, onde as crianças puderam fantasiar, imaginar sobre o mundo maravilhoso...



**Registo fotográfico de uma das atividades desenvolvidas**

## **Avaliação da semana 29 de novembro a 2 de dezembro de 2016**

Nesta semana, por sugestão do grupo, decidimos fazer um passeio ao campo, em que observámos a natureza ao nosso redor, tirámos algumas fotografias, recolhemos alguns elementos naturais e conversámos sobre a estação do ano em que nos encontrávamos.

Trouxemos as nossas galochas para podermos andar na terra enlameada e foi mesmo engraçado, porque todas elas eram



diferentes: umas coloridas, com os nossos desenhos animados preferidos, às bolinhas, às riscas. Foi mesmo giro ir para o Jardim de galochas!

Estava um dia muito bonito, mas frio...por isso, fomos bem agasalhados!

Vimos algumas oliveiras, das quais apanhámos azeitonas e alguns ramos, e também trepámos por elas acima. Até vimos um cogumelo gigante, mas já sabemos que alguns são venenosos, por isso, não pudemos apanhá-lo. Recolhemos alguns pauzinhos, flores e até encontrámos algumas bolotas.

O M. encontrou uma fogueira, o chão estava “queimado”; devem ter sido os “senhores agricultores” que fizeram uma fogueira para aquecerem o almoço.

A “Lili”, Eliana, viu um marmeleiro e também foi apanhar alguns marmelos!

Quando chegámos ao Jardim fomos almoçar, mas, a seguir, cheios de vontade de “brincar com a terra”, fomos logo buscar os nossos carrinhos de mão e os ancinhos e metemos mãos à obra, limpámos o nosso recreio, recolhendo as folhas com as cores do outono que caíram das árvores.

A partir da recolha de elementos naturais, foi proposto às crianças que elaborassem um registo sobre o passeio ao campo utilizando os mesmos. Deste registo plástico resultaram lindas paisagens com árvores e flores.

Com os marmelos que a Eliana recolheu aprendemos, também, a fazer marmelada, mas alguns de nós não quiseram provar porque não sabiam se gostavam. Mas quem provou disse que estava muito boa!

Também aprendemos que nem todas as crianças são iguais, há crianças especiais, há meninos que não conseguem ver, mas utilizam outros sentidos para conseguirem orientar-se. Por isso, jogámos um jogo que se chama “Campo Minado”, em que pudemos constatar que é difícil fazer um percurso com obstáculos sem ver, mesmo com a ajuda de um amigo.

E, para terminar esta semana, começámos a falar no Natal com a história “O Pai Natal Preguiçoso e a Rena Rodolfa”, e cada um de nós fez um elemento decorativo para a árvore de natal, uma Rena Rodolfa.



**Registo fotográfico de algumas das atividades desenvolvidas**







**Registo fotográfico de algumas das atividades desenvolvidas**

## **Avaliação da semana 6 a 9 de dezembro de 2016**

Durante esta semana e a que lhe sucedeu, fizemos grande parte das atividades em torno do tema do Natal. Contámos a História: “Ninguém dá prendas ao Pai Natal”, da autoria de Ana Saldanha, e também tivemos direito a sessão de cinema, onde visualizámos o DVD da mesma. Introduzimos, ainda, a canção da música de Natal: “Rena de nariz encarnado”, e que fomos cantando com o grupo ao longo das semanas. Escrevemos a letra da canção numa folha e colocámos na parede junto das restantes músicas que ilustram a parede da área de reunião.

Entendemos que o facto de a educadora ir colocando na parede as músicas que as crianças vão aprendendo torna as aprendizagens mais ricas. Pretende-se, com isto, ir desenvolvendo a alfabetização das crianças, estimular o espírito de grupo e a perceção auditiva e visual de cada uma.

Nesta semana, demos início ao estudo e observação da nossa árvore Amoreira no recreio. Esta árvore foi escolhida pelas estagiárias para objeto de estudo por ser a “árvore dos bichinhos da seda” e por acharmos que tinha mais potencialidades, ou seja, mais temas que, a partir dela, poderíamos aprofundar, tal como as amoras, os bichos-da-seda, como se produz a seda, estudar materiais como tecidos, etc.

No entanto, em conversa com a educadora cooperante, percebemos que também poderíamos ter escolhido uma árvore em conjunto com as crianças, fazendo-as participar nessa escolha. Deste modo, não teria sido uma escolha imposta por nós e, dentro deste pensamento, poderíamos ter organizado uma votação com todo o grupo, a fim de eleger a árvore a estudar. Assim, também estaríamos a trabalhar com eles outros aspetos como o exercício da cidadania. A cidadania traduz-se numa atitude e num comportamento, num modo de estar em sociedade que tem como referência os direitos humanos, nomeadamente os valores da igualdade, da democracia e da justiça social.

“Enquanto processo educativo, a educação para a cidadania visa contribuir para a formação de pessoas responsáveis, autónomas, solidárias, que conhecem e exercem os seus direitos e deveres em diálogo e no respeito pelos outros, com espírito democrático, pluralista, crítico e criativo” (Linhas Orientadoras de Educação para a Cidadania).

Fomos, então, observar a Amoreira, onde se foi criando um diálogo com as crianças sobre o que observavam na árvore – levantamento de características sobre o tronco e as folhas (cor, tamanho, forma, recorte, nervuras, textura). Também relacionámos a queda das folhas com a estação do ano: o outono. “As folhas estão a cair porque estamos no outono!”, “o chão está cheio de folhas escuras e a árvore esta quase despida”, “as folhas da Amoreira são todas amarelas”, “a árvore agora não tem amoras, só nascem na primavera”...

Num segundo momento, pedimos às crianças que, na sala, fizessem o seu registo plástico do que viram da árvore naquele dia e o registo oral do que aprenderam sobre

aquela árvore. Entendemos que esta foi uma atividade enriquecedora; tentámos aliar o facto de eles terem ótimas condições de explorar o espaço recreio e adquirirem conhecimentos de conhecimento do mundo. Através dos registos das crianças, conseguimos perceber que houve, de facto, aprendizagens a esse nível.

No último dia da semana, fomos a uma visita de estudo ao colégio Infante Santo! Adorámos ir passear! Ao chegarmos ao Colégio, fomos logo bem recebidos pelo coro dos alunos, que nos cantaram algumas canções de Natal! De seguida, visitámos a sala de robótica, assistimos com atenção à encenação da Branca de Neve e os sete anões, fomos à feira do livro e fizemos inúmeras atividades, como pega-monstros, massa de cores e bolachinhas! Chegámos cansadinhos à nossa escola, mas valeu a pena! Foi um dia de emoções!



**Registo fotográfico de uma das atividades desenvolvidas**

### **Avaliação da semana 13 a 16 de dezembro de 2016**

Esta semana começámos por falar na história do Natal, visto esta festividade estar cada vez mais próxima. Introduzimos o tema com um vídeo que se intitula “O Primeiro Natal – A História do Natal Contada por Crianças”, que consiste numa pequena dramatização sobre a origem e o significado do Natal, pois é importante que as crianças compreendam o porquê das datas festivas, já que cada data tem um significado, uma razão de existir.

As crianças mostraram interesse ao visualizar o vídeo, talvez por os atores serem crianças e se identificarem com as mesmas no que diz respeito ao gosto pela dramatização que caracteriza tão bem este grupo.

Dialogou-se sobre o vídeo e foram colocadas algumas questões, de modo a esclarecer dúvidas sobre o tema. Elaborou-se, ainda, o registo plástico e oral, em que cada criança teve possibilidade de desenhar o que achou mais interessante na história e de dizê-lo oralmente.

Por iniciativa das crianças, surgiu, também, a ideia de se fazerem algumas pinturas relativas ao Natal, de onde surgiram árvores de natal, Pais Natal e algumas Renas Rodolfas.

Fomos, também, ao teatro a Lisboa ver a peça “Aladino e a Lâmpada Mágica”. Fomos todos no autocarro muito animados a cantar, a ver a paisagem e até vimos o arco-íris.

Já no teatro, alguns de nós tiveram medo do escuro e das personagens que, de vez em quando, passavam mesmo ao nosso lado na sala... mas é normal, afinal era uma experiência nova para muitos de nós e esta é uma arte que suscita em nós vários sentimentos. No entanto, apesar do medo que tivemos, gostámos todos da história que a peça nos contou e isso verifica-se nos nossos registos plásticos e orais. Gostámos muito das “meninas a dançar”, do macaco Abu e do Génio da Lâmpada Mágica, que era muito divertido.

Também fizemos um jogo de matemática aproveitando as nozes que nos sobraram da Rena Rodolfa. As crianças mais novas tiveram algumas dificuldades, o que é natural, mas, com a ajuda das crianças mais velhas, conseguiram participar na atividade.



**Registo fotográfico de algumas das atividades desenvolvidas**



**Registo fotográfico de algumas das  
atividades desenvolvidas**





### **Avaliação da semana 3 a 6 de janeiro de 2017**

Esta semana brincámos muito e trabalhámos em torno do Dia de Reis. As crianças já tinham uma ideia da história dos três reis magos; contudo, para reforçar, decidimos começar com uma pequena conversa como grupo na área de reunião. Começámos por perguntar quem eram os três reis, como se chamavam, de onde vinham e o presente que cada um levou ao Menino Jesus.

Depois do lanche da manhã, mostrámos na televisão algumas curtas histórias sobre eles e o Menino Jesus. Do mesmo modo, mostrámos imagens e aprendemos duas canções sobre os reis magos. Recortámos e pintámos as nossas coroas em cartolina alusivas ao dia dos reis. Sentimo-nos muito especiais com as nossas coroas!

Conversámos, também, em grande grupo sobre algumas outras tradições de Natal, entre as quais a tradição da consoada em família, dos presentes, da árvore de Natal e da tradição do bolo-rei. Explicámos às crianças que o bolo-rei se chama assim porque tem forma de coroa; eles ficaram espantados, acharam essa descoberta fantástica.

De seguida, fomos para o refeitório, onde confecionámos dois bolos-rei para, no dia seguinte, provarmos e termos um maminho para oferecer aos senhores do lar que nos vinham visitar. A educadora Teresa foi juntando os ingredientes, a Lili (Eliana) auxiliou com a receita e ia escrevendo os ingredientes numa folha de papel manteiga, a Ana Paula foi tirando fotografias, trabalhámos em equipa. Os bolos ficaram deliciosos e inundaram a sala com um ótimo cheirinho!

Outra coisa que poderíamos ter feito, mas que, depois, não se proporcionou por termos outras atividades tidas como prioridades, foi a receita do bolo-rei com as crianças. Eu fui apontando os ingredientes com as crianças, mas, depois, não houve mais nada para além disso, e poderia ter sido mais esmiuçado, como, por exemplo, fazer um cartaz com a receita completa e quantidades, trabalharmos matemática com as quantidades, etc.

Contámos a história da “Bruxa arreganhadentes”, pois sabemos que eles adoram histórias do mundo da fantasia e, se forem assustadoras e com suspense, eles deliram!

Jogámos algumas vezes ao jogo da memória, com cartas de imagens de animais e frutas. As crianças desenvolvem estratégias de memorização neste divertido jogo de cartas. Nestes jogos de memória, os pequenos estabelecem relações entre imagens e posição no tabuleiro. O desafio é organizar as cartas para, depois, conseguir localizar cada uma delas.



**Registro fotográfico de uma das atividades desenvolvidas**

## **Avaliação da semana 10 a 13 de janeiro de 2017**

Esta semana fizemos muita coisa! Começámos pela história “Megalópolis e o Visitante do Espaço”, um livro bem diferente daqueles a que estamos habituados; era tão grande que tivemos de fazer pequenos grupos para a hora do conto. Cada vez que íamos abrindo o livro, íamos descobrindo mais um pedacinho da imagem e da história.

Serviu esta história, também, para explicar às crianças que nem todos os livros são iguais, que existem diferentes tipos de livros, nomeadamente o livro acordeão.

Durante esta atividade, as crianças mostraram-se muito interessadas na história e sempre prontas a colaborar para desvendar mais um pouco da mesma, “desenrolando” as páginas.

No registo plástico e oral, reparámos que as crianças tinham bem presente a história, mas não sabiam o nome da cidade (Megalópolis), talvez por não ser um nome muito fácil de pronunciar e decorar.

Jogámos ao jogo dos peixes, em que quatro ou cinco crianças são pescadores que formam uma rede e as restantes são peixes.

Os pescadores combinam um número e começam uma contagem crescente, enquanto os peixes entram e saem da roda. No número combinado os pescadores baixam-se, fechando a roda. Os apanhados passam a fazer parte da rede; ganham os “peixes” que não forem apanhados.

Neste jogo, reparámos que algumas crianças que eram “peixes” nunca entravam dentro da roda, apesar de nós as incentivarmos a jogar. Até que questionámos uma das meninas acerca do porquê de não jogar e ela disse: “porque eu não consigo”.

Reparámos, durante este estágio, que, muitas vezes, as crianças têm medo de falhar, então não arriscam, tal como nós, adultos, fazemos muitas vezes e preferimos não sair da nossa área de conforto.

Deste modo, decidimos trocar o lugar de algumas crianças no jogo e, a partir desse momento, o jogo passou a correr muito melhor, porque já não tínhamos crianças inativas, todas estavam confortáveis com a sua função no jogo.

Mais uma história foi contada, desta vez a história da “Carlota Barbosa, a bruxa medrosa”, para a qual temos de fazer uma cantilena e um cartaz para participar no concurso “Palavras e Ideias” do Plano Nacional de Leitura.

E apareceu algo mágico no nosso recreio que tivemos de ir logo espreitar! Apareceram fadas e as suas casinhas e a bruxa Carlota!

Na sessão de música desta semana, jogámos ao jogo do copo em que as crianças estavam sentadas lado a lado no chão e foi distribuído um copo por cada criança.

As crianças tinham de repetir a sequência rítmica produzida pela estagiária, recorrendo ao copo e a palmas (ex.: pega o copo, palmas 2x, pega o copo, palmas 2x,

passa o copo, palmas 2x, passa o copo, palmas 2x, vira o copo, palmas 2 x, vira o copo, palmas 2x.)

Esta atividade começou por não correr como esperávamos, pois as crianças não estavam a conseguir executar a sequência, talvez por não definirmos bem o ritmo ou por a mesma ser um pouco complexa. Então, decidimos reformulá-la no momento e adotar um ritmo mais marcante e uma sequência mais simples. A partir desse momento, as crianças começaram a conseguir executar a sequência, apesar de ainda existir alguma confusão no momento de passar o copo ao colega do lado.

Concluindo, esta semana foi muito rica no que diz respeito à variedade de atividades que realizámos, mas também no que diz respeito ao desafio que as mesmas proporcionavam, tanto a nós, enquanto estagiárias, como às crianças.



**Registo  
fotográfico de  
algumas das  
atividades  
desenvolvidas**



## **Avaliação da semana 17 a 20 de janeiro de 2017**

Esta semana voltámos a ir estudar a nossa Amoreira e observá-la, para percebermos se, entretanto, tinha havido alguma alteração. Fizemos novo levantamento de características sobre o tronco e as folhas (cor, tamanho, forma, recorte, nervuras, textura). Também relacionámos a queda das folhas com a nova estação do ano: inverno. Contatámos que “Agora a árvore está nua!”, “não tem folhas, o chão está cheio de folhas pretas”...

Num segundo momento, pedimos às crianças que, na sala, fizessem o seu registo plástico do que viram da árvore naquele dia e o registo oral do que aprenderam sobre aquela árvore. Aqui, houve, talvez, alguma desorganização da nossa parte; primeiro, optámos por deixar que o grupo todo desenhasse a árvore, mas, dadas as diferenças de idade e o facto de algumas crianças necessitarem muito mais do nosso apoio e orientação, fez com que tivéssemos de estar sempre de um lado para o outro para dar resposta a todas as solicitações. Depois, pedimos às crianças para desenharem inicialmente a lápis de carvão o tronco da árvore e, depois então, pintarem com pincel e tinta castanha. Com o lápis de carvão a tarefa foi bem-sucedida; porém, ao começarem a pintar com pincel, “estragou-se” um pouco aquele efeito do carvão e deixou, em alguns trabalhos, de se perceber que era uma árvore. Notámos que a cor da tinta não era bem o tom do tronco da árvore.

Achámos por bem, então, repetir esta atividade noutro dia da semana, melhorando estes aspetos, e a mesma correu bem. Dividimos o grande grupo em pequenos grupos, que iam lá fora observar de cada vez e pintar na folha com pincel. A tinta já estava com a cor mais parecida e ainda observámos umas pequenas manchinhas amareladas no tronco que as crianças reproduziram nas suas obras. Desta vez, achámos melhor uma de nós fazer um desenho de um tronco “modelo”, as crianças observam este modelo, pois, desta forma, mais facilmente adquirem os conceitos e conseguem, assim, reproduzi-los, pois ainda lhes é difícil adquirirem por completo conceitos mais abstratos, como desenhar um tronco.

Nesta semana, teve lugar também a segunda votação para a eleição para dar um nome a cada uma das cinco fadas; desta forma, as crianças participam ativamente nas atividades.

Na sessão de ginástica, fizemos o jogo “apanha o rabo da raposa”; as crianças gostaram muito, pedindo para repetir algumas vezes. O jogo “rabo de raposa” pretende desenvolver a coordenação espacial e oculomotora, a velocidade resistente e a agilidade das crianças.

Num espaço amplo e limitado (espaço recreio), as crianças, com um lenço de pano/fita colocado nos calções ou calças, tentam roubar o maior número possível de “rabos de raposa” aos colegas, tentando, simultaneamente, evitar que roubem o seu. Devem colocar os panos/fitas conquistadas junto à sua. O jogador sem rabo pode continuar em jogo, tentando retirar o pano/fita aos colegas.

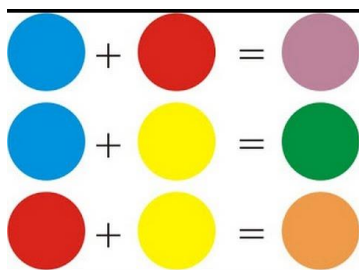


Ainda esta semana, fizemos uma atividade experimental: “Poção mágica? O que irá sair do caldeirão?”. Aproveitando a temática da bruxa e dando azo ao suspense que ela traz ao imaginário das crianças, surgiu esta ideia de, com eles, criarmos uma “poção mágica” da bruxa Carlota. O que saiu da poção mágica foi um pega-monstros, mas, até lá, as crianças não sabiam o que iria sair do caldeirão.

Para esta atividade, cada criança teve à sua disposição um copo de plástico, no qual verteu um tubo de cola. Seguidamente, juntaram duas gotas de corante alimentar (cuja cor foi escolhida por eles).

Terminada esta fase, as crianças observaram o borato de sódio a dissolver-se em 475 ml de água. Quando o borato de sódio se dissolveu, as crianças (com ajuda) adicionaram-no pouco a pouco à cola líquida e mexeram bastante até que a consistência da cola se alterasse, formando o pega-monstros.

Por fim, as crianças retiraram o pega-monstros do copo e exploraram-no livremente, fazendo várias formas com ele relatando o que observavam, nomeadamente a nível do olfato, visão e tato. Esta atividade poderia ter servido de mote para outras atividades, como os sentidos ou a mistura de cores. Com a realização desta atividade, notámos que as crianças ficaram espantadas e não percebiam que juntar mais gotas de outra cor de corante no seu pega-monstros fazia com que aquilo mudasse de cor. A partir daí, poderíamos ter desenvolvido outra atividade, como uma tabela com as três cores primárias – azul, magenta e amarelo (as cores dos corantes utilizados) e com as possíveis misturas entre elas, sendo que as crianças, depois, teriam de desenhar uma bola da cor que se tornou ao misturarem duas dessas cores.



**Registo fotográfico de algumas das atividades desenvolvidas**





**Registro fotográfico de algumas das atividades desenvolvidas**

## **Avaliação da semana 24 a 27 de janeiro de 2017**

Às vezes, as personagens dos livros saltam para a nossa realidade, envolvem-nos num mundo de fantasia que é uma miscelânea entre aquilo que ouvimos, conhecemos e aprendemos.

Dessa miscelânea nasceu a história “A Bruxa que queria ser Fada”, a qual foi criada pelas crianças durante esta semana. Fruto das histórias sobre fadas e bruxas, sobre o mundo mágico que ouviram, surgiu uma nova história, em que a Bruxa Carlota quer ser uma fada.

Começou por se fazer uma seleção de nomes para as fadas, mas, como eram muitos, teve de se ir a votações. Os nomes mais votados venceram, mas faltava decidir que nome teria cada fada. Então, no quadro, colocámos as fotos das cinco fadas e escolhemos o nome para cada uma delas.

No fim, fez-se um cartaz com as fotos das fadas e os seus respetivos nomes, para não nos esquecermos.

Com os nomes decididos, começou a escrever-se a história com as crianças mais velhas do grupo de quatro, cinco e seis anos, que resultou, como já referimos, numa miscelânea de histórias.

Este livro tinha como modelo o livro acordeão “Megalópolis e o Visitante do Espaço”, mas as crianças disseram que queriam fazer um livro “daqueles que costumam fazer”, em que numa página aparece o texto e ao lado a imagem.

Sendo este um trabalho do grupo e para o grupo, considerámos pertinente ir ao encontro das preferências do grupo.

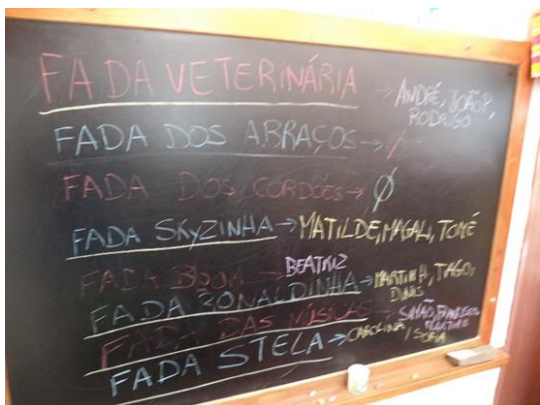
Após o texto estar construído, começou a pensar-se na melhor forma de ilustrar a história. Ficou, então, decidido que seria ilustrada com fotos das fadas e da bruxa, alguns elementos da natureza, materiais de desperdício, tintas, cola e recortes de revistas, entre outros.

Começámos por dividir a história em cenas e retratar cada cena com uma ilustração. Ainda estamos a finalizar este processo, mas já temos algumas páginas terminadas.

Durante estas semanas de estágio, não só refletimos sobre as atividades que tivemos a oportunidade de desenvolver, como também fomos pensando em atividades/temáticas que poderíamos ter desenvolvido ou vir a desenvolver posteriormente com mais tempo. Por exemplo, constatámos que, no recreio, há um grupinho de quatro ou cinco rapazes que passam a maior parte do tempo a jogar futebol, pois têm um grande interesse nessa área. Observámos que, antes de cada partida de jogo, o grupo junta-se, abraça-se e canta o Hino Nacional do início ao fim com aquele espírito de patriotismo que caracteriza as manifestações deste tipo. Outras crianças mais novas juntam-se a eles para cantar, imitando-os nos gestos e expressões.



Eu e a minha colega considerámos isso interessantíssimo! E é algo que poderíamos “aproveitar” para futuras planificações, indo ao encontro dos interesses destas crianças. Sobre esta temática, são possíveis inúmeras atividades, como estudar a cultura da nossa nação, a bandeira portuguesa, o hino, os costumes, etc.



Registo fotográfico de algumas das atividades

desenvolvidas